

Ana Ligia Scaldelai

Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]]
e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional

São José do Rio Preto
2020

Ana Ligia Scaldelai

Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza

São José do Rio Preto
2020

S281s Scaldelai, Ana Ligia
Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional / Ana Ligia Scaldelai. -- São José do Rio Preto, 2020
124 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Edson Rosa Francisco de Souza

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Língua Portuguesa. 4. Intensificação. 5. Subesquemas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Ana Ligia Scaldelai

Os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português sob a perspectiva construcional

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
UFF – Rio de Janeiro

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto

10 de março de 2020

A minha mãe pelo amor e apoio incondicionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora pela obtenção do título de Mestra. Com Eles pude vencer todos os obstáculos que me foram postos ao longo desta árdua jornada.

Com muita ternura, agradeço aos meus pais, Atilio e Laildes, e ao meu irmão, Ricardo, que, como uma grande família, nunca mediram esforços para que eu conquistasse meus objetivos.

Também agradeço ao meu marido, Marcos, meu grande companheiro, que esteve ao meu lado nesta caminhada e me deu conforto através de suas sábias palavras.

Sou muito grata ao meu orientador e Professor Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, por me inserir no mundo acadêmico e aceitar conduzir este trabalho de pesquisa, desde a Iniciação Científica, na graduação, até ao Mestrado, sempre muito acessível, dedicado, atencioso e compreensivo.

Não poderia deixar de agradecer à Professora Dr^a. Talita Storti Garcia e aos Professores Dr. Ivo da Costa do Rosário e Dr. Roberto Gomes Camacho pelas contribuições significativas para esta dissertação.

Agradeço, ainda, a minha Universidade e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade de ensino oferecida.

A todos, o meu muitíssimo obrigada!

RESUMO

A intensificação é um processo rotineiro na vida de todos nós falantes de uma língua, uma vez que é a partir dela que tentamos convencer, reforçar, persuadir, isto é, mudar a informação pragmática do nosso interlocutor acerca daquilo que temos em mente e do que estamos vivenciando. Como afirma Costa (2010, p. 62), as experiências e as ações que o indivíduo vivencia em seu cotidiano não são sempre iguais, elas se diferenciam por diversos motivos, e um deles é a intensidade com que ocorrem, podendo variar entre maior ou menor força. Logo, as microconstruções intensificadoras do português, do tipo *morto de fome*, *podre de rico*, *cansado pra caramba*, entre outras, são utilizadas na língua com a função de exprimir uma noção superelevada acerca de algo, que ultrapassa os limites do que é concebido como relativamente normal pelo falante. Assim, tais construções intensificadoras funcionam como estratégias discursivas que lançam mão do recurso da metaforização, isto é, não carregam consigo somente o sentido literal, mas também outros significados (construídos via metáfora ou metonímia). Apresentam um pareamento direto de forma-sentido (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006), com uma estrutura sequencial, que inclui tanto posições fixas quanto posições abertas e apresentam diferentes graus de esquematicidade, composicionalidade e analisabilidade. Sendo assim, com base nos pressupostos teóricos da abordagem construcional (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010), o objetivo deste trabalho é analisar os subesquemas intensificadores [*morto de [X]*], [*podre de [X]*] e [*[X] pra caramba*] com o intuito de verificar o processo de construcionalização dessas construções rumo a construções intensificadoras no português, haja vista que, em outros contextos, construções semelhantes, de natureza qualificadora, são totalmente composicionais, ou seja, preservam ainda todos os seus traços lexicais de estruturas modificadoras. Para tanto, utilizaremos como universo de investigação os textos do *Corpus do Português* (DAVIES e FERREIRA, 2006; 2015).

Palavras-chave: Abordagem construcional. Intensificação. Subesquemas.

ABSTRACT

Intensification is a routine process in all of our lives' who speaks a language, since it is from there we try to convince, reinforce, persuade, it means, change the pragmatic information of our interlocutor about what we have in mind and what we are experiencing. As Costa (2010, p. 62) states, the experiences and actions that individuals experience in their daily lives are not always the same, they differ for different reasons and one of them is the intensity with which they occur, which may vary between greater or lesser strength. Therefore, the peripheral intensifying microconstructions of Brazilian Portuguese, of the type "morto de fome", "podre de rico", "cansado pra caramba", among others, are used in the language with the function of expressing a superelevated notion about something, which goes beyond the limits of what is conceived to be relatively normal by the speaker. thus, such intensifying constructions function as discursive strategies that use the resource of metaphorization, wich means, they carry not only the literal meaning, but also other meanings (constructed via metaphor or metonymy). They present a direct pairing in a meaningful way (CROFT, 2001; Goldberg, 2006), with a sequential structure, which includes both fixed and open positions and show different degrees of schematicity, compositionality and analyzability. Therefore, based on the theoretical assumptions of the constructional approach (Traugott and Trousdale, 2013; Bybee 2010), this study's objective is to analyze the intensifying subschemas [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] in order to verify the construction process of these constructions towards intensifying constructions in portuguese, considering that, in other contexts, similar constructions, of qualifying nature, are totally compositional, meaning that, they still preserve all their lexical ties of modified structures. To do so, it's used the corpus of Portuguese texts as a universe of investigation (Davies and Ferreira, 2006: 2015).

Keywords: Constructional approach. Intensification. Subschema.

LISTA DE ESCALAS

3. A intensificação

- Escala 1 – Escala subjetiva de intensificação: predicções do vinho. Fonte: elaboração própria. 54
- Escala 2 – Escala subjetiva de intensificadores simples e perifrásticos. Fonte: COSTA (2010, p. 114). 54

LISTA DE ESQUEMAS

2. Subsídios teóricos

- Esquema 1 – Modelo de representação de rede construcional. Fonte: LANGACKER (2008) apud TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 51). 29
- Esquema 2 – Representação de uma pequena rede conceitual. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 9). 30
- Esquema 3 – Rede conceitual de modificadores. Fonte: adaptado de SILVA (2017, p. 46). 31
- Esquema 4 – Relações hierárquicas de gradiência entre construções. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 17, tradução nossa). 31
- Esquema 5 – Relações hierárquicas da expressão de sentido nos conectivos do português atual. Fonte: CEZARIO, SILVA e SANTOS (2015, p. 239). 38
- Esquema 6 – Esquema de representação para algumas construções lexicais em –able. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 153). 39

5. Origem e contextos de formação dos subesquemas intensificadores perifrásticos

- Esquema 1 – Esquematização e subesquematização dos subesquemas intensificadores no português. Fonte: elaboração própria. 72
- Esquema 2 – Esquematização e subesquematização do subesquema intensificador *morto de*. Fonte: elaboração própria. 79
- Esquema 3 – Esquematização e subesquematização do subesquema intensificador *podre de*. Fonte: elaboração própria. 84
- Esquema 4 – Esquematização e subesquematização do subesquema intensificador *pra caramba*. Fonte: elaboração própria. 89

6. Análise e resultados obtidos

- Esquema 1 – Relações hierárquicas de gradiência entre esquema, subesquemas mais genéricos e subesquemas intensificadores no português. Fonte: SCALDELAISALLES e SOUZA, 2020. 91
- Esquema 2 – Relações hierárquicas de gradiência entre esquema, subesquemas mais genéricos e subesquemas intensificadores no português. Fonte: SCALDELAISALLES e SOUZA, 2020. 92

LISTA DE FIGURAS

2. Subsídios teóricos

Figura 1 – Modelo simbólico de uma construção. Fonte: CROFT (2001, p.18). 27

4. Procedimentos metodológicos

Figura 1 – Página inicial. Fonte: Site *Corpus do Português Now*. 62

Figura 2 – Busca do subesquema morto de. Fonte: Site *Corpus do Português Now*. 63

Figura 3 – Frequência do subesquema morto de. Fonte: Site *Corpus do Português Now*. 63

Figura 4 – Ocorrências do subesquema morto de. Fonte: Site *Corpus do Português Now*. 63

Figura 5 – Contexto ampliado. Fonte: Site *Corpus do Português Now*. 64

LISTA DE GRÁFICOS

6. Análise e resultados obtidos

Gráfico 1 – Escopos do subesquema intensificador morto de separados por grupos. Fonte: elaboração própria.

101

LISTA DE QUADROS

2. Subsídios Teóricos

Quadro 1 – As dimensões das construções. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 13). 27

5. Origem e contextos de formação dos subesquemas intensificadores perifrásticos

Quadro 1 – Tipologia de contextos. Fonte: DIEWALD (2002, 2006) apud ROSÁRIO e OLIVEIRA (2016, p. 237). 74

Quadro 2 – Tipologia de contextos de mudanças do subesquema *morrer de*. Fonte: elaboração própria. 75

Quadro 3 – Trajetória de mudança construcional do subesquema *morto de* com base em seus contextos de uso de Diewald (2002, 2006). Fonte: elaboração própria. 76

Quadro 4 – Tipologia de contextos de mudanças do subesquema *podre de*. Fonte: elaboração própria. 80

Quadro 5 – Trajetória de mudança construcional do subesquema *podre de* com base em seus contextos de uso de Diewald (2002, 2006). Fonte: elaboração própria. 81

Quadro 6 – Tipologia de contextos de mudanças do subesquema *pra caramba*. Fonte: elaboração própria. 85

Quadro 7 – Trajetória de mudança construcional do subesquema *pra caramba* com base em seus contextos de uso de Diewald (2002, 2006). Fonte: elaboração própria. 86

7. Considerações Finais

Quadro 1 – Características dos subesquemas intensificadores. Fonte: elaboração própria. 116

LISTA DE TABELA

4. Procedimentos metodológicos

Tabela 1 – Emergência e frequência dos subesquemas intensificadores na história do português.
Fonte: elaboração própria. 69

5. Origem e contextos de formação dos subesquemas intensificadores perifrásticos

Tabela 1 – Tipo de elemento modificado pelo subesquema intensificador. Fonte: elaboração própria. 100

Tabela 2 – Escopos dos grupos fisiologia e sentimento do subesquema intensificador morto de.
Fonte: elaboração própria. 101

Tabela 3 – Valor semântico-pragmático veiculado pelo subesquema intensificador. Fonte: elaboração própria. 106

Tabela 4 – Tipo de gênero textual em que o subesquema ocorre. Fonte: elaboração própria. 110

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2. SUBSÍDIOS TEÓRICOS	24
2.1. Aspectos gerais da abordagem construcional da linguagem	24
2.2. Definição de construção	26
2.3. Os conceitos de língua e de rede construcional	28
2.4. Processos cognitivos de domínio geral e suas relações com a linguagem	32
2.5. Mudança construcional e construcionalização: distinções operacionais	35
3. A INTENSIFICAÇÃO	42
3.1. A intensificação e sua funcionalidade	42
3.2. Alguns recursos de intensificação	45
3.3. A escala subjetiva de intensificação	51
3.4. Os subesquemas intensificadores perifrásticos	55
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	61
4.1. Formação do <i>corpus</i>	62
4.2. Parâmetros de análise e objetivos específicos	64
5. ORIGEM E CONTEXTOS DE FORMAÇÃO DOS SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES PERIFRÁSTICOS	69
5.1. Emergência dos subesquemas intensificadores perifrásticos [podre de [x]], [morto de [x]] e [[x] pra caramba] na história do português	69
5.2. Formação do subesquema intensificador [morto de [x]]	73
5.3. Formação do subesquema intensificador [podre de [x]]	80
5.4. Formação do subesquema intensificador [[x] pra caramba]	84
6. ANÁLISE E RESULTADOS OBTIDOS	90
6.1. A frequência dos três subesquemas intensificadores	90
6.2. Grau de generalização esquemática do subesquema intensificador	90
6.3. Tipos de ligação do subesquema intensificador perifrástico com os subesquemas mais gerais	93
6.4. Grau de transparência semântica do subesquema intensificador	95
6.5. Possibilidade de o subesquema intensificador ser flexionado em número ou em gênero	97
6.6. Possibilidade de o subesquema intensificador ser derivado em formas de grau diminutivo ou aumentativo por meio de sufixos	99
6.7. Tipo de elemento modificado pelo subesquema intensificador	100
6.8. Valor semântico-pragmático veiculado pelo subesquema intensificador	105

6.9. Gênero textual em que o subesquema intensificador ocorre	110
6.10. Grau de consolidação e produtividade dos subesquemas construcionais de intensificação [adj + prep + [x]] e [[x] + prep + n]	113
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	118

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao interagir com outros usuários da língua, o falante sempre tem em mente alguma intenção comunicativa. Às vezes, seu intuito é apresentar uma informação nova, corrigir ou substituir alguma informação que ele acredita estar errada ou inadequada, ou então, enfatizar, contrastar ou acrescentar alguma informação que ele julga relevante para o seu interlocutor (DIK, 1989). Nesse contexto, avaliar, de maneira intensificada ou não, algum aspecto de algo que nos rodeia, como paisagens, pessoas, lugares, sentimentos, eventos, experiências, entre outros, é algo frequente e importante nas interações do cotidiano (SCALDELA SALLE e SOUZA, 2020). Tal necessidade evidencia que, durante o processo de comunicação, os usuários da língua mobilizam diferentes conhecimentos, experiências e estratégias para alcançar os seus objetivos comunicativos (SCALDELA SALLE e SOUZA, 2020).

Ao processar o discurso, como destacam Martelotta e Alonso (2012),

o falante atualiza uma série de mecanismos de natureza cognitiva, essenciais aos seres humanos, como simbolização, transferências entre domínios, armazenamento de informação na memória, processamento e interpretação da informação, entre outras (a gramática está, dentro da visão referida, essencialmente relacionada a esses mecanismos gerais). [...] Parece que a relação linguagem-realidade-cognição se coloca de modo muito imbricado dentro da perspectiva centrada no uso [...]. (MARTELOTTA e ALONSO, 2012, p. 99).

Assim, examinar a língua com base em um modelo teórico baseado no uso implica reconhecer que a estrutura linguística reflete, de algum modo, a estrutura da experiência do falante com relação ao mundo (LANGACKER, 1987). Dessa maneira, buscamos compreender como as palavras se agrupam em uma língua e como a mudança linguística se desenvolve, fazendo emergir novas construções no sistema linguístico, mais especificamente o caso dos subesquemas intensificadores do português. Nosso intuito nesta dissertação é, portanto, analisar tais subesquemas, como os exemplificados em (1), (2) e (3)¹, extraídos do *Corpus do Português*.

- (1) Eles jogam para um mesmo clube, em aqueles 90 minutos eles trabalham juntos. Fora aquilo, é o que o mundo é. Um mundo muito egoísta pensando em si mesmo. Os jogadores hoje preferem ficar quietos, porque... " pô, já tô ganhando bem **pra caramba**, moro bem, tenho contrato. Pra que eu vou abrir a boca pra falar alguma coisa sobre política? (brasil.estadao.com.br/blogs/)
- (2) Em retorno triunfal, Clara fica **podre de** rica e inicia grande vingança em “O Outro Lado do Paraíso”. A protagonista de O Outro Lado do Paraíso ainda

¹ A numeração dos exemplos, quadros, tabelas e afins está organizada por capítulos e não de forma sequencial.

enfrentará muita dor e sofrimento nos próximos capítulos. (www.otvfoco.com.br/em-retorno-triunfal-clara-fica-podre-de-rica-e-inicia)

- (3) A voz afastou-se do telefone. Para alguém ao lado, murmurou alguma coisa que não entendi. E tão rápido que não tive tempo sequer de abaixar o volume do Mozart, outra voz de homem atendeu. Parecia também **morto de** sono. Talvez dormissem juntos, pensei, Arandir e Alberto Veiga. (19:Fic:Br:Abreu)

Como se pode verificar, as construções em negrito de (1) a (3) ilustram casos de subesquemas intensificadores de natureza perifrástica, cuja função é expressar um valor superelevado, exagerado ou demasiadamente intensificado acerca de alguma característica (física ou psicológica), pessoa, objeto, evento e afins. Em (1), por exemplo, o subesquema intensificador *pra caramba*, representante do subesquema mais genérico [[X] + PREP + N], modifica o sentido expresso pelo advérbio *bem*, no sentido de evidenciar que o jogador de futebol está ganhando um bom salário, bem acima do esperado, o que justifica o uso da expressão perifrástica *pra caramba*. Em (2), apesar de a expressão intensificadora ser diferente em termos estruturais, oriunda do subesquema [ADJ + PREP + [X]], o que se verifica é algo semelhante ao que ocorre em (1), ou seja, o subesquema *podre de* é usada pelo falante para intensificar a transformação sofrida pela personagem Clara da novela *O outro lado do Paraíso*, a qual se tornou muito rica e retorna à cidade para se vingar de seus inimigos. Em (3), o subesquema *morto de*, também pertencente ao esquema [ADJ + PREP + [X]], que modifica o verbo *parecer*, tem como objetivo intensificar de maneira exagerada, assim como as outras duas, o estado de cansaço/sono da personagem.

Os subesquemas intensificadores, como apresentados acima, são distintos daquelas construções intensificadoras classificadas como simples ou tradicionais (pelo fato de serem as mais citadas pelos gramáticos), como se vê em (4) e (5):

- (4) A Mônica comeu **bastante** por isso é forte de aquele jeito, já a Magali....", brinca o desenhista, que engajou a campanha em nome de sua principal personagem, a dentucinha e sabichona Mônica. (http://revistagloborural.globo.com/Revista/Common)
- (5) O multi-instrumentista Hermeto Pascoal, com quem Carter também gravou em os anos 70, também é de a turma brasileira mais chegada a Carter. # "Tom Jobim era uma pessoa **muito** engraçada, um gênio em a criação de histórias. (https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/lenda-do-jazz-contrabaixista)

As expressões destacadas em (4) e (5) apesar de cumprirem o mesmo papel das expressões apresentadas nos exemplos anteriores, que é o de intensificar algo (*comer bastante* e *muito engraçada*, respectivamente), têm alguns aspectos que as diferenciam: (i) as construções representadas em (4) e (5) dispõem uma estrutura simples, isto é, são formadas por um único elemento (o próprio advérbio), ao passo que os subesquemas de natureza perifrástica são formados por dois ou mais elementos (verbos, substantivos, adjetivos e preposições); e (ii) o valor de intensificação veiculado pelos subesquemas em (1), (2) e (3) é de grau elevado, exagerado ou hiperbólico, enquanto as construções (4) e (5) veiculam menor intensidade. É possível, segundo Costa (2010), estipular uma escala de intensificação que vai do menos para o mais intensificado, em que os casos de subesquemas intensificadores, formados pela junção de dois ou mais elementos (incluindo uma preposição), serão alocados no polo de maior intensidade da escala, enquanto as construções intensificadoras tradicionais ficarão no polo de menor intensidade informacional.

Como se pode notar, o recurso da intensificação tem para o falante a função de atingir algum propósito comunicativo específico ou diferente, cuja dimensão ou intensidade de algum aspecto ligado a algo, pessoa ou a algum evento ultrapassa os limites tidos como relativamente normais para tal situação, que, em geral, estão relacionados aos intensificadores simples. Em outros termos, conforme Silva (2008), a intensificação tem a ver com a necessidade que o falante tem de exprimir uma noção superelevada acerca de algo, por isso estamos a todo tempo intensificando eventos, estados, emoções, seja com mais ou menos força. Logo, a intensificação funciona como um processo avaliativo muito produtivo não só no português como em várias outras línguas, o que a torna um fenômeno translinguístico.

Dito isso, a decisão inicial de estudar esses três subesquemas intensificadores do português se deve ao fato de eles serem bastante frequentes e produtivos nos contextos de interação, mas ainda apresentarem uma escassez teórica muito grande. O modo como os recursos de intensificação é abordado nas gramáticas tradicionais, que focam em geral os intensificadores simples, é um bom balizador para situar a problemática do tema e também para justificar o nosso interesse pelo estudo dos subesquemas intensificadores. As gramáticas de uso, que estão ancoradas em uma abordagem descritiva, também fazem apenas algumas menções à existência dessas construções, o que mais uma vez reforça a relevância da proposição desta pesquisa.

Encontrar uma definição do que seja a intensificação nas gramáticas normativas, (ROCHA LIMA, 1972; CUNHA e CINTRA, 2007; BECHARA, 2009), é algo difícil, como já

esperado, uma vez que essas gramáticas “têm por finalidade didática recomendar um modelo de língua, assinalando as construções “corretas” e rejeitando as “incorretas”, ou não recomendadas pela tradição culta” (BECHARA, 2014, p. 20), o que faz com que seus exemplos estejam sempre mais atrelados aos advérbios de gradação ou à repetição de termos adverbiais, tais como *muito*, *bastante*, *pouco*, *extremamente*, dentre outros. Rocha Lima (1972), apresenta alguns advérbios de intensidade que podem se ligar a adjetivos ou a outros advérbios para indicar-lhes o grau superlativo, como: *muito* belo (= *belíssimo*), vender *muito* barato (= *baratíssimo*). Também aborda as partículas de intensidade *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, *assaz*, *quão*, *tão*, etc, que podem concorrer para expressar flexão de grau de adjetivos e advérbios, como por exemplo: *Tão forte contra os homens, tão sem força [Contra coisa tão fraca.* (Gonçalves Dias); *É tarde! É muito tarde!...* (Mont’Alverne) e, por fim, menciona que há formas sintéticas para o grau dos advérbios: *pertíssimo*, *cedinho*, *agorinha*.

Cunha e Cintra (2007), na obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, assinalam que os advérbios de intensidade, e as formas correlatas podem reforçar o sentido de: a) um adjetivo: *Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, muito edificante e vasta.* (Guimarães Rosa, S, 346); b) um advérbio: – *Mas passei a noite mal! bem mal!* (J. Régio, JÁ, 102). Já na gradação dos advérbios, especificamente no grau superlativo, os autores apresentam duas formas possíveis de realização: a) sintética (com acréscimo de sufixo): *muíttíssimo*; *pouquíssimo*, e b) analítica (com ajuda de um advérbio indicador de excesso): *Machado, o funcionário e diretor de repartição, muito mal se conhece.* (T. Martins Moreira, VVT, 78.). Bechara (2009), em *A moderna gramática portuguesa*, apresenta também a intensificação dos advérbios, especificando a gradação dos advérbios de modo no comparativo e no superlativo. O autor explicita que “na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português” (BECHARA, 2009, p. 295).

Diferentemente de Rocha Lima e de Bechara, Cunha e Cintra apresentam, de forma mais específica, outros formatos dos superlativos que funcionam como intensificadores: a) a repetição do advérbio e do adjetivo: *Vê-se logo logo a intenção!...* (M. da Fonseca, SV, 30.); *É um Abril de pureza: – é lindo, lindo!* (A. Ribeiro, V, 32.); b) diminutivo com valor superlativo: *Vem cedinho, vem logo que amanheça!* (E. de Castro, UV, 59.); c) o acréscimo de um prefixo ou de um pseudo prefixo: *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*, (*arquimilionário*, *hipersensível*); d) uma comparação breve: – *Isso é claro como água.* (Castro Soromenho, TM, 101.); e) artigo definido marcado por uma tonicidade e uma duração particular: *Ela não é*

apenas uma excelente cantora, ela é a cantora [= *a incomparável, a melhor de todas*]; e f) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= riquíssimo], *Podre de rico! Nem sabe o que tem de seu!* (V. Nemésio, NPM, 102.), *de mão cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos], *A Zorilda era uma pianista de mão cheia*. (H. Sales, DBFM, 120.), e outras semelhantes.

Por outro lado, para as gramáticas de uso, como a *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010), de Ataliba Castilho, a intensificação é definida como um “recurso para tornar mais forte, mais intenso, um processo (verbo), uma qualidade (adjetivo) ou uma circunstância (advérbio), por meio de classes próprias, coletivamente denominadas *intensificadores*”. A partir da explicação dada por Castilho, observamos que as gramáticas descritivas (BAGNO, 2011; CASTILHO, 2010; NEVES, 2011) – cujo objetivo é “registrar e descrever um sistema linguístico em todos os seus aspectos (e em todas as suas variedades), sem pretender recomendar um modelo exemplar” (BECHARA, 2014, p. 19) – apresentam um olhar mais apurado ao fenômeno e, conseqüentemente, tecem mais considerações acerca do processo de intensificação, dizendo que, além dos advérbios e dos adjetivos de gradação e sufixos derivacionais, a intensidade no português pode também ser expressa por meio de adjetivos e expressões preposicionadas (*horrores, de morrer, pra chuchu, de lascar*). Castilho (2010) diz que, através da intensificação: a) um substantivo torna-se adjetivo, como visto em *Fulano é muito homem*; b) como observado em Kato (1988:7), que a colocação do adjetivo pré-nominal se dá quando os adjetivos são de intensificação *perfeito idiota*. Em sua gramática, Bagno (2011) também faz menção ao uso de advérbios no diminutivo que exprimem ênfase ou afetividade, como: *agorinha, cedinho, de manhãzinha, de tardezinha, à noitinha, à tardinha, depressinha, devagarinho, loguinho, nunquinha, todinho (a)*, etc.

A partir dessa pequena discussão, constatamos, como dito inicialmente, que a intensificação perifrástica é um tema pouquíssimo tratado não só nas gramáticas, mas também em outros trabalhos, ainda mais quando se trata de subesquemas intensificadores de natureza perifrástica, como *lindo [de morrer], feio [pra chuchu], correu [pra caramba], [roxo de] ódio, [vermelho de] raiva*, entre outras, cujo intuito é, como já visto, o de realçar, mas com graus diferentes de frequência e de produtividade no português. Assim, motivada pelo interesse em investigar algum aspecto da língua em uso, o primeiro contato com o tema se deu ainda no curso de Licenciatura em Letras, realizado na Unesp de São de José do Rio Preto/SP.

No primeiro estágio de Iniciação Científica, desenvolvido em 2016, discutimos primeiramente o conceito de intensificação, os tipos de intensificadores e suas funcionalidades

no português, e realizamos um levantamento acerca dos subesquemas intensificadores mais usuais nas situações de comunicação – tal pesquisa foi essencial para a escolha do objeto de estudo da presente dissertação. No ano seguinte (SCALDELA, 2017), já com bolsa Fapesp (Proc. nº. 2016/00998-0)², avançamos na reflexão acerca do processo de intensificação sob a perspectiva teórica dos modelos baseados no uso (BYBEE, 2010, 2016; CROFT, 2011; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, dentre outros). Por conseguinte, verificamos que a intensificação é um processo rotineiro presente na vida de todo falante, uma vez que é a partir desse processo que o falante busca a todo tempo, reforçar, fortalecer algo.

Perguntas como: *O que é a intensidade? Qual é a finalidade de se intensificar algo? Quais são as palavras e expressões que funcionam como intensificadores no português?* serviram para nos mostrar que certas expressões causam mais impacto durante a interação que outras; essa diferença decorre do grau de intensidade que o falante deseja imprimir ao seu discurso. Entre os vários tipos de estratégias intensificadoras identificadas na Iniciação Científica, que variam em termos de estrutura e de categoria linguística que se torna alvo do escopo de intensificação (verbo, adjetivo, advérbio etc), estão os seguintes subesquemas: (i) [podre de [X]], [morto de [X]], [vermelho de [X]], (ii) [[X] pra burro], [[X] pra caramba], [[X] pra chuchu], (iii) [[X] de doer], [[X] de morrer] etc, que são instanciadas, respectivamente, pelos seguintes subesquemas [ADJ + PREP + [X]], [[X] + PREP + N] e [[X] + PREP + VERBO inf], nos termos da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013). Além das diferenças estruturais e do escopo, tais subesquemas também se diferenciam, ao que tudo indica, no que se refere aos tipos de elos que elas mantêm com outros subesquemas e esquemas construcionais, e, principalmente, no que se refere à natureza semântica, à configuração esquemática dessas construções e à produtividade (em termos de frequência *type* e *token*, segundo Bybee, 2003) que esses subesquemas apresentam no português.

Comparemos, a título de distinção, os subesquemas intensificadores que aparecem acima com casos de construções, de natureza qualificadora ou quantificadora, que aparecem de (6) a (9) a seguir:

- (6) O menino chegou ao hospital **morto de** intoxicação.
- (7) O cliente do restaurante sentiu o cheiro de **podre da** comida.

² A pesquisa de Iniciação Científica “Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro” foi desenvolvida com o apoio da FAFESP e foi orientada pelo Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL - IBILCE/UNESP.

- (8) O agricultor colheu **inúmeros chuchus** na semana passada.
- (9) Hortas para oeste poderão ser ótimas **para chuchus** e morangas, mas para as folhosas como alfaces, rúculas e radites são grande desastre. (www.fazfacil.com.br)

Ainda que os contextos de uso dos subesquemas intensificadores sejam semelhantes, as construções de (6) a (9) além de serem totalmente composicionais, isto é, preservarem seus traços lexicais de estruturas de causa (como em (6)), de modificação/qualificação (como em (7)), de quantificação (como em (8)) e, de finalidade/beneficiário (como em (9)), também apresentam significados originais para os termos que compõem as construções, bem como mantêm, em suas composições, marcações de número (*inúmeros chuchus*) e de gênero (*(os) chuchus*), e a presença de modificador (*da comida/* para chuchu). Nota-se nesse caso, portanto, que a perda de certos elementos morfossintáticos fora necessária para que tais construções passassem a funcionar como construções intensificadoras³.

Dessa maneira, uma questão que se coloca como importante é *como se deu o processo de mudança linguística envolvendo tais construções que culminou na emergência de construções com função intensificadora no português?*

Para responder a esse questionamento, listamos como objetivo geral desta dissertação o seguinte: examinar, com base nos pressupostos teóricos da abordagem construcional (BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), a partir de uma perspectiva diacrônica, os subesquemas intensificadores perifrásticos [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português, buscando verificar (i) a configuração esquemática dessas construções em termos hierárquicos (em especial no que se refere às relações com outros subesquemas e esquemas mais abstratos de intensificação); (ii) a natureza composicional (que pode ajudar a explicar como essas construções passaram, ao que parece, de construções qualificadoras e quantitativas a construções intensificadoras na língua, com mudanças de natureza semântica e morfossintática); e (iii) o grau de produtividade (de como tais construções passaram a figurar em subesquemas de intensificação no português). A fim de cumprir o objetivo geral da pesquisa, estipulamos quatro objetivos específicos, a saber:

- (i) Investigar, em termos diacrônicos, a emergência dos subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português, buscando identificar quais processos

³ Agradecemos ao Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário pelas significativas contribuições quanto à configuração esquemática das construções listadas de (6) a (9).

cognitivos e mecanismos de mudança (analogização e neoanálise) operam diretamente na composição e na convencionalização desses subesquemas na língua.

(ii) Averiguar que tipos de ligação se estabelecem entre os subesquemas intensificadores aqui analisados e outros subesquemas e esquemas mais abstratos de intensificação, ou seja, averiguar se tais ligações se dão por meio de elos relacionais (polissemia, metafórico, subparte ou particular) ou por meio de elos de herança (em termos de forma ou de significado).

(iii) Examinar a natureza dos subesquemas intensificadores, no tocante a sua esquematicidade (relações hierárquicas de organização), a sua manutenção ou perda de composicionalidade e também a sua produtividade, com vistas a aferir o grau de autonomia desses subesquemas na língua, como sendo resultado de um novo pareamento de forma e significado no português.

(iv) Avaliar, com base na proposta de contextos linguísticos de mudança de Diewald (2002, 2006), o processo de formação e a trajetória de mudança linguística pelos quais passam esses subesquemas intensificadores, de modo a identificar as propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas que favorece(ram) o processo de convencionalização desses subesquemas.

Em suma, fomentar a discussão acerca do processo de intensificação e de suas formas de codificação na língua, e, principalmente, compreender como as palavras se agrupam fazendo emergir, assim, novas construções no sistema linguístico, assim como os subesquemas intensificadores aqui estudados, são argumentos que, somados aos demais já apresentados aqui, justificam a realização desta pesquisa. Ademais, a investigação acerca deste tema, a partir da perspectiva teórica da abordagem construcional (BYBEE, 2010, 2016; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), que toma como unidade de análise a construção, é mais outra justificativa para a proposição deste estudo, uma vez que as pesquisas sobre mudança linguística, já realizadas no Brasil, estão assentadas, em grande parte, em uma abordagem mais clássica dos estudos de Gramaticalização (TRAUGOTT, 1995, entre outros).

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: as considerações iniciais abrem o texto com uma breve apresentação do fenômeno; já no primeiro capítulo, apresentamos os subsídios teóricos que embasam o desenvolvimento da pesquisa; no segundo, tratamos do

processo de intensificação e de suas formas de codificação no português; no terceiro capítulo, discorremos sobre a composição do *corpus* de análise e os procedimentos metodológicos; no quarto, abordamos a origem e os contextos de formação dos subesquemas; no quinto capítulo, apresentamos a análise dos dados a partir de um conjunto de parâmetros de análise; e por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas encerram a dissertação.

2. SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Esta pesquisa baseia-se na perspectiva teórica dos modelos baseados no uso, doravante (MBU), mais especificamente na perspectiva teórica da abordagem construcional da linguagem de Traugott e Trousdale (2013) e de Bybee (2010; 2016), para os quais as construções de uma língua, que se organizam na forma de rede, resultam de pareamentos de forma e significado. Para a abordagem construcional (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2010), a língua é definida como um sistema dinâmico e adaptativo, isto é, ela exibe estrutura regular aparente, ao mesmo tempo em que mostra uma grande variabilidade e gradiência.

A gradiência “se refere ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente porque a mudança ocorre no tempo de um modo gradual, movendo um elemento de uma categoria a outra ao longo de um contínuo” (BYBEE, 2016, p. 18). Já a variação “se refere ao fato de que unidades e estruturas da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias de mudança que criam a gradiência” (BYBEE, 2016, p. 18). Além disso, trabalharemos com a proposta de contextos linguísticos de mudança de Diewald (2002; 2006) para averiguarmos qual o processo de formação e a trajetória de mudança linguística pelos quais passam os subesquemas intensificadores.

Veremos, no decorrer deste capítulo, como esses e outros conceitos da abordagem construcional e da perspectiva teórica dos MBUs operam para a criação e cristalização dos subesquemas intensificadores de natureza perifrástica no português.

2.1. Aspectos gerais da abordagem construcional da linguagem

A principal diferença entre a abordagem clássica dos estudos de gramaticalização (HOPPER e TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995; dentre outros) e a abordagem construcional dos estudos de mudança linguística, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), consiste no entendimento de que, para os modelos construcionais, de maneira geral, a mudança linguística ocorre no interior de construções linguísticas, isto é, para autores como Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010), são as construções que mudam na língua. Nesse entremeio, Traugott e Trousdale (2013) listam os principais conceitos teóricos que servem de suporte para o modelo de mudança linguística baseado no uso apresentado por eles:

- a) A **língua** é entendida como resultado de pareamentos de forma-significado, ou ainda, de construções organizadas em rede (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 1).
- b) Os **estratus** que compõem a gramática da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico e o pragmático) **não são segmentados ou compartimentados**, muito menos mantêm entre si algum tipo de relação de primazia (de um ser mais importante do que outro). Todos são igualmente importantes.
- c) O **sistema linguístico** em perspectiva construcional é **holístico**, isto é, as informações e as estruturas linguísticas estão interligadas, no sentido de que se procura entender o funcionamento da língua na sua totalidade.
- d) A estrutura linguística **não é** vista como **inata**, mas deriva de processos cognitivos de domínio geral, definidos como ações praticadas pelos ouvintes/falantes que se envolvem na interação, incluindo produção e percepção *online*.
- e) A **mudança linguística** é vista como unidades simbólicas convencionalizadas em uma comunidade (que passam por um processo de convencionalização na língua, ou seja, que se estendem de um uso restrito e individual para um uso coletivo). A mudança linguística se dá no uso, razão pela qual o *locus* da mudança é o próprio constructo, ou seja, o exemplar linguístico colocado à disposição do usuário. Assim, a *inovação* está localizada na mente individual do falante como um potencial para a mudança; a partir do momento em que essa inovação se espalha para outros falantes, sendo, pois, replicada entre a população, ela passa a ser vista como um caso de mudança, resultado de uma convencionalização.
- f) O **foco do modelo teórico** é desenvolver maneiras de pensar sobre a criação e a natureza das mudanças nas construções, entendidas como “unidades simbólicas convencionais” (LANGACKER 1987; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 1).
- g) As **construções** apresentam os seguintes traços definidores: são *convencionais*, pois elas são compartilhadas por um determinado grupo de falantes; são *simbólicas*, pois constituem signos arbitrários, isto é, a relação entre forma-significado não é motivada; são definidas como *unidades*, ou porque já estão radicadas na mente dos

usuários da língua, por serem muito frequentes (GOLDBERG, 2006), ou porque apresentam um comportamento idiossincrático/particular de um grupo (GOLDBERG, 1995 *apud* TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 1).

- h) Traugott e Trousdale (2013) concebem como **mecanismos de mudança** os mecanismos de *analogização* e *neoanálise*, de maneira a separar o que é motivação (pensamento analógico e analisador/parsing) do que são processos que resultam em mudanças linguísticas.

A partir da exposição dos principais conceitos do modelo de mudança linguística baseado no uso, compreenderemos mais claramente as definições de construção e de rede construcional, temas dos próximos subcapítulos. Analisemos atentamente cada um.

2.2. Definição de construção

Para a perspectiva teórica dos MBUs, que inclui a abordagem construcional da linguagem (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), a construção é concebida como a unidade básica da língua e é decorrente de pareamentos de forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e significado (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais⁴), ambos interligados por meio de elos de correspondência simbólica. Nas palavras de Goldberg (1995, p. 4), o termo construção pode ser assim entendido: “C é uma construção se e somente se C é um pareamento forma/significado, de modo que algum aspecto de F_i (forma), ou algum aspecto de S_i (significado), não é estritamente predizível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas”. Em outras palavras, o surgimento de uma nova construção na língua está sempre relacionado ao surgimento também de um novo significado, o que explica dizer que quando uma nova forma emerge na língua com um significado específico, tem-se uma construção.

Para outros autores como Croft (2001), que serve de base para Traugott e Trousdale (2013), a construção é definida como um pareamento simbólico de forma e significado. Traugott (2008), de forma similar, concebe a construção como um *chunk* (encadeamento) de natureza autônoma e rotinizado na comunidade linguística. Bybee (2016, p. 28), por sua vez,

⁴ As propriedades pragmáticas estão relacionadas às questões de uso, guiadas pelos aspectos interacionais; enquanto as propriedades discursivas-funcionais abordam uma questão mais ampla, já que envolvem os gêneros textuais.

afirma que a construção é “um pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura linguística e pode incluir posições que são tanto fixas quanto abertas”.

O esquema proposto por Croft (2001) e Croft e Cruse (2004), representado na figura 1 abaixo, mostra como a construção é concebida na perspectiva construcional.

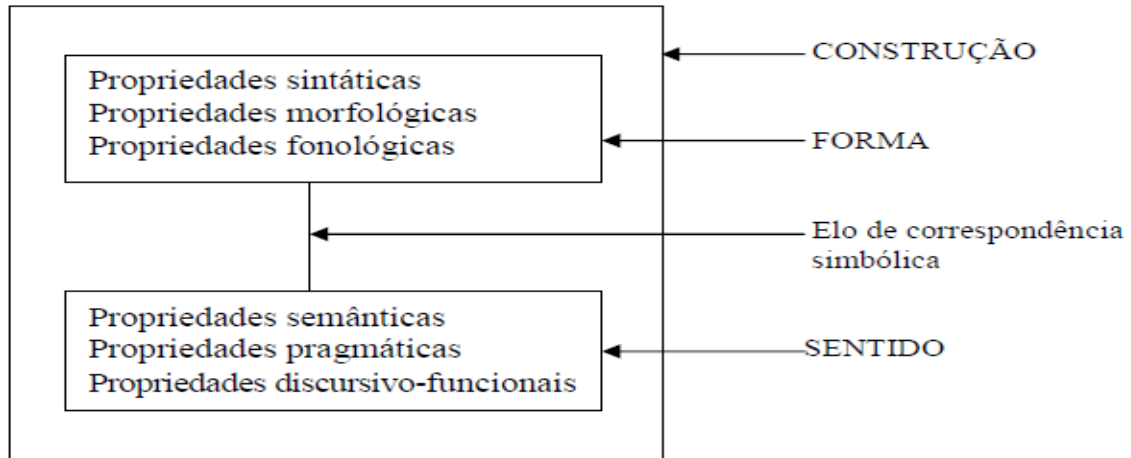


Figura 1 – Modelo simbólico de uma construção. Fonte: CROFT (2001, p.18).

No esquema visto acima, ambas as dimensões (a da forma e a do sentido) motivam os usos linguísticos e são elas também motivadas por tais usos, configurando, assim, outro tipo de correlação [função ↔ forma] (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 8), em que ambas se influenciam e reforçam com maior equiparidade a importância do contexto de uso e da forma em uma construção, proposta esta que se distancia do pressuposto teórico presente nos estudos funcionalistas de Givón (1979 e 1995), por exemplo, que defendiam a trajetória unidirecional (função → forma), como bem pontua Oliveira (2015, p. 24).

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções podem ser classificadas com relação a três dimensões (tamanho, especificidade e conteúdo), como segue no quadro 1.

Dimensões das construções			
Tamanho	Atômica <i>red, -s</i>	Complexa <i>pull strings, on top of</i>	Intermediária <i>bonfire (fogueira)</i>
Especificidade	Substantiva <i>dropout, -dom</i>	Esquemática <i>N, SVO</i>	Intermediária <i>V-ment</i>
Conteúdo	Conteúdo <i>red, N</i>	Procedural <i>-s, V₁V₂</i>	Intermediária <i>way-construção</i>

Quadro 1 – As dimensões das construções. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 13).

Como se pode observar no quadro 1, a noção de construção para a abordagem construcional inclui tanto aquelas construções de natureza monomorfêmica (tais como palavras

ligadas ao campo semântico das cores (vermelho), morfemas indicadores de número *-s* (flores) e tempo *-va* (cantava), quanto aquelas de natureza complexa (tais como construções transitivas (A menina ganhou uma boneca), expressões idiomáticas (Maria vai com as outras), dentre outras. Dessa forma, a ideia de construção não tem a ver necessariamente com a ideia de uma estrutura mais ampla e sim com a ideia de um nó que cumpre um papel na língua. Quanto ao material, as construções podem ser definidas, em seus extremos, como substantivas (fonologicamente especificadas), isto é, quando elas não apresentam nenhum *slot* para ser preenchido por qualquer tipo de elemento, tal como ocorre em muitas expressões idiomáticas, em que as partes componentes das construções não são passíveis de substituição, ou como esquemáticas, de natureza abstrata, como a construção transitiva [SUJ Verbo OBJ], cujos *slots* são totalmente passíveis de preenchimento por qualquer tipo de elemento.

As construções podem ainda ser especificadas em termos de seu valor conceitual: de conteúdo ou procedural. As construções plenas de conteúdo são de natureza lexical e as construções procedurais são de natureza gramatical, pois são índices de como proceder na gramática; essas últimas incluem as categorias relacionais como preposições, conjunções, auxiliares, etc. É importante notar também que entre os extremos de cada uma das dimensões estão as construções intermediárias, que, por sua vez, apontam para a noção de gradualidade que está muito presente na abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013).

Na próxima seção, abordaremos, através de alguns exemplos, um dos conceitos que norteiam a abordagem construcional, a língua como um sistema de construções organizadas em rede.

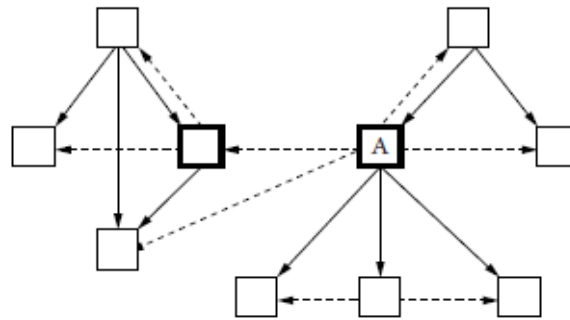
2.3. Os conceitos de língua e de rede construcional

Para a abordagem construcional da linguagem (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), a língua é definida como um sistema de construções interligadas em *redes*. O conceito de rede é utilizado pela abordagem teórica para designar o caráter de entrelaçamento e de relações diversas de familiaridade entre as construções. Nesse caso, cada construção constitui um nó que se acopla, a depender dos elos relacionais ou de herança que ele mantém com outros padrões construcionais mais abstratos (subesquemas ou esquemas construcionais).

Ainda segundo os autores (2013, p. 50), a ideia de que a língua é uma rede de construções está presente em vários modelos teóricos cognitivistas, incluindo o Projeto FrameNet (FILLMORE e BAKER, 2001, 2010), os modelos de gramática de Goldberg (1995,

2006), Croft (2001) e Langacker (2008) e a Gramática de palavras de Hudson (2007), dentre outros. Essa ideia de rede também se alinha, conforme Traugott e Trousdale, às alegações da linguística cognitiva de que outros aspectos da cognição, como a visão e as habilidades musicais, também estão estruturados em rede (REBUSCHAT, ROHRMEIER, HAWKINS e CROSS, 2012 apud TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Outra proposta que se coaduna a essa visão é a de Bybee (2010), para quem o padrão de organização de uma língua é parte da nossa capacidade cognitiva de categorizar, estabelecer relações, entre outras.

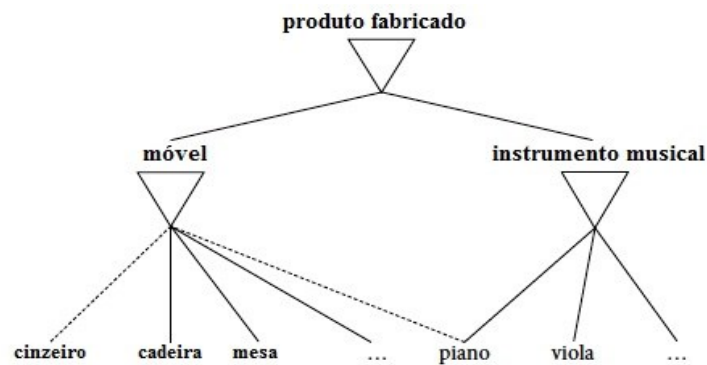
De acordo com Langacker (2008), a arquitetura de seu modelo de Gramática Cognitiva, entendida como uma rede construcional, pode ser conferida no esquema 1 a seguir, em que os quadrados em negrito se configuram como esquemas, os demais quadrados como subesquemas, ambos interligados, entrelaçados.



Esquema 1 – Modelo de representação de rede construcional. Fonte: LANGACKER (2008) apud TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 51).

Embora, de acordo com Traugott e Trousdale, essa representação bidimensional apresentada por Langacker (2008) não contemple propriamente uma rede multidimensional em termos de conceituação (de redes neurais), ela representa como as construções (os nós) se organizam em rede. O esquema mostra que alguns nós na rede representam esquemas (mais abstratos na língua), outros representam subesquemas (abstratos, porém, são hierarquicamente subordinados a esquemas) e outros tipos representam microconstruções, que são instâncias de subesquemas. A representação aponta não somente para a existência de ligações (*links*) entre diferentes esquemas (A, B, ...), como também para a presença de sub-redes associadas a esses esquemas e ligações entre microconstruções que são membros desses subesquemas. Assim, conforme Langacker, um nó possui, portanto, conteúdo de forma e de significado (embora com graus variados de complexidade e especificidade – alguns podem ser subespecificados) e as ligações são possíveis em várias direções diferentes entre semântica, pragmática, função discursiva, sintaxe, morfologia e fonologia de qualquer nó.

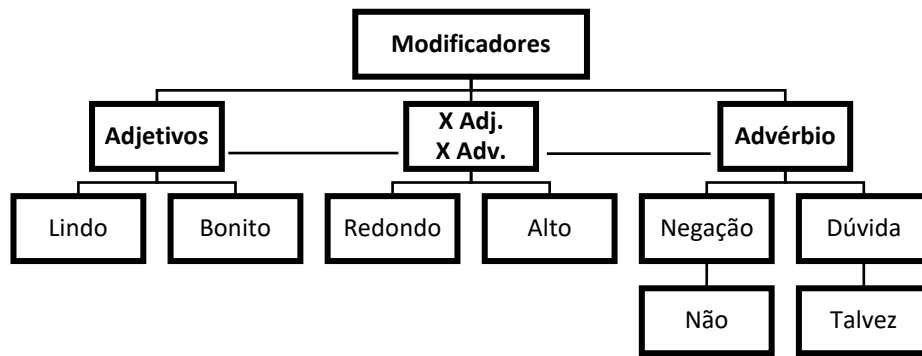
Hudson (2007), em seu modelo de Gramática da Palavra (*Word Grammar*), apresenta um sistema de representação de redes que é similar ao da abordagem construcional, uma vez que o autor postula que “a língua é uma rede conceitual” (HUDSON, 1984 apud TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 9). Em outras palavras, diz-se que a língua é conceitual porque é cognitiva, e a rede é um sistema de entidades interconectadas. O esquema 2 abaixo ilustra os tipos de relações existentes entre o esquema mais abstrato denominado *produto fabricado* e os subesquemas *móvel* e *instrumento musical*, bem como as relações de familiaridade entre as microconstruções (cinzeiro, cadeira, mesa) e (piano, viola, etc) pertencentes cada um dos subesquemas construcionais.



Esquema 2 – Representação de uma pequena rede conceitual. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 9).

As linhas não pontilhadas representam os membros mais prototípicos de cada subesquema e as linhas pontilhadas ilustram os membros não prototípicos alocados nos dois subesquemas. No esquema acima, o elemento *piano* constitui um exemplar prototípico do subesquema *instrumento musical*, mas pode também figurar no subesquema *móvel* como um membro não prototípico, tendo em vista que muitas pessoas utilizam o piano como um móvel decorativo de ambientes.

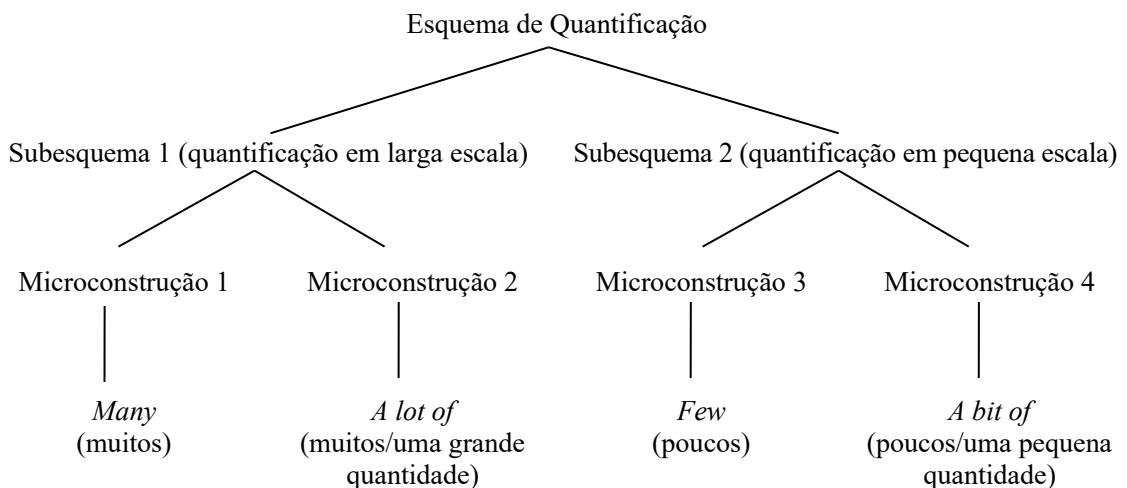
Os exemplos dados por Hudson (2007) estão centrados no nível lexical; no entanto, segundo Traugott e Trousdale (2013), o conceito de redes pode se estender para além do componente lexical, incluindo as construções procedurais que estabelecem relações mais abstratas (gramaticais) em vários domínios de organização da gramática, o que, por sua vez, aponta para a ideia dinâmica da língua, visto que novas ligações e novos nós (construções) estão continuamente sendo estabelecidos. A definição do que é lexical e do que é gramatical se processa, conforme os autores, de modo gradual na língua. As ligações que se estabelecem entre as construções de uma dada língua não são permanentes, ou seja, elas podem sofrer alterações durante o uso, podendo inclusive haver um distanciamento entre uma categoria e outra, que será medido através das características que compõem cada categoria. Vejamos o esquema 3 a seguir:



Esquema 3 – Rede conceitual de modificadores. Fonte: adaptado de SILVA (2017, p. 46).

Esse exemplo ilustra uma pequena rede conceitual de modificadores do português, que está organizada hierarquicamente da supercategoria (modificadores) para a subcategoria (adjetivos e advérbios), sendo as linhas as associações entre os conceitos. Assim, são exemplos prototípicos da subcategoria adjetivos *lindo* e *bonito*, e dos advérbios *não* e *talvez*. Por sua vez, *redondo* e *alto* configuram-se como exemplos periféricos, pois a depender do contexto, podem atuar tanto como adjetivos, quanto como advérbios, vistos, por exemplo, em *Ele falou alto*⁵ e *Ele é um homem alto*. No primeiro enunciado, *alto* funciona como advérbio, especificando o modo como algo foi falado, enquanto no segundo, é um adjetivo, pois atribui uma característica ao sujeito.

Outro exemplo é o de quantificação. O esquema 4, proposto por Traugott e Trousdale (2013), ilustra as relações hierárquicas de gradiência entre construções de quantificação no inglês, que são semelhantes ao que parece ocorrer com os subesquemas intensificadores.



Esquema 4 – Relações hierárquicas de gradiência entre construções. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 17, tradução nossa).

⁵ Exemplos retirados de Silva (2017, p. 46-47).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 17, 209-210), a construção de quantificação *a lot of* se originou de construções de natureza partitiva, ou seja, inicialmente, no inglês antigo, a construção *a lot of* era usada com o sentido de *uma grande quantidade* de tal coisa ou de tal produto, com indicação de porção, de parte de um todo. Com o tempo, tal expressão passou por um processo de mudança linguística, tornando-se uma construção indicativa de quantidade de modo geral, demarcando o número de coisas, como em: *I have a lot of pants* (Eu tenho muitas calças), em que *a lot of* indica quantidade, como visto acima.

Neste subcapítulo, vimos, a partir de alguns exemplos, como funciona o sistema de construções interligadas em redes. Adentremos, adiante, em um importante conceito da teoria dos modelos baseados no uso, listados por Bybee (2010): os processos cognitivos de domínio geral (inerentes à cognição humana).

2.4. Processos cognitivos de domínio geral e suas relações com a linguagem

Na perspectiva teórica dos MBUs, a língua é adotada como um objeto de negociação entre falantes, o que faz com que ela esteja propensa a sofrer modificações ao longo do tempo, justamente porque ela é de natureza instável, inacabada e dinâmica. Por consequência, novas estruturas linguísticas surgem, sendo derivadas, segundo Bybee (2010, p. 18), a partir da aplicação de processos cognitivos de domínio geral (listados a seguir). Para a autora, esses processos cognitivos de domínio geral estão sempre presentes nos usos efetivos que o falante faz da língua, entretanto, eles “podem se mostrar operantes em outras áreas da cognição humana que não a da linguagem” (BYBEE, 2010, p. 18), sendo responsáveis pela forma como a língua se estrutura e pela maneira como ela muda. Veremos, nesta seção, quais são os processos cognitivos de domínio geral e como operam, de fato, dentro e fora da língua.

Os processos cognitivos listados por Bybee (2010, p. 6-8) dividem-se em cinco; vejamos atentamente quais são. Na língua, **categorização** se refere à similaridade por identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e correspondidos às representações armazenadas. As categorias resultantes constituem a base do sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções. No tocante ao domínio geral (cognição humana), as categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência humana, independentemente da língua.

Chama-se **chunking** o processo pelo qual sequências de unidades são utilizadas juntas para formar unidades mais complexas. Na língua, a noção de *chunking* é fundamental para a

formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples. É a interação entre *chunking* e categorização que provoca sequências convencionais com diferentes graus de analisabilidade e composicionalidade. No que se refere ao domínio geral (cognição humana), as pessoas podem se aprimorar em relação às tarefas cognitivas e neuromotoras com a prática.

Já a **memória enriquecida** se refere ao armazenamento na memória de detalhes da experiência com a língua, incluindo questões fonéticas, palavras, sintagmas, contextos de uso e inferências associadas com os enunciados. A categorização é o processo pelo qual essas memórias enriquecidas são mapeadas em representações existentes. A memória para formas linguísticas é representada em exemplares, construídos com base em ocorrências de experiência linguística que são idênticas. No domínio geral, memórias não linguísticas também têm impacto nas representações cognitivas e na estrutura neurológica.

Por outro lado, a **analogia** é o processo a partir do qual novas expressões são criadas com base em outras expressões já vivenciadas. Analogia, também, requer categorização, isto é, as partes de ocorrências produzidas anteriormente podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com elas. No tocante à cognição humana, pode-se dizer que a analogia tem sido estudada em termos de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, com cenas, formatos e cores.

Por último, a **associação transmodal** prevê um elo entre forma e significado; pode-se dizer que o significado é atribuído ao maior encadeamento disponível: uma palavra, uma frase ou uma construção. As inferências feitas a partir do contexto de enunciados particulares podem vir, também, associadas a sequências particulares, dando origem à mudança de significado. Com relação ao domínio geral, entende-se que experiências humanas coocorrentes tendem a ser cognitivamente associadas, como por exemplo: Evento 1: a correspondência cai na caixa de correio de manhã. Evento 2: a pessoa olha o relógio. Associação realizada na memória: o horário em que o carteiro chega é por volta das 8h30.

As definições de Bybee (2010) mostram como os processos cognitivos funcionam em atividades linguísticas e não linguísticas. A *categorização* na atividade linguística, por exemplo, é o processo utilizado para reconhecer palavras ou sintagmas e associá-los a representações já existentes. Fora da língua, esse processo cognitivo é utilizado como o meio para enquadrar algum ser animado ou inanimado desconhecido. Assim, ao ver um animal não conhecido, o indivíduo buscará em sua mente características para defini-lo em algum grupo já

existente, para tanto elaborará perguntas – Vive na água? Na terra? Voa? Rasteja? Tem pelos? Penas? Pele seca e impermeável? É carnívoro? Herbívoro? – e ao final delas, conseguirá encaixar o animal em uma categoria adequada (mamífero, réptil, ou ave, por exemplo).

Já o processo cognitivo denominado *chunking*, na língua, faz referência ao processo de interpretação de construções, isto é, para analisar um ditado popular como, por exemplo, *cada macaco no seu galho* é crucial a análise da construção como um todo e não de cada parte isolada, pois se trata de um significado conotativo: cada pessoa deve se preocupar somente com aquilo que lhe diz respeito. Fora da língua, o *chunking* refere-se, por exemplo, ao ato de dirigir um veículo; isto é, para que o veículo se locomova é necessário um conjunto de ações, como abrir a porta do carro, sentar-se, ligar a chave, colocar a marcha na primeira posição, retirar vagorosamente o pé da embreagem, acelerar gradualmente e assim por diante. Inicialmente, quando o indivíduo aprende a dirigir, todas essas ações são pensadas e feitas em partes, uma após a outra; ao adquirir experiência, o indivíduo não pensará mais nelas como ações isoladas, mas sim como um bloco e as realizará automaticamente, sem demandar um gasto mental para isso, uma vez que o ato de dirigir já terá sido rotinizado, ou seja, aprimorado cognitivamente.

O mesmo acontece com a memória enriquecida, a analogia e a associação transmodal, pois a experiência do falante com a língua faz com que ele acumule, ao longo do tempo, informações sobre sons, palavras, sintagmas, construções e afins, e, à medida que tais construções são utilizadas e sua frequência de uso aumenta nas situações de comunicação, o falante passa a ser capaz de reconhecer, categorizar, agrupar, especificar, fazer associações e comparar tais estruturas em suas várias instâncias, tornando-as mais acessíveis na memória.

Bybee (2010, p. 15-19) assinala que a representação de exemplares na memória do falante constitui um procedimento cognitivo extremamente importante, uma vez que as formas redundantes e variantes da língua, armazenadas na memória, tendem a ser, segundo Langacker (1987), utilizadas pelo usuário como um recurso para estabelecer generalizações ou então para estabelecer modelos para a criação, via analogização, de novas construções. A autora entende que a habilidade de armazenar exemplares da língua e de usá-los como modelos de imitação para a criação de novas expressões contribui para o funcionamento da língua. Segundo Bybee, essa noção de representação abstrata de exemplares afeta tanto a fonologia quanto a morfologia e a sintaxe, o que comprova que cada dado da língua, que é armazenado pelo usuário, causa um impacto em sua memória, em especial no modo como são estabelecidas as relações entre os vários componentes da língua, seja no plano fonológico seja nos planos morfológico e sintático, o que reforça o entendimento da gramática de uma língua como sendo composta por uma rede

de construções (com relações de familiaridade ou não), de nós que podem ser criados ou apagados.

No próximo subcapítulo, tratamos de dois conceitos importantes da abordagem construcional da linguagem que são responsáveis por promoverem a emergência de novas construções, e de três critérios de análise que também são bastante decisivos para compreender o processo de formação, consolidação e produtividade das construções.

2.5. Mudança construcional e construcionalização: distinções operacionais

Para a abordagem construcional (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), a mudança linguística, responsável por promover a emergência de novas construções, pode ocorrer de duas formas: (i) ela pode afetar apenas a forma ou apenas o significado da construção, resultando naquilo que Traugott e Trousdale (2013, p. 20-23) chamam de *mudança construcional*,⁶ que são as pequenas mudanças que ocorrem antes da construcionalização propriamente dita, isto é, tal mudança não promove a formação de novas construções na língua, mas sim a renovação delas em termos formais ou de significado; (ii) ela pode afetar, simultaneamente, a forma e o significado de uma construção, resultando, conforme mencionam Traugott e Trousdale (2013, p. 21-22), em um caso de *construcionalização* (gramatical ou lexical), ou seja, de emergência de uma nova construção na língua. Distinguiremos mais detalhadamente, nesta seção, o que vem a ser a mudança construcional e a construcionalização.

Traugott e Trousdale definem a **mudança construcional** como:

uma mudança linguística que afeta uma dimensão interna de uma construção. Não envolve a criação de um novo nó. (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 26).

Um exemplo de mudança construcional é o que ocorre com a formação do quantificador binominal [*a lot of / lots of*] do inglês, que passou de elemento partitivo para quantificador. No entanto, antes de emergir na língua como quantificador, Traugott e Trousdale (2013) assinalam que, em um dado momento do inglês, verificou-se, primeiramente, que houve uma “inferência pragmática sugerida” de quantidade, ou seja, um tipo de implicatura que surge no fluxo comunicacional e pode permitir ou provocar mudanças de significado (TRAUGOTT e DASHER,

⁶ A mudança construcional começa quando novas associações entre construtos e construções (que não faziam parte do repertório dos usuários) emergem ao longo do tempo, tornando-se mais frequentes.

2002). Assim, teríamos um processo de abstratização semântica que provavelmente se desenhou na língua da seguinte forma: [*a lot of persons* (uma quantidade/parcela de pessoas) > *a lot of rooms* (muitos quartos) > *a lot of time* (muito tempo)].

A **construcionalização** é, por sua vez, definida por Traugott e Trousdale como:

[...] a criação de um novo pareamento de forma-significado (combinação de signos). Ela forma novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micro passos e, por conseguinte é gradual, isto é, novas microconstruções podem ser igualmente criadas gradualmente, mas elas, também, podem ser instantâneas. Microconstruções criadas de forma gradual tendem a ser plenas de processamento e as instantâneas são plenas de conteúdo.⁷ (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 22).

A emergência de novas construções na língua (novos pareamentos de forma e significado) envolve, segundo Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), além dos processos cognitivos de categorização, *chunking*, memória enriquecida, discutidos anteriormente, os mecanismos de analogização e neanálise, como ressaltam Traugott e Trousdale (2013). O primeiro deles, a **analogização**, diz respeito ao processo de formação de novas construções a partir da analogia com outras construções esquemáticas (exemplares) já existentes na língua, que servem de modelos para a criação de outros subesquemas. A **neanálise**, por sua vez, consiste, conforme os autores, em uma nova análise (ou distinta) de uma construção, não necessariamente a reinterpretação a partir de uma análise preestabelecida na língua. A neanálise envolve “o processo de metonimização, com destaque para relações associativas” (OLIVEIRA, 2015, p. 24; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013).

É por conta desses processos cognitivos que os falantes conseguem reconhecer a existência de padrões construcionais na língua, haja vista os exemplares armazenados na memória, e distingui-los de outras construções, como as que seguem abaixo:

- (1) Me lembro perfeitamente de minha mãe me dizendo que durante anos esperou a volta do pai, **morto de** tifo ou febre amarela e enterrado no meio da selva, por nunca ter visto o cadáver (19:Fic:Br:Carvalho:Iniciais)

⁷ Cf. o original: the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful. (p. 22).

- (2) Aquele ar esquerdo do mestre de obras, engasgado, **roxo de** tosse, fazia-lhe cócegas pelo corpo inteiro. (18:Azevedo)
- (3) [...] e ele passava d' esguelha, por entre os devotos, limpando as mãos a um grande lenço **vermelho de** barra florida. (19:Fic:Br:Neto:Turbilhão)⁸

Como se verifica nas ocorrências acima, apesar de apresentarem um padrão construcional semelhante ao dos subesquemas intensificadores listados na introdução, as expressões em (1), (2) e (3) são distintas e são reconhecidas pelo falante como tendo outras funções, pois não constituem unidades convencionais, repetidas e estabilizadas na língua. Em (1) e (2), por exemplo, a preposição *de* não faz parte de uma construção autônoma na língua, já que ela mantém sua composicionalidade, ou seja, a preposição *de* é usada nesse contexto como elemento que estabelece a relação de causa e consequência para indicar que a pessoa morreu porque contraiu a doença de tifo (SCALDELAI SALLES e SOUZA, 2020), como visto em (1).

Já em (3), a preposição *de* atua como elemento relacional, usada para estabelecer a relação de modificação de núcleo nominal. Assim, notamos que tais expressões em destaque ainda apresentam um elevado grau de analisabilidade – para Bybee (2010), uma construção é analisável quando ainda é possível identificar a contribuição de cada parte da construção para a composição estrutural e do significado da expressão – e composicionalidade, aspectos que as definem como unidades independentes ou individuais na língua.

O fenômeno da construcionalização pode, segundo Traugott e Trousdale (2013), resultar em dois tipos de mudança linguística: construcionalização gramatical e construcionalização lexical. Os autores definem a **construcionalização gramatical** como:

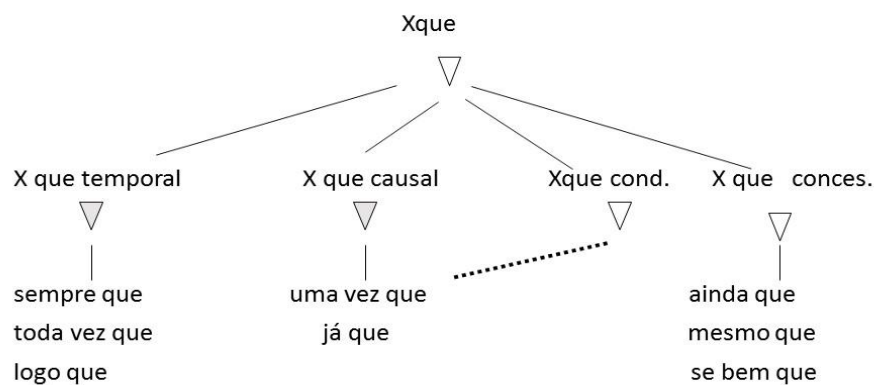
[...] o desenvolvimento, por meio de uma série de pequenas mudanças de um novo pareamento de forma-significado de um determinado signo, o qual apresenta uma função procedural. Um signo gramatical indica como o falante conceitua relações entre os referentes dentro da(s) oração(ões) e como o ouvinte deve interpretá-la(s). Nos diversos casos de construcionalização gramatical, verifica-se a perda de significado lexical, no entanto, os elementos fontes também podem ser não-lexicais[...]⁹ (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 147).

⁸ Exemplos retirados de SCALDELAI SALLES e SOUZA, no prelo.

⁹ Cf. o original: Grammatical constructionalization is the development through a series of small-step changes of a formnew-meaningnew sign that is (mostly) procedural in function. A grammatical sign cues how the speaker conceptualizes relationships between referents within the clause(s), and how the addressee is to interpret the clause(s). In many cases grammatical constructionalization involves loss of lexical meaning but the sources may also be non-lexical, [...] (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 147)

A construcionalização gramatical deve ser vista como o resultado de uma mudança, não como um processo. Em outras palavras, a construcionalização gramatical resulta sempre na formação de construções que estabelecem *relações gramaticais* (relacionais) na gramática, tais como as locuções conjuncionais, as preposições, construções auxiliares, dentre outras.

A formação de locuções conjuncionais no português (CEZARIO, SILVA e SANTOS, 2015), instanciadas pelo esquema abstrato [X-que], é um exemplo de construcionalização gramatical, uma vez que tais locuções exercem uma função procedural na língua, ou seja, são de natureza gramatical. O esquema 5, a seguir, ilustra as relações hierárquicas e de familiaridade dos conectivos no português.



Esquema 5 – Relações hierárquicas da expressão de sentido nos conectivos do português atual. Fonte: CEZARIO, SILVA e SANTOS (2015, p. 239).

O esquema construcional [X-que], considerado como mais abstrato, instancia, segundo Cezario, Silva e Santos (2015), outros subesquemas de locuções conjuncionais no português brasileiro, como [X-que_{temporal}], [X-que_{causal}], [X-que_{condicional}], [X-que_{concessivo}], dentre outros. Esses subesquemas construcionais instanciam, por sua vez, diferentes microconstruções (ou locuções conjuncionais). A linha pontilhada, que liga o subesquema condicional e o subesquema causal, indica que ambos apresentam ou compartilham traços de familiaridade (de significado): nesse caso, entendemos, assim como os autores, que a causalidade está na base de formação das locuções conjuncionais condicionais, como bem pontuam Oliveira e Hirata-Valle (2017) em um estudo sobre as orações condicionais.

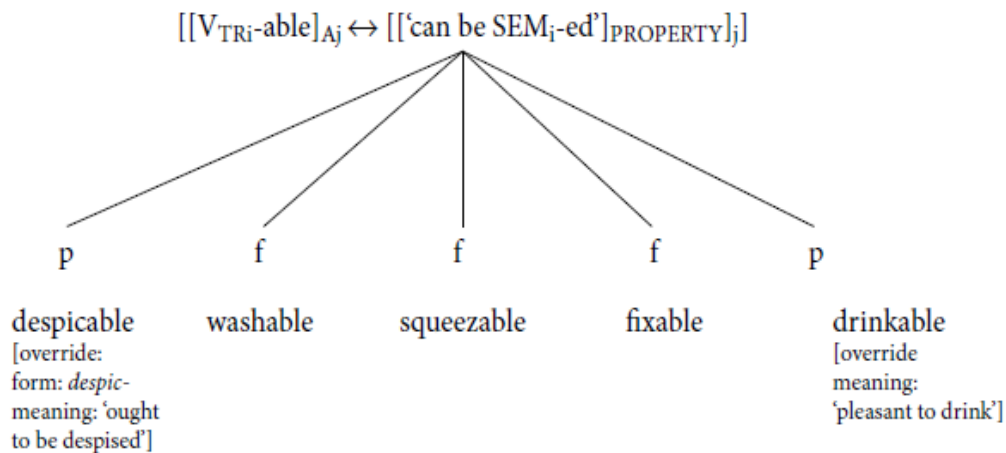
Por fim, o segundo tipo de construcionalização é a lexical, definida como:

o desenvolvimento de novos signos com forma nova e significado novo, em que o polo do significado está associado principalmente à semântica de base mais concreta, e o polo da forma está associado às grandes categorias como N, V ou ADJ¹⁰. (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 150).

¹⁰ Cf. o original: the development of new signs which are formnew-meaningnew and in which the meaning pole is associated mainly with concrete semantics and the form pole with major categories such as N, V, or ADJ. (p. 150).

A **construcionalização lexical** envolve a criação de novos pareamentos de forma e significado de natureza lexical, isto é, as novas construções formadas nesse contexto operam no domínio mais concreto da língua, são referenciais, substantivas. Os processos de formação de palavras e de expressões idiomáticas (como *Maria vai com as outras*) são exemplos de construcionalização lexical, que, em geral, são menos frequentes nas línguas.

A representação no esquema 6 exemplifica algumas construções lexicais formadas a partir do acréscimo do sufixo derivativo *-able* do inglês (*-vel*, em português) a verbos transitivos:



Esquema 6 – Esquema de representação para algumas construções lexicais em *-able*. Fonte: TRAUGOTT e TROUSDALE (2013, p. 153).

O esquema 6 mostra que quando o sufixo derivativo *-able* do inglês se junta a um verbo transitivo [V_{TR}], como *despicate* (desprezar), *wash* (lavar), *squeeze* (apertar), *fix* (fixar) e *drink* (beber), temos como resultado a formação de adjetivos (que atribuem uma propriedade a algo/ou alguém), no entanto, apesar de o esquema abstrato [[V_{TRi}-able]_{Aj} ↔ [['can be SEM_i-ed']_{PROPERTY}]_j] sancionar todas as microconstruções (tipos de adjetivos listados na representação acima, como *despicable*, *washable*, *squeezable*, *fixable* e *drinkable*), alguns deles são definidos como prototípicos (totalmente sancionáveis, como *washable* (lavável), *squeezable* (flexível) e *fixable* (fixável) e outros como marginais (parcialmente sancionáveis), uma vez que, no caso de *drinkable*, embora a forma fonológica da base permaneça a mesma (para que o construto seja totalmente sancionado no lado formal), o significado não é *pode ser bebido*, mas sim *agradável para beber*. No caso de *desprezível*, nem a forma nem o significado são totalmente sancionados, já que o significado não é *pode ser desprezado*, mas sim *deve ser desprezado*.

Por fim, três outros critérios de análise que são bastante importantes para a abordagem construcional da linguagem, a fim de avaliar o processo de mudança construcional/ou construcionalização, são: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a **esquematicidade** é uma propriedade de categorização que envolve, certamente, a abstratização. Para os autores, um esquema é uma generalização taxonômica de categorias linguísticas ou não, ou seja, os esquemas linguísticos, considerados abstratos, são grupos de construções semanticamente gerais, plenos de conteúdo ou procedurais; a diferença entre elas está no grau de esquematicidade de cada esquema construcional. Os esquemas são abstrações de construções que são (inconscientemente) percebidos pelos falantes, por estarem estritamente relacionados entre si na rede construcional. Esses graus de esquematicidade indicam os níveis de generalidade ou especificidade (LANGAKER, 2009 apud TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 14).

Os esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas, e nos níveis mais baixos de microconstruções consolidam tipos específicos de esquemas mais abstratos. Esses subesquemas podem se desenvolver ao longo do tempo ou se perder; o crescimento e a perda envolvem pré-mudanças construcionais e pós-construcionalização.

Outro conceito essencial é a **produtividade** dos esquemas e subesquemas. Toda produtividade de uma construção é gradiente no que se refere a esquemas (parciais), em especial no que tange à extensão (BARDDAL, 2008 apud TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), na medida em que os esquemas licenciam outras construções menos esquemáticas, e na medida em que eles são limitados. A produtividade pode ser de curta duração, enquanto os padrões não produtivos podem persistir ao longo do tempo. Arelados ao parâmetro de produtividade estão os conceitos de frequência *token* e frequência *type* (BYBEE, 2003, 2010).

Frequência ***token*** é o número de vezes que a mesma unidade ocorre em um texto, falado ou escrito, já a ***type*** refere-se ao número de diferentes expressões que um determinado padrão tem. Dessa forma, quando novas construções são formadas, elas, tipicamente, se espalham e aumentam gradualmente a sua frequência de uso ao longo do tempo (BYBEE, 2003; BYBEE e McCLELLAND, 2005). Os falantes vão usando essas construções mais e mais vezes, levando à rotinização e automatização (PEWLEY e SYDER, 1983; HAIMAN, 1994 apud TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013). Essas construções resultam do uso frequente e da repetição, os quais são fatores chaves para a mudança.

O último parâmetro presente nas construções é o da **composicionalidade**, que, por sua vez, diz respeito à extensão, da ligação entre forma e significado, se é ou não transparente. Para

Traugott e Trousdale (2013), se um construto é semanticamente composicional, então, o falante produziu uma sequência sintaticamente convencionalizadas; o ouvinte, por sua vez, entende o significado de cada item individualmente. Assim, o ouvinte é capaz de decodificar o significado como um todo. Se não é composicional, existirá uma incompatibilidade (*mismatch*) entre o significado dos elementos individuais e do significado como um todo.

Até aqui, vimos conceitos teóricos importantes para a compreensão e para a análise dos subesquemas intensificadores. No capítulo seguinte, nosso objetivo será esmiuçar o processo de intensificação. Assim, analisaremos o que é a intensificação, qual a sua funcionalidade, alguns recursos para intensificar a fala ou a escrita e a apresentação de uma escala subjetiva de intensificação.

3. A INTENSIFICAÇÃO

Neste capítulo, pontuamos algumas considerações acerca da intensificação e sua funcionalidade, com o intuito de apresentar a necessidade desse recurso não só em nossa língua, mas também em outras. Apresentamos algumas estratégias de intensificação que os falantes lançam mão no momento da interação. Buscamos demonstrar que há uma escala subjetiva de intensificação, isto é, um possível mecanismo para mensurar o grau de expressividade das construções intensificadoras. Além disso, ao fazermos uma análise dos subesquemas intensificadores de natureza perifrástica recorreremos à Linguística Cognitiva com o intuito de relacionarmos o fenômeno da intensificação com os aspectos da cognição.

3.1. A intensificação e sua funcionalidade

A emergência de estruturas linguísticas advém, segundo Heine (1994), de processos cognitivos básicos (domínio geral), já discutidos no capítulo anterior, por meio dos quais conceitos mais abstratos (gramaticais) são expressos em uma língua a partir de experiências humanas básicas com o mundo, relacionadas, segundo Langacker (1987) e Lakoff (1987), ao que se pode chamar de **corporificação**, que consiste na ideia de que nós, seres humanos, relacionamos na língua todos os aspectos do mundo que se encontram a nossa volta, tendo como ponto de referência o nosso próprio corpo no espaço. Nesse caso, o que as línguas fazem, segundo Slobin (1980, apud SILVA, 2006), é expressar noções abstratas a partir das experiências sensório-motoras do falante com o mundo, atinentes a sua dimensão biossocial, que se processam por meio de extensões metafóricas e metonímicas.

O processo de intensificação, nosso objeto de estudo, é um bom exemplo para ilustrar a importância da cognição humana para a construção e o entendimento de significados relativos à noção de intensidade (ideia de superelevação do falante acerca de algo, alguma pessoa, algum acontecimento, evento etc). Segundo Silva (2006, p. 205), que se baseia nas ideias dos precursores da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987, dentre outros), se entendermos que as construções linguísticas constituem formas simbólicas de codificação do modo como nós conceitualizamos “as coisas (categorias) com as quais interagimos fisicamente”, por meio de operações cognitivas, então será mais fácil compreender por que a

referência corporal tende a se projetar na formação de conceitos mais abstratos¹¹. No caso da intensificação, há, segundo Silva (2006, p. 205), uma “conexão analógica” entre o conteúdo de intensidade e o conteúdo mais concreto, pertencente ao universo sociofísico do falante. Assim, pode-se dizer, por exemplo, que o intensificador prototípico *muito* emerge, conforme Silva, do esquema imagético de quantidade, e que *ultra* e *super* emergem das ideias de localização horizontal e vertical, respectivamente, mostrando, assim, que há uma correlação direta com o processo de corporificação.

A adaptação e a criação de novas construções na língua decorrem da necessidade de comunicação de seus usuários, quer dizer, da necessidade que o falante tem de expressar, descrever, corrigir, informar, narrar, avaliar ou julgar tudo aquilo que acontece a sua volta, sendo, então, incutida a sua perspectiva de mundo na estrutura da língua. Em determinado momento, é natural que o falante precise intensificar algum evento, estado ou emoção, pois necessita de transmitir na íntegra aquilo que sente ou pensa, fazendo com que seu sistema linguístico reflita de alguma forma, e em diferentes graus, a estrutura de sua experiência e o conhecimento do qual dispõe. Tal sensação ou pensamento pode variar conforme a sua vontade, isto é, o ato de intensificar pode ser expresso com maior ou menor força a depender do que se deseja referir, já que “a intensificação tem a ver com a necessidade de que o falante tem de exprimir uma **noção superelevada** acerca de algo” (SILVA, 2008, grifo nosso).

Tal recurso expressivo tem para o falante, como destacado, a função de atingir algum propósito comunicativo, já que tenciona mostrar ao seu interlocutor que a dimensão ou a intensidade de um dado elemento, pessoa, evento ou acontecimento ultrapassa os limites tidos como relativamente normais. Por ter uma finalidade tão específica e utilitária, a intensificação é vista como um processo avaliativo do mundo muito produtivo não só em nossa língua, mas também em várias outras, o que a torna um processo translinguístico. Vejamos, logo abaixo, alguns exemplos de advérbios ou expressões de intensidade em outras línguas.

Na língua inglesa, por exemplo, há expressões como: (i) *I'm impressed* (Eu estou impressionado); (ii) *I'm very impressed* (Eu estou muito impressionado); (iii) *I'm overwhelmed* (Eu estou impressionado demasiadamente). É perceptível que a intensificação aumenta gradualmente conforme a construção utilizada e chega ao ápice com a construção *overwhelmed* , a qual pode ser empregada no seguinte enunciado, por exemplo: *I'm overwhelmed because my housekeeper let my house shining* (Eu estou bastante impressionada porque minha faxineira

¹¹ Segundo Lakoff e Johnson (2002), o corpo funciona como um ponto cardeal, a partir do qual construímos novas relações espaciais, temporais, etc. O falante, portanto, lança mão dessas metáforas para fazer relações entre elas e o ambiente que o cerca para tentar empregar a ideia de intensidade.

deixou a minha casa brilhando). Outras expressões usualmente utilizadas pelos americanos são: (iv) *It was awesome* (foi demais/perfeito): *My wedding was awesome* (Meu casamento foi perfeito); (v) *over the top* (muito top): *Her wedding cake was over the top* (O bolo de casamento dela foi muito top). A construção (iv) carrega um valor semântico maior em comparação à construção (v), logo, quando os falantes desejam destacar ainda mais a fala ou a escrita, utilizam a expressão *awesome*.

Os falantes americanos ainda utilizam as expressões *so tired* e *for a week*, em contextos como *My friend travelled for about twenty four hours without stop. He was so tired that he could sleep for a week.* (Meu amigo viajou durante vinte e quatro horas sem parar. Ele estava tão cansado que poderia dormir por uma semana). A expressão *for a week*, que expressa a ideia de cansaço extremo, em referência à quantidade de sono/à dimensão do quanto a pessoa está cansada, pode ser vista como uma expressão de intensificação.

Por sua vez, na língua francesa, a intensificação excessiva se faz presente por meio do advérbio *trop*, cuja tradução vai muito além do *muito*, é algo hiperbólico, como por exemplo *Il est trop impoli* (Ele é demasiadamente rude). No entanto, há expressões que expressam a ideia de intensidade descomedida também, semelhantes às estudadas, como (i) *un froid de canard*, observado em *Ces jours-ci, dans plusieurs pays d'Amérique du Sud, il fait un froid de canard*¹² (Esses dias, em vários países da América do Sul, está um frio de rachar), isto é, está demasiadamente frio; (ii) *il pleut de cordes*, visto em *Fais attention sur la route, il pleut des cordes!*¹³ (Tome cuidado na estrada, a chuva está demasiadamente forte!), ou seja, a expressão notifica o quão forte a chuva está. Tanto as expressões (i; ii) quanto o advérbio *trop* servem para o falante expressar não só algo intensificado, mas também reforçado.

Já no italiano, há advérbios de intensidade como *molto* (muito) e *troppo* (exageradamente), em que a semântica deste é muito mais reforçada em comparação a aquele, como vemos nos exemplos: (i) *Oggi mi sento molto meglio* (Hoje me sinto muito bem); (ii) *Oggi mi sento troppo meglio* (Hoje me sinto exageradamente bem). Como apresentado, o advérbio *troppo* funciona como um reforço muito maior, assim, a sensação de bem-estar expressa no segundo exemplo é excessivamente maior que a do primeiro exemplo.

Como vimos até o momento, a intensificação é um processo que está presente não só na língua portuguesa, mas também em outras línguas, o que a torna um procedimento

¹²Exemplo e tradução extraídos do site www.francesfluente.com/o-que-significa-il-fait-un-froid-de-canard/.

¹³ Exemplo e tradução extraídos do site www.francesfluente.com/o-que-significa-il-pleut-des-cordes-em-frances/.

translinguístico, como apresentado. Sendo assim, apontamos, no próximo subcapítulo, algumas estratégias que o falante pode lançar mão quando sua intenção for intensificar algo.

3.2. Alguns recursos de intensificação

Por se tratar de um processo rotineiro na vida de todo falante, a intensificação se manifesta na língua sob diferentes formas, sendo possível, portanto, verificar com que intenção ou necessidade comunicativa cada uma das estratégias de intensificação é utilizada. Dessa maneira, tomando como base alguns fundamentos de Silva, Souza e Andrade (2009), a intensificação pode ocorrer por meio de oito categorias: (i) intensificadores lexicais; (ii) intensificadores morfológicos; (iii) repetição; (iv) silabação; (v) entoação; (vi) intensificação por prolongamento de sílaba; (vii) pontuação; e (viii) subesquemas intensificadores. Examinamos, nesta seção, como se configuram cada um dos itens.

Os **intensificadores lexicais** possuem a função de adjetivos, do tipo *muito*, *pouco*, *bastante*, *demais*, como vistos em:

- (1) Faz calor **demais**.
- (2) Eu gostei **muito pouco** da palestra.
- (3) Aquela família mora **bastante** longe da cidade.
- (4) Marília disse que está **muito** feliz com o novo trabalho.

Em todos os exemplos listados acima, há intensificadores lexicais responsáveis por marcar o reforço informacional nos respectivos eventos: em (1), a temperatura quente; em (2), a estima pela palestra; em (3), a distância da casa até a cidade; e em (4), a felicidade com o trabalho novo. No entanto, no item (2), há uma combinação de dois advérbios (*muito* e *pouco*) sendo a função de ambos reforçar que, por algum motivo, o falante não gostou da palestra. Por conseguinte, para marcar o descontentamento, foi necessária a utilização de uma estratégia de intensificação diferente da usada nos demais enunciados – o advérbio *pouco* diz respeito ao quanto ele gostou do curso e o advérbio *muito* intensifica o tanto que gostou, isto é, *pouco*. Logo, para o falante ter lançado mão de duas marcações adverbiais é porque uma só não seria suficiente para convencer seu interlocutor.

A intensificação presente no segundo exemplo demonstra que os falantes buscam, em seus repertórios linguísticos, maneiras eficientes de exprimirem o que desejam, uma vez que o interlocutor será afetado distintamente ao ler/ouvir diferentes enunciados. Nos exemplos a seguir foram utilizadas três formas para produzir a intensificação: (i) o advérbio de intensidade *pouco*: *Eu gostei pouco do curso*; (ii) a combinação de advérbios de intensidade *muito pouco*: *Eu gostei muito pouco do curso*; e (iii) a expressão *um pouco*: *Eu gostei um pouco do curso*. Comparando os três exemplos, notamos uma variação de sentido em relação ao desagrado do falante quanto ao curso: os exemplos (i; ii) são responsáveis por demonstrar o descontentamento e o exemplo (iii) por mostrar uma pequena satisfação.

Tanto o intensificador *pouco*, quanto a combinação *muito pouco*, nesse caso, funcionariam como uma espécie de negação (*Eu não gostei do curso*), associação plausível conforme a teoria da oposição entre *pouco* x *um pouco*, discutida por Ducrot, no texto *Princípios de Semântica Linguística*, de 1972¹⁴. Vale ressaltar que não entraremos em demasiada discussão sobre esse assunto, uma vez que a teoria causa hesitação até mesmo entre os gramáticos e os lexicólogos, sendo o nosso intuito apenas estabelecer uma breve relação entre os fenômenos. Uma das argumentações entre a oposição *pouco* x *um pouco* seria o fato de a expressão *pouco* funcionar não só como uma diferença quantitativa, mas também como uma negação, já que a oposição marca uma divergência radical, assim, como notamos nos seguintes enunciados *Esta situação é pouco embaraçosa* e *Esta situação é um pouco embaraçosa*, em que o primeiro está quase perto de uma negação e o segundo de uma afirmação.

Retomando os exemplos (i; ii; iii), citados anteriormente, convém salientar que mesmo os enunciados *Eu gostei pouco do curso* e *Eu gostei muito pouco do curso* estarem próximos de configurarem uma negação, o exemplo (ii) que apresenta a combinação *muito pouco* ainda é mais expressivo, isto é, intensifica mais e, portanto, tem um valor de negação mais acentuado que o exemplo (i), que é formado somente por meio do advérbio *pouco*. Logo, é exatamente essa diferença de sentidos que o falante procura através de sua memória enriquecida para atingir semântica e pragmaticamente seu interlocutor.

Por sua vez, os **intensificadores morfológicos** funcionam como sufixação de caráter aumentativo e diminutivo. Vejamos alguns tipos:

(5) Ele está muitíssimo rico!

¹⁴ Foi utilizada a obra traduzida por VOGT, C.; ILARI, R; FIGUEIRA, R. A. Título do original: *DIRE ET NE PAS DIRE – Principes de Sémantique Linguistique*.

- (6) Marta comprou um **carrão**.
- (7) Começou a chover **bem cedo**.
- (8) A casa de Maria é **pequeninha**.

Nos exemplos (5) e (6), notam-se os sufixos de grau aumentativo (*-íssimo* e *-ão*) para se referirem, respectivamente, ao poder aquisitivo do homem e ao carro de Marta; em contrapartida, os exemplos (7) e (8) carregam consigo os sufixos de grau diminutivo (*-inho* e *-inha*) aludindo ao momento da chuva e ao tamanho da casa de Maria, respectivamente. É relevante observar que o grau aumentativo no exemplo (6) vai muito além da intensificação, uma vez que o sufixo *-ão* ganha outra expressividade e passa a significar não só o tamanho, mas também o valor, a beleza, a elegância e a potência do automóvel. A mesma leitura parece se aplicar ao exemplo (8) em que a carga semântica do sufixo *-inha*, além de fazer menção ao tamanho da casa, refere-se ao seu encanto e a sua graça. Outro ponto a ganhar destaque é a intensificação ocorrida no exemplo (7), em que o processo de intensificação é o mesmo verificado no exemplo (2), uma vez que o falante utiliza uma combinação de dois intensificadores (o sufixo *-inho* e o advérbio *bem*) para marcar o quão cedo começou a chover.

Assim, podemos analisar o enunciado (6) a partir do raciocínio apresentando no item (3). A diferença de sentido entre (a¹) *Começou a chover cedo* e (a²) *Começou a chover bem cedo* é que a ideia de exagero expressa pelo advérbio de intensidade *bem*, presente no enunciado (a²), é a responsável por enfatizar o quão cedo começou a chover, interpretação esta que não ocorre no enunciado (a¹). Dessa forma, reafirmamos, novamente, que se há recursos distintos de intensificação e se cada recurso comove ou impressiona o interlocutor de formas variadas, o falante com certeza lançará mão daquela estratégia que cumprir suas necessidades comunicativas presentes no momento da interação.

Quanto à **repetição**, veremos que seu uso funciona não só como um recurso estilístico, mas também como um recurso para sustentar uma ideia ou um pensamento acerca de algo, podendo ocorrer por meio da repetição de palavras ou de frases. Vejamos alguns exemplos.

- (9) “o que a gente vê demais e que tá sendo apregoado por aí é que a pessoa é **ruim... ruim... ruim... ruim...** aí resolve ficar bom e passa para outra religião...né... no caso... tão procurando a Assembléia de Deus [...]” (SILVA, 2008).
- (10) [...] a justiça aqui no Brasil é cega... surda e muda... aí... eu acho que só... só pra esse tipo de crime hediondo... essas coisa **bárbara... bárbara mesmo...** que deveria ser adotada a pena de morte...” (SILVA, 2008).

- (11) Eu acho que é uma unidade **muito grande... muito grande...** portanto ela tem muitos problemas... [...] ela é **muito grande muito variada...** e ela é **muito complicada... é uma unidade complicada...** ela é **uma unidade complicada** pela sua própria multiplicidade de:: campos de pesquisa... (SILVA, SOUZA e ANDRADE, 2009).

No exemplo (9), o falante enuncia que uma pessoa que inicialmente era má, muda de religião escolhendo, em especial, a Assembleia de Deus e torna-se bondosa conseqüentemente. Para enfatizar a sua opinião, o informante utiliza a palavra *ruim* de forma repetida, por três vezes, intensificando a qualificação dada à pessoa. Em (10), para o informante emitir a sua opinião acerca da adoção da pena de morte em casos específicos de crimes, como o crime hediondo, investe na repetição e por duas vezes pronuncia a palavra *bárbara* – palavra essa que já possui um grande impacto emocional por denotar algo desumano, terrível – além de utilizar o advérbio *mesmo* para reforçar o tamanho da barbárie. Na ocorrência (11), o falante discorre sobre a grandeza de campos de pesquisa/atuação de um Departamento de Filosofia de uma Universidade e emprega a expressão *muito grande* por três vezes, seguida de outras expressões que também são repetidas na interação (*muito complicada, uma unidade muito complicada*), para intensificar a dimensão do problema enfrentado pelo Departamento.

Já a **silabação** é muito usada quando o intuito é enfatizar algo ou elevar o conteúdo descrito na sentença ou na palavra. Nos três exemplos a seguir, o falante faz a silabação de certas palavras para chamar a atenção do ouvinte com relação ao que enuncia; o intuito é priorizar, elevar o sentido. Em (12), a palavra *cansada* ao ser silabada representa o esgotamento do corpo, um cansaço extenuante pelo trabalho em excesso; em (13), a intensificação está na palavra *todo*, a qual exprime a ideia de que no curso todo de Clássico havia somente um menino na turma e o restante eram meninas. Por último, no exemplo (14), o falante dá destaque à palavra *maravilhoso* para demonstrar o tanto que gostou do lugar.

- (12) Estou **can-sa-da!** Trabalhei muito hoje.
- (13) bom a/as turmas eram separadas meninos e meninas e eu fiz clássico... só havia UM menino no clássico... **to-do...** clássico era o curso das meninas (SILVA, SOUZA e ANDRADE, 2009).
- (14) **MA-RA-VI-LHO-SO**
Lugar apaixonante! Pelo estilo simples e aconchegante, atendimento e todas as delicias oferecidas. Sempre vou la quando vou a SP!¹⁵

¹⁵ Os exemplos (14) a (20) foram retirados da internet, por meio do site de busca Google.

Outra estratégia é a **entoação ou ênfase**, recurso muito usual na fala, mas também utilizado na escrita através das letras maiúsculas. Observemos os exemplos (15), (16) e (17).

- (15) Ahhh vale lembrar que praticamente não usamos maquiagem aqui! Whatt???? Isto mesmo bloquetes, a maquiadora usou **APENAS** base, iluminador, um leve blush (bem leve mesmo) e hidratante de boca com uma cor rosinha pálida. **SEM** rímel, **SEM** cílios (imagina, uma francesa não usa cílios postiços jamais), **SEM** sombra... Uhhhhla lá!!!! (www.blogdamariah.com.br/category/moda)
- (16) Não se fala em outra coisa ao não ser Tomorrowland, não é mesmo? Várias fotos no Instagram, check-in no Facebook, comentários no Twitter e até transmissão ao vivo pelo Snapchat! E sabe porque todo mundo postou loucamente nas redes sociais? Porque simplesmente foi **INCRÍVEL!** (http://cotidianomasculino.com.br/) (SILVA, SOUZA e ANDRADE, 2009).
- (17) Era uma cidade com:: elementos muito::... muito limi**T**ados... o **MÁ**ximo de **L**Azer dos adolescentes era::... cinema... não é? Você podia ir num cinema ah::: um **BA**ile **MU**ito de vez em **QU**ANdo... mas era::...

Em (15), a ênfase ocorre nas palavras *apenas* e *sem*, responsáveis por enfatizar que a maquiadora fez uma excelente maquiagem usando apenas alguns produtos. Em (16), o falante enuncia que *Tomorrowland* (um evento que aconteceu no Brasil) fez tanto sucesso e foi, na sua opinião, uma festa não somente boa, mas incrível (em letras maiúsculas). O exemplo (17) dispõe sobre as opções de divertimento da cidade, que na época do falante eram poucas; para tanto, há uma entoação em algumas sílabas das palavras *limitados*, *máximo*, *lazer*, *baile*, *muito* e *quando*.

Nesses três exemplos, percebemos que a entoação, além de ser um fenômeno prosódico, funciona também para enfatizar, encarecer alguma ideia que o falante deseja transmitir ao seu interlocutor. Assim como os outros processos, a ausência desse recurso afetaria a intensificação que o usuário da língua gostaria de comunicar.

No que lhe diz respeito, o **prolongamento da sílaba** funciona também como um tipo de intensificador. Ao retomarmos as noções de iconicidade (algo na forma, na estrutura da língua, reflete de alguma maneira a estrutura da realidade), postulados por Givón (1985), nos deparamos com o fato de o falante utilizar uma forma linguística que faça referência ao conteúdo desejado (subprincípio da quantidade), isto é, quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma e maior, portanto, a complexidade do pensamento. Como notamos no exemplo (18), o fato de a blogueira contar detalhadamente o que aconteceu em sua festa e querer reforçar essa ideia é percebido pelo prolongamento da palavra *tudo*.

- (18) A beleza ficou por conta do salão LM de Lourdes, as comidinhas impecavelmente servidas foram do buffet Bravo (o mesmo do meu chá bar que é sábado 28/04 e vou postar **tuuuudo** pra vocês!) (<http://www.lasmimas.com.br/page/3/>)

Em (19), o falante faz menção ao uso de uma marca de fraldas que é considerada, em sua opinião, como sendo uma das melhores e mais indicadas para quando o bebê chorar muito – quando o falante escreve *aquele escândalo*, o interlocutor consegue ter uma ideia da cena e do trabalho causado pelo bebê, isto é, não é qualquer escândalo, mas *aquele* em específico.

- (19) Essa fraldinha também é uma ótima aliada dos papais mais desajeitados; é perfeita para quando os filhotes estão chorosos, fazendo **aqueeele** escândalo na hora de serem trocados, e em outras milhares de situações do dia a dia, que só quem é mãe multitarefas sabe. (<http://www.glam4you.com>)

Por fim – já que os subesquemas intensificadores terão um subcapítulo à parte –, a **pontuação** enquadra-se como um recurso da intensificação, pois é capaz de mostrar o quanto a pessoa está exaltada acerca de algum fato ou acerca de alguém. No exemplo (15), os pontos de interrogação (Whatt????) e de exclamação (lá!!!!) são repetidos por quatro vezes, recurso expressivo que deixa nítida a exaltação do falante. A mesma expressividade pode ser vista no exemplo abaixo:

- (20) Graças a Deus o evento foi o maior sucesso!!!! Espero que gostem das fotos e da coleção!! Sou suspeita, mas esse é sem dúvidas uma das minhas preferidas! (<http://www.lasmimas.com.br/page/3/>)

O uso reiterado do ponto de exclamação (quatro vezes) ao final da primeira oração denota o caráter enérgico, eufórico do falante em relação a uma determinada festa; na segunda oração, o uso repetido (duas vezes) da pontuação também exerce papel semelhante; por fim, a última oração apresenta apenas um ponto de exclamação. Através da pontuação utilizada nos exemplos (15) e (20), podemos constatar qual é o evento mais importante, uma vez que o uso enfático da quantidade de pontuação utilizada em cada oração serviu, satisfatoriamente, para o falante comunicar o que pensa, e serviu, de modo claro e objetivo, para o interlocutor compreender o que era, portanto, prioritário para o falante. Logo, trata-se de uma estratégia comunicativa que expressa uma gradação da noção de intensidade, do mais intensificado para o menos.

Em função do exposto, é evidente que há diversas estratégias argumentativas, em termos de intensificação, que estão disponíveis para o uso do falante, ou seja, para que ele possa escolher a(s) qual(is) melhor se adéqua(m) ao seu propósito comunicativo e utilizá-la(s) durante a interação verbal, fazendo com que o seu interlocutor mude ou mantenha uma conduta que seja a requerida no momento. No entanto, dentre todos os recursos de intensificação listados, optamos por trabalhar em nossa pesquisa com outro tipo que causa elevação, conforme destacado, que preferimos denominar de **subesquemas intensificadores perifrásticos**¹⁶ (também chamados de perífrases elativas de função intensificadora por Lima-Hernandes, 2009), uma vez que não são, devidamente, mencionados nas gramaticais normativas e nas de uso, as quais, em geral, dão mais ênfase a outras estratégias como fora explicitado na introdução. Com base nessas informações, refletimos, mais especificamente, acerca dos subesquemas intensificadores perifrásticos, com vistas a identificar as motivações de uso e os possíveis padrões de ocorrência.

Como explicitado, os falantes têm ao seu alcance diversas estratégias de intensificação para utilizarem no momento da interação, por isso se torna importante averiguarmos a existência da possibilidade de as intenções comunicativas envolverem processos de intensidade gradual. Essa investigação é apresentada no próximo subcapítulo.

3.3. A escala subjetiva de intensificação

Para que o falante consiga provocar o seu interlocutor, ele explora as mais variadas formas de intensificar a sua fala ou o seu texto a partir dos variados recursos que tem ao seu alcance acerca da intensificação. Logo, mesmo com tantas possibilidades, o falante saberá formular exatamente qual forma cumprirá o seu desejo. Como afirma Neves (1997, p. 104), a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete a extensão ou a complexidade de natureza conceitual (o que se tem em mente quando se diz algo), assim, essa extensão ou complexidade irá depender de qual impacto o falante quer causar no seu destinatário. Dessa forma,

O problema do falante é formular sua intenção de tal modo que tenha alguma chance de levar o destinatário a desejar a modificação da sua informação pragmática do mesmo modo como o falante a pretende. O falante, então, tenta antecipar a interpretação que o destinatário, num determinado estado da sua

¹⁶ O termo “perifrástico” é usado para diferenciar as construções intensificadoras formadas pela junção de dois ou mais elementos daquelas que são comumente classificadas como simples, como *muito*, *bastante*, etc.

informação pragmática, possivelmente atribuirá à sua expressão linguística. (NEVES, 1997, p.20).

Vejam os processos de intensidade gradual a partir de outro tópico interessante abordado na *Gramática Pedagógica* de Bagno (2010), que são as diferentes predicções acerca de uma mesma bebida: o vinho. Observemos:

- (21) a) A: – Eu gosto do vinho **mais** seco.
 b) B: – É, mas esse aqui está **muito** seco.
 c) C: – Também estou achando seco **demais**.
 d) D: – Para mim, ele está é sequíssimo...
 e) E: – Eu acho até que é **o mais** seco que já provei!

Embora o autor apresente tais exemplos, ele não explicita, na prática, quais são os diferentes processos de intensificação disponíveis no português e suas diferentes estruturas, que culminam em finalidades e propósitos distintos. Assim sendo, é notório que, em (21a), ocorre uma intensificação mais branda acerca de uma propriedade (seco), pelo fato de ter em sua estrutura um advérbio de intensidade *mais*, ao mesmo tempo que em (21b) e (21c) se preferiu os advérbios *muito* e *demais*, respectivamente, funcionando como uma ideia de ênfase, exagero, muito mais forte que em relação ao *mais*, mas apesar de funcionarem como advérbios de intensidade, não têm a mesma carga semântica, como será visto a seguir. Em (21d), o falante recorreu ao sufixo *-íssimo* para marcar um superlativo sintético; enquanto o enunciado (21e) teve a intensificação mais acentuada, visto que foi empregado um superlativo relativo (*o mais*), isto é, o falante qualificou este vinho como sendo *o mais seco* dentre todos os outros já experimentados.

Além dos advérbios intensificadores presentes no exemplo (21), há também o uso da pontuação: de (21a) a (21d) o ponto final serviu para finalizar as orações, já em (21e), juntamente com a intensificação mais extenuante, utilizou-se ainda o ponto de exclamação – pontuação ausente até então. O fato de o falante ter lançado mão de uma pontuação cuja função é exclamativa, diferentemente do ponto final (função declarativa), serviu de auxílio na intenção comunicativa por ele almejada. Logo, se a intenção do falante é ser mais branda, usará a intensificação como vimos em (21a) (*mais seco*) ou se é ser mais enérgico, usará a intensificação como em (21e) (*o mais seco*).

Bagno, acerca do exemplo (21), explica que o líquido (vinho) citado nos enunciados é o mesmo referido nos cinco exemplos, sendo alterada somente as predicções dadas por cada pessoa. Assim, ele explicita que:

Os substantivos, por seu turno, sendo referenciais, isto é, designando objetos do mundo real, virtual ou mental, não admitem gradação. Como diz Castilho, eles admitem sufixos de aumentativo e diminutivo, mas esses sufixos informam sobre o tamanho, a dimensão do objeto referido, e esse tamanho é o mesmo, objetivamente, podendo até ser mensurado, no caso de objetos do mundo real – um lago com superfície de 532,8 km² será sempre um lago com 532,8 km², mesmo que para algumas pessoas ele seja um *laguinho* e para outras, um *lagoão*. As qualidades do lago é que podem variar, até objetivamente: num ponto ele é **fundo**, mais adiante é **mais fundo**, logo se torna **fundíssimo** até voltar a ser **menos fundo** etc. (BAGNO, 2010, p. 681 – negritos do autor).

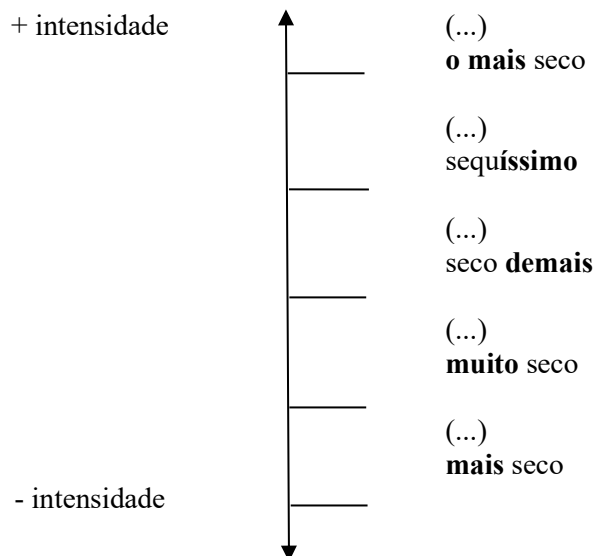
Percebemos que não é, de fato, o tamanho ou a dimensão de algo referido que sofre o processo de intensificação, mas sim a proporção que tal acontecimento/experiência tem para o falante e que ele deseja transparecer para o seu interlocutor. Dessa maneira,

Em qualquer estágio da interação verbal o falante e o destinatário têm informação pragmática. Quando o falante diz algo a seu destinatário, sua intenção é provocar alguma modificação na informação pragmática dele. Para isso, o falante tem de formar alguma espécie de intenção comunicativa, uma espécie de plano mental concernente à modificação particular que ele quer provocar na informação pragmática do destinatário. (NEVES, 1997, p.20).

Diante do exposto, percebemos que as intenções comunicativas envolvem processos de intensidade gradual, às vezes ocorrem com menor intensidade e às vezes com maior vigor; tudo dependerá, como já visto, do propósito do falante. O fato de as intenções comunicativas do falante envolverem alterações de intensidade evidencia, portanto, como menciona Costa (2010), que no dia a dia, as ações e as experiências que o indivíduo vivencia não são sempre iguais, elas mudam e se diferenciam por diversos motivos, e um deles é a intensidade com que acontecem. Explicando de outra forma: para que o ser humano sobreviva é necessário que ele ingira calorias, assim, ao longo do dia, seu organismo emitirá estímulos para que seja ingerido algum alimento, esse é o momento que o corpo precisa e deseja comida, é o momento que o indivíduo sente fome.

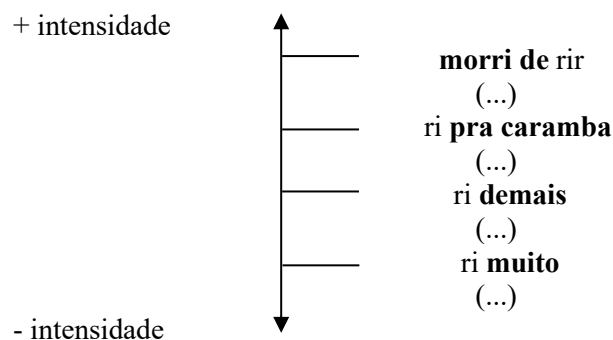
No entanto, o organismo não responde sempre da mesma forma aos estímulos recebidos. Às vezes, as respostas são mais brandas ou mais fortes, o que quer dizer que a sensação de fome é variável para o indivíduo, ou seja, ela não ocorre na mesma intensidade no decorrer das vinte e quatro horas. Por conseguinte, quando o falante deseja comunicar a sua fome ao seu interlocutor pode dispor de enunciados do tipo: *Tenho fome; Tenho muita fome; Estou faminto*. A característica responsável por unir os três enunciados é o mesmo acontecimento: a fome; já a característica responsável por afastá-los são as sensações diferentes presentes em cada um, desde a mais leve, passando pela moderada e por último, a mais intensa.

A rotatividade de sensações permite ao falante graduar subjetivamente como as suas experiências são vividas e como serão referidas, isto é, ele é capaz, a partir dos recursos da intensificação, de demarcar significativamente como se sente e o que deseja. Esse processo só é possível porque “a linguagem, como reflexão de nossas atividades mentais, possui, então, uma vasta gama de estratégias para sinalizarmos para o nosso interlocutor a força, a intensidade com que experimentamos/realizamos algo ou mesmo julgamos como foi (para outro), ou é (para nós), vivenciar algo” (COSTA, 2010, p. 62). Assim, voltando ao exemplo das diferentes predicções do vinho, podemos formular, baseados em Costa (2010), uma escala subjetiva de intensificação, vista a seguir, que vai do menos para o mais intensificado: se a intensificação for mais intensa ocupará o topo da escala (enunciado (21e) – *o mais seco*); se comum, o meio (enunciado (21c) – *seco demais*); e se for menos intensa (enunciado (21a) – *mais seco*), ficará na base.



Escala 1 – Escala subjetiva de intensificação: predicções do vinho. Fonte: elaboração própria.

Quanto aos subesquemas intensificadores perifrásticos, também podemos alinhá-los a uma escala subjetiva, conforme mostra Costa (2010, p. 114), ao produzir uma escala com construções intensificadoras perifrásticas (*morrer de e pra caramba*) com construções intensificadoras mais canônicas existentes no português (*demais e muito*). Vejamos:



Escala 2 – Escala subjetiva de intensificadores simples e perifrásticos. Fonte: COSTA (2010, p. 114).

Os quatro enunciados da escala 2 referem-se ao ato de rir, sofrendo alteração somente na força com que esse evento ocorre ou é descrito. Logo, o enunciado *ri muito* apresenta o advérbio de intensidade *muito* e se encontra na base da escala por ser o enunciado menos intensificado; um pouco mais acima, no meio, tem-se *ri demais*, outro enunciado formado pelo advérbio de intensidade *demais*, um pouco mais forte que o anterior e por isso está acima dele. Chegando próximo ao topo, está uma construção perifrástica formada pelo subesquema [[X] + PREP + N], mais especificamente [[X] pra caramba], muito mais carregada de força semântica que os advérbios anteriores; e, finalmente, no topo encontra-se mais um subesquema perifrástico formado pelo subesquema [V + PREP + [X]], como [morrer de [X]], representando o ápice do quão forte foi o riso, isto é, a pessoa chegou a morrer (metaforicamente) pelo fato de rir em demasia. Nesse caso, a construção intensificadora perifrástica formada pelo esquema [V + PREP + [X]], que se revela no topo da escala, acima das demais, representa uma forma de intensificação exagerada e que vai além das enunciações formadas pelos advérbios de intensidade e até mesmo do subesquema perifrástico [[X] + PREP + N].

Portanto, como pudemos constatar, a escala subjetiva de intensificação funciona como um mecanismo para avaliar o grau de intensificação das expressões intensificadoras e seu impacto no processo de comunicação. Podemos alocar tais expressões no topo da escala (quando designarem maior intensidade) ou na base (menor intensidade). Dito isso, percebemos que há construções que indicam maior intensidade perante outras, como é o caso dos subesquemas intensificadores perifrásticos, os quais veremos mais detalhadamente no subcapítulo a seguir.

3.4. Os subesquemas intensificadores perifrásticos

De acordo com a abordagem funcionalista, a linguagem não serve somente para se comunicar, mas também para classificar, organizar e processar as informações semântico-pragmáticas disponíveis ao falante e ao ouvinte, pois, conforme aponta Silva,

[...] a linguagem está intimamente ligada a outros domínios cognitivos e interage com fatores ecológicos, psicológicos, culturais, sociais, comunicativos etc. Desse modo, a estrutura linguística relaciona-se com e é motivada pelo conhecimento conceitual humano, pelas experiências físicas e pelas funções comunicativas do discurso. Em outras palavras, a linguagem depende de conceitualização, sendo condicionada por nossas experiências, e

pelo ambiente externo e pelas relações que mantemos com esse ambiente. (SILVA, 2006, p. 67).

De modo consequente, o sentido de uma palavra é entendido como uma negociação entre falante e ouvinte e é construído no contexto comunicativo; portanto, já que a língua, de acordo com Bybee (2016, p. 16), é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões, enquanto, ao mesmo tempo, mostra variação considerável em todos os níveis, sempre será analisada com base em seu contexto de uso, levando em consideração elementos internos (gramática) e externos (contexto). Assim, o significado será construído dinâmico e sócio-históricamente a depender dos envolvidos no momento da interação; logo, para que tenhamos “a palavra [...] não mais como portadora de significado, mas como porta para a construção do sentido” é imprescindível que o falante/ouvinte seja um “sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo” (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p. 92). Dessa forma, durante o momento de interação social, o falante, a partir da linguagem, busca atingir um propósito comunicativo bem definido através de construções linguísticas específicas.

Assim sendo, uma das maneiras de o falante cumprir seu propósito comunicativo é intensificando a sua fala ou o seu texto utilizando as várias estratégias de intensificação disponíveis na língua (algumas já discutidas na seção anterior). Baseados nos conceitos de linguagem e de sentido adotados nesta pesquisa, e consoantes a Silva (2006), a intensificação é:

[...] o processo semântico-discursivo pelo qual se atribui intensidade, em termos graduais (para mais ou para menos), a uma dada noção conceitual, em geral, de acepção mais abstrata. Em outras palavras, é uma operação cognitiva (motivada e emergente pela interação verbal) por meio da qual se imprime reforço, em escala ascendente ou descendente, à idéia de um determinado conteúdo, estendendo-se sua concepção para além do nível de significação considerado normal ou básico. Convém frisar, ainda, que a intensificação pode também incidir sobre uma noção já graduada. (SILVA, 2006, p. 146).

Vale destacar que a intensificação é um processo tão frequente nas línguas (como já destacado) que “não há dúvida de que se trata de uma das estratégias discursivas mais utilizadas nos processos de interação verbal, dos mais simples e descontraídos, como é o caso de uma conversa íntima, àqueles mais ritualizados e formais, como o discurso acadêmico” (SILVA, 2006, p. 202). É pelo motivo de ser uma das estratégias mais utilizadas que o falante tem ao seu dispor uma gama de possibilidades para moldar e reforçar sua interação verbal, uma vez que, como já apresentado, a intensificação pode graduar subjetivamente (de forma positiva ou

negativa) como as experiências são vividas e como são referidas por parte de cada falante. Logo, para expressar intensidade, o falante pode dispor, por exemplo, de enunciações do tipo:

- (22) Paulo está cansado.
- (23) Paulo está **muito** cansado.
- (24) Paulo está cansado **pra caramba**.

É visível a diferença gradativa de sentido nos exemplos acima, uma vez que ao produzir um enunciado como em (22) *Paulo está cansado* não há a presença de nenhuma marca linguística de intensificação; em (23) há a inclusão do advérbio de intensidade *muito*, o que faz com que o cansaço que Paulo sente seja razoavelmente intensificado; e, por último, em (24), o falante demonstra que Paulo está em um nível extremado, isto é, seu cansaço é muito extenuante, portanto, a carga semântica-pragmática vai além dos sentidos expressos nos exemplos anteriores. Retomamos, portanto, à escala subjetiva de intensificação que posiciona as experiências do falante de acordo com a intensidade que ocorrem: se for mais intensa ocupará o topo da escala; se comum, o meio; e se for menos intensa, ficará na base. Sendo assim, é compreensível o porquê de o falante preferir estratégias argumentativas como em (24) quando deseja exprimir algo que seja relevante durante sua interação; conseqüentemente, no exemplo (24) não se trata mais, segundo Costa (2010, p. 113), “de níveis elevados, mas sim de níveis **excessivamente elevados** acerca de algo” (negrito nosso).

Recorrendo à Linguística Cognitiva, entendemos que o fenômeno da intensificação vai além da mera descrição funcional e da formalização de fatos linguísticos, uma vez que o fenômeno está diretamente relacionado a diferentes aspectos da cognição, no sentido de que a intensificação aponta para a existência de uma relação intrínseca entre linguagem, pensamento e experiência. À vista disso, conforme aponta Silva (2006, p. 70), baseado nas ideias dos precursores da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1987, dentre outros), o aparato conceitual humano constrói-se mediante operações cognitivas, embasadas no modo como somos fisicamente e na relação que temos com o mundo natural e sociocultural ao nosso redor, isto é, o **realismo corporificado**; em outras palavras, “nosso primeiro contato com o mundo se dá através dos nossos sentidos corporais e, a partir daí, algumas extensões de sentido são estabelecidas” (MARTELOTTA, 2016, p. 65). Segundo essa concepção, a estrutura corporal do ser humano é importantíssima, pois é através dela que a percepção de mundo a sua

volta se organiza, por consequência, a mente não pode ser separada do corpo, uma vez que o pensamento linguístico tem base corporal.

Exemplo disso, conforme apontado em trabalho de Silva (2006, p. 210-211), “são as amostras intensivas derivadas das metáforas de sensações/experiências físicas, tais como, por exemplo, trabalho *extenuante*, calor *sufocante*, cheiro *inebriante*, barulho *ensurdecedor*, beleza *estonteante*, vista de *tirar o fôlego*, ciúme *doentio*, desejo *ardente* [...]”. O mesmo acontece com o “conceito metafórico de espaço/distância – vertical ou horizontal – é encontrado no prefixos *sub-*, *sobre-*, *super-*, *supra-*, *hiper-*, *arqui-*, *ultra-*, *extra-*, *ex-* (presente na ideia intensiva de em *excesso/iv(o)/amente*, *excepcional*, *exacerbado*) [...]”. Ainda na mesma esteira, as intensificações em que se empregam expressões com *bem*, *bom*, *ruim*, *ótimo*, *péssimo*, *pavor/oso*, *medonho*, *estorrecedor*, *hediondo*, *um terror (de)/terrível/mente*, [...] entre outras, refletem as metáforas de sensações/estados psicoafetivos.

A tendência de transferir conceitos baseados na experiência com o mundo concreto para o domínio mais abstrato também pode ser vista em outras línguas. Vejamos¹⁷:

- (25) Em alemão:
wenig = *pouco*:
 Ich habe *wenig* Geld = Eu tenho *pouco* dinheiro (noção quantitativa + concreta)
 Ich habe *wenig* Zeit = Eu tenho *pouco* tempo (ideia intensiva + abstrata)
- (26) Em japonês:
ippai = *muito(s)*, *bastante(s)*, *demais*
ippai daigakusé ga = *muitos* alunos universitários (noção quantitativa)
ippai muzukashii = *muito* difícil (exprime intensidade) – (exemplos coletados de um falante nativo)
- (27) Em húngaro:
nagy = *grande*, *muito*, *demais*:
nagy ház = casa *grande* (noção de tamanho/grandezza)
nagyon jó = *muito* bom (ideia intensiva)

Os dados abaixo, coletados no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006-2016), e na Internet (por meio do Google), exemplificam alguns outros casos de subesquemas intensificadores perifrásticos no português, operados por outros conceitos pertencentes ao universo de experiências do falante, como, por exemplo, a escala cromática de cores, o órgão genital, os animais, a terra, a morte, e outros. Observemos:

¹⁷ Exemplos retirados de Silva (2006, p. 212-213).

- (28) O Berto, então, veio seco em cima de mim, e correu dois palmos de faca do Pasmado. - Tenha mão, capitão Berto - disse-lhe eu, aparando o golpe, com a minha Parnaíba. [...] Mas o homem estava **roxo de** raiva; espumava como um touro feroz. Avançou outra vez num ímpeto.. (18:Olímpio:Luziahomem)
- (29) É difícil ficar do lado do Deo sem se borrar de rir, esse é o problema desse sujeito. A gente fez uma viagem pra Cleveland e Atlanta uma vez que foi foda... A gente se divertiu **pra caralho**. Um puta cara gente fina! (19Or:Br:Intrv)
- (30) Juguinho feio **de doer** esse Flamengo x Botafogo. Mais feio que isso só essa camisa 'quadriculada' do Mengão. Curti não. (twitter.com/carlosgrillo/status/)
- (31) Há de casá-la como casou a outra, com um homem de peso.. - Pois sim.. - Verás. Bom casamento é ela, lá isso é.. Quantas filhas são? - Cinco, parece-me que cinco. - Mesmo assim. O Meireles está **podre de** rico. Podre de rico! Também nunca vi homem tão agarrado (19:Fic:Br:Lopes:Falência)
- (32) O ministro tinha dúzias de camisas de seda, calças de flanela, ternos de linho belga. - Onde é que a senhora está morando agora? Sempre no Glória como no tempo do comendador Albergaria? Diziam no hotel que ele era rico **pra burro**. - Não, Sabina. Não quero escandalizá-la [...] (19:Fic:Br:Vieira:Mais)

Nos exemplos de (28) a (32), os subesquemas intensificadores são derivados, como já mencionamos, de processos cognitivos específicos à linguagem e podem ser, a nosso ver, definidos, com base em Bybee (2010, p. 9) e Traugott e Trousdale (2013), a partir de Fillmore *et alli* (1988), Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001), como novos pareamentos de forma-significado, já que seu significado atual difere-se bastante do significado de suas partes isoladamente. Dito de outra forma, os subesquemas, em seus empregos atuais, formados por [roxo de], [pra caralho], [de doer], [podre de], [pra burro], entre outros, não carregam mais o sentido denotativo de cor (roxo), de órgão sexual (caralho, em termos informais), de dor (com efeitos físicos no corpo), de podre (no sentido de putrefação), de burro (de animal resultante do cruzamento do jumento com a égua), respectivamente, mas sim o sentido metaforizado (abstratizado) do que esses termos expressam. *Roxo* (no sentido de extrapolação dos limites), *caralho* (no sentido de extenuação da potência sexual do órgão genital masculino), *dor* (de extenuação/extrapolação dos limites suportáveis pelo corpo), *podre* (no sentido de grau exagerado de alguma qualidade ou propriedade), *burro* (no sentido de capacidade de superar, suportar e aguentar determinadas atividades ou situações extremas).

É por esse motivo, de não mais configurarem sentidos literais, que entendemos que os subesquemas constituem novos pareamentos de forma-sentido, passando a exercerem a função de intensificação na língua e não mais a função de qualificação/modificação/especificação (no

caso de adjetivos como *roxo*, *podre* etc), de designação/força/quantidade (no caso de nomes como *burro*, *caralho* e outros) ou de indicação de ação/estado/processo/repetição (no caso de verbos como *morrer*, *doer*, *chorar*, etc).

Assim sendo, em (28), a intensificação é possível graças ao uso da cor roxa responsável por manifestar algo extremado: o quão raivoso o homem está; o roxo retoma, metaforicamente, a cor que o ser humano fica quando está muito bravo. Em (29), tem-se o subesquema [pra caralho], ligado ao conceito de sexualidade, que recupera a noção de virilidade do órgão genital masculino e a projeta, metaforicamente, para a noção de intensificação, transmitindo, nesse caso, a ideia de que a diversão foi muito boa. Na ocorrência (30), o subesquema [de doer] faz menção à noção de dor que é também usada metaforicamente para simbolizar intensidade, isto é, para expressar o quão ruim foi o jogo entre Flamengo e Botafogo.

Por sua vez, na ocorrência (31), o subesquema [podre de], que incide sobre o adjetivo *rico*, atua também como um subesquema intensificador, expressando a ideia de que alguém está extremamente rico. A leitura quanto ao subesquema [podre de] se deve a uma operação cognitiva do falante, responsável por transferir metaforicamente a ideia de podridão, como um estágio extremado de um processo de decomposição, para o contexto de intensidade. O mesmo se aplica ao caso (32), em que o subesquema [pra burro], formado por um termo referente ao animal burro, que remete à força física do animal, passou a ser usado, em função da repetição, para veicular a ideia de intensidade (demasiadamente rica).

Até aqui, vimos pontos importantes da abordagem teórica e analisamos algumas estratégias de intensificação, dentre elas os subesquemas que compõem o nosso objeto de estudo. No próximo capítulo, apresentamos o universo de investigação, os objetivos específicos da pesquisa relacionando-os aos procedimentos metodológicos que serviram de base para guiar nossa análise, cujo desenvolvimento encontra-se nos capítulos 4 e 5.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso propósito, neste capítulo, é apresentar os objetivos específicos e a metodologia de trabalho, esta especialmente relacionada às etapas de coleta, seleção e análise dos dados, a partir do conjunto de parâmetros de investigação, que orientam nossa pesquisa acerca dos subesquemas intensificadores perifrásticos [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba]. Esse tema merece nossa atenção, como já explicitado, por se tratar de um fenômeno linguístico que está, gradualmente, se expandindo e se cristalizando no português. Além disso, é um tema que contempla poucas pesquisas até o momento, ainda mais a partir de uma abordagem construcional, sem referências a ele nas gramáticas normativas.

Sendo assim, a pesquisa utiliza basicamente como referencial teórico a abordagem construcional, representada especialmente por Traugott e Trousdale (2013), e também por Bybee (2010), dentre outros, que, guardadas as devidas proporções e especificidades de cada proposta, concebem a língua como um sistema adaptativo e complexo, sujeito à variação e à gradiência e adotam a construção como a unidade de análise (para a representação morfológica e sintática). A perspectiva teórica dos MBUs da língua de Bybee (2010) trata dos processos cognitivos que influenciam o modo como as palavras se juntam para formar construções em uma dada língua, isto é, trata-se de uma abordagem teórica que foca o modo como os falantes processam as informações linguísticas e como os processos cognitivos afetam, em termos diacrônicos, a representação das palavras na memória do usuário, isto é, a gramática da língua, levando, assim, a mudanças linguísticas no decorrer do tempo.

É por essa razão que adotamos a diacronia como perspectiva de análise, uma vez que, segundo Bybee (2010), esse recorte permite não somente verificar como e quando uma dada construção emerge ou (emergiu) na língua, como também verificar se o seu significado foi, de alguma forma, alterado pelo contexto via inferência (vale ressaltar que fora realizado um controle de diferentes grafias dos subesquemas nos primeiros séculos com a finalidade de averiguar se tais subesquemas eram grafados diferentemente; no entanto, constatamos que a grafia sempre manteve-se igual). Ademais, fundamentamo-nos, majoritariamente, na pesquisa de cunho qualitativo, não deixando de lado, quando necessário, o uso quantitativo. Tal perspectiva é adotada uma vez que o papel da frequência nos trabalhos da abordagem construcional é de suma importância. Ao todo, foram catalogadas 1090 ocorrências, compreendendo os três exemplares de subesquemas.

4.1. Formação do *corpus*

A análise aqui apresentada contempla um número considerável de dados de modo a ser possível obter uma visão mais sistematizada e completa dos processos de mudança construcional envolvendo os subesquemas intensificadores em questão. Para tanto, adotamos como *corpus* de pesquisa o *Corpus do Português* (DAVIS e FERREIRA, 2006; 2016), por se tratar, no momento, do *corpus* mais adequado à pesquisa, já que, por contemplar diversos contextos de interação (dos menos para os mais formais), ele propicia a identificação de inúmeros casos de subesquemas intensificadores em diferentes gêneros textuais e possibilita a realização de pesquisa diacrônica (mesmo com problemas metodológicos, em especial, no tocante aos tamanhos variados dos textos) por conter textos de várias sincronias.

O universo de investigação é composto por duas subamostras do *Corpus do Português*: (i) *NOW* (notícias da Web), com aproximadamente 1,4 bilhões de palavras retiradas de jornais e de revistas online desde 2012 até à atualidade, e (ii) *Web e Dialetos*, com 45 milhões de palavras catalogadas de 1300 a 1900, organizado por Davis e Ferreira (2006; 2016), abordando quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Esse *corpus* contempla amostras de textos falados e escritos e possibilita a busca de dados por variedade do português (africano, europeu ou brasileiro), além de o sistema do *corpus* possibilitar aferir a frequência de uso das construções em estudo. Para esta pesquisa, trabalhamos apenas com a variedade brasileira e europeia do português e com todos os períodos disponibilizados pelo banco de dados (do século 14 ao 21).

A seguir, mostramos as etapas de como a pesquisa é feita no site eletrônico do *Corpus do Português* (em língua portuguesa). Esta primeira figura é a página inicial do site, com o usuário já logado na subamostra *Now*.



Figura 1 – Página inicial. Fonte: Site *Corpus do Português Now*.

Na segunda figura, dentro do retângulo em branco (caixa de texto), ao lado esquerdo, o subesquema a ser buscado, no caso [morto de [X]], é inserida.

Figura 2 – Busca do subesquema morto de. Fonte: Site *Corpus do Português Now*.

A figura a seguir mostra a frequência do subesquema; neste caso, a expressão *morto de* aparece 844 vezes na subamostra selecionada, mas somente 91 ocorrências configuram-se como um subesquema intensificador.

CONTEXTO	FREQ
MORTO DE	844

Figura 3 – Frequência do subesquema morto de. Fonte: Site *Corpus do Português Now*.

Na quarta figura, vê-se o número das ocorrências, a data, o país, o site em que a ocorrência foi catalogada e uma parte de seu contexto.

DATE	COUNTRY	SITE	CONTEXT
19-06-23	PT	PTJornal	contra as pessoas LGBT. # Bolsonaro chegou a declarar que preferiria ter um filho 'morto de o que um filho' gay', e fez manchetes em abril a
19-06-20	BR	UOL	bandido. Meu filho era uma criança que tentou ir para a escola. Foi morto de uniforme e com mochila em as costas. # Depois o motorista conse
19-06-18	BR	NaTelinh	Silva, Xuxa, Eliana, Celso Portiolli e Raul Gil em o passado foi morto de forma cruel. Em uma entrevista a o " Balanço Geral ", de
19-06-11	PT	Jornal Económico	nem nunca construiu nada - ela aceita tudo e não é mais que o peso morto de a história (a frase é de Gramsci que, por razões que o
19-06-11	PT	Observador	1999, 2000 e 2001. # " Eram documentos que estavam em o arquivo morto de o banco e eventualmente digitalizados. Alguém lhe fez chegar docu
19-06-10	BR	RD	qual Helena (Regina Duarte) dá seu filho vivo em troca de o bebê morto de sua primogênita, Eduarda (Gabriela Duarte) - com o auxílio de o
19-06-03	BR	G1	Golfinho morto é encontrado em a orla de Jatiúca, em Maceió # Um golfinho morto de a espécie boto-cinza (Sotalia guianensis) foi deixado em o
19-06-03	BR	G1	não adianta fazer exames complementares para descobrir a causa de a morte. # Golfinho morto de a espécie boto-cinza foi deixado em a orla de
19-05-31	PT	Jornal de Notícias	constitui como arguidos dois antigos funcionários de a SPRH e realizou buscas em o arquivo morto de esta empresa, em as ilhas de o Faial e de e
19-05-30	PT	Jornal de Notícias	que incluiu a realização de diligências de buscas em instalações onde se encontrava o arquivo morto de a antiga empresa, em as ilhas de o Faial e
19-05-20	BR	Folha de S.Paulo	o ano passado. # Lauda chocou a todos. Ao escapar vivo ou quase morto de um carro em chamas, a o protagonizar uma volta espetacular ou que
19-05-13	BR	Omelete	trazer ninguém que não foi morto por a própria manopla de volta. Tony foi morto de forma física. " # Em entrevista para a Variety, os roteiristas
19-05-10	BR	Jornal Extra	só, vira a cara para a parede e fica de costas para todos. morto de vergonha. Os anos passam, ele se torna um respeitado jornalista em o
19-05-09	BR	UOL	Helena (Regina Duarte), que troca o próprio filho por o bebê nascido morto de a filha para não ver- la infeliz, ainda conquista telespectadores. Ent

Figura 4 – Ocorrências do subesquema morto de. Fonte: Site *Corpus do Português Now*.

A figura 5 é a última etapa de busca e especifica a data, o título da matéria, o site e o contexto ampliado da ocorrência.

The screenshot shows the 'Corpus do Português: NOW' interface. At the top, there are navigation buttons for 'PESQUISAR', 'FREQÜÊNCIA', 'CONTEXTO', and 'CONTEXTO +'. Below this, a table provides details for the selected item:

FONTE:	
Data	BR (18-12-19)
Título	O perigo de estar morto de sono: Bloomberg Opinion
Fonte	https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2018/12/19/o-perigo-de-estar-morto-de-sono-bloomberg-opinion.htm

Below the table, the 'Contexto ampliado:' section contains the following text:

determinou em esta quarta-feira, 19, que todos os detidos em condenações de segunda instância devem ser soltos. A decisão atende a um pedido de o PCdoB. O ministro determinou a soltura, em o entanto, a liberação de os presos não é imediata. Cada advogado terá que pedir a o juiz responsável por a pena que efetive a soltura e cumpra a decisão de o ministro. De acordo com o G1, a defesa de Lula já requereu a a Justiça a soltura dele. BR_42490059 O perigo de estar **morto de sono**: Bloomberg Opinion # (Bloomberg) -- Os americanos associam o sono a a preguiça, mas especialistas em sono dizem que pessoas saudáveis não conseguem dormir demais. Algumas podem desejar mais comida de o que o necessário, mas apenas quem tem problemas físicos ou mentais deseja dormir mais de o que precisa. E nós, humanos, precisamos muito. # Algumas pessoas gostam de dizer que dormirão quando morrerem, mas estudos após estudos mostram que dormir muito pouco em os deixa meio mortos mesmo acordados --

Figura 5 – Contexto ampliado. Fonte: Site *Corpus do Português Now*.

Após conhecermos detalhadamente o funcionamento da formação do *corpus* da pesquisa, apresentamos, na seção seguinte, os objetivos específicos, assim como os parâmetros de análise que norteiam nossa pesquisa.

4.2. Parâmetros de análise e Objetivos específicos

A fim de cumprir o objetivo geral da pesquisa – examinar, com base nos pressupostos teóricos da abordagem construcional, (BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), os subesquemas intensificadores perifrásticos [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português), buscando verificar (i) a configuração esquemática dessas construções em termos hierárquicos; (ii) a natureza composicional; e (iii) o grau de produtividade – como já explicitado na introdução, e confirmar a nossa hipótese inicial de que certas propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas favorece(ra)m a produtividade e o processo de convencionalização desses subesquemas, estipulamos quatro objetivos específicos, bem como nove parâmetros de análise¹⁸. Vejamos a relação entre cada um.

- (i) Investigar, em termos diacrônicos, a emergência dos subesquemas intensificadores perifrásticos [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] no português, buscando identificar quais processos cognitivos e mecanismos de mudança (analogização e neoanálise) operam diretamente na composição e na convencionalização desses subesquemas na língua.

¹⁸ Agradecemos ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho pela relevante contribuição deste subcapítulo.

Os parâmetros de análise de número 1 (Grau de generalização esquemática do subesquema intensificador) e 3 (Grau de transparência semântica da construção intensificadora) se relacionam com este objetivo, pois visam analisar os esquemas e o grau de transparência semântica dos subesquemas.

(ii) Averiguar que tipos de ligação se estabelecem entre os subesquemas intensificadores perifrásticos aqui analisados e outros subesquemas e esquemas mais abstratos de intensificação, ou seja, averiguar se tais ligações se dão por meio de elos relacionais (polissemia, metafórico, subparte ou particular) ou por meio de elos de herança (em termos de forma ou de significado). O parâmetro número 2 (Tipos de ligação do subesquema intensificador com outros subesquemas construcionais) analisa justamente quais são os tipos de ligações possíveis de acontecerem em construções e o parâmetro 6 (Tipo de modificação das construções intensificadoras) auxilia a justificar porque cada subesquema apresenta tipos de ligações divergentes.

(iii) Examinar a natureza dos subesquemas intensificadores, no tocante a sua esquematicidade (relações hierárquicas de organização), a sua manutenção ou perda de composicionalidade e também a sua produtividade, com vistas a aferir o grau de autonomia desses subesquemas na língua, como sendo resultado de um novo pareamento de forma e significado no português. Os parâmetros de análise 1 (Grau de generalização esquemática do subesquema intensificador), 3 (Grau de transparência semântica da construção intensificadora) e 9 (Grau de consolidação e produtividade dos subesquemas de intensificação instanciadas pelos subesquemas construcionais [[X] + PREP + N] e [ADJ + PREP + [X]]) servirão de auxílio para essa tarefa.

(iv) Avaliar, com base na proposta de contextos linguísticos de mudança de Diewald (2002, 2006), o processo de formação e a trajetória de mudança linguística pelos quais passam esses subesquemas intensificadores, de modo a identificar as propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas que favorece(ram) o processo de convencionalização desses subesquemas. A junção de todos os parâmetros de análise listados, a seguir, corroboram para esclarecermos as questões que se pautam neste objetivo, portanto, isto é, quais propriedades e de que forma elas colaboram para a convencionalização dos subesquemas.

Assim sendo, para que tais objetivos sejam atingidos na prática, nossa análise se pauta, com base em Traugott e Trousdale (2013), na elaboração de nove parâmetros de análise, dispostos a seguir.

1) **Grau de generalização esquemática do subesquema intensificador:** Quando a construção é totalmente aberta (ou esquemática), ela apresenta uma *natureza mais genérica, abstrata e inclusiva* (ex.: SUJ V OBJ); quando a construção é semiaberta (ou parcialmente esquemática), ela apresenta *uma natureza genérica, específica e (não-) inclusiva* (ex.: ADJ-mente); quando a construção é fechada (ou substantiva), ela apresenta *uma natureza substantiva, específica e restritiva* (ex.: a ver navios).

2) **Tipos de ligação do subesquema intensificador com outros subesquemas construcionais:** analisar, dentre os cinco tipos de ligações, qual(is) o(s) que prevalece(m) nos subesquemas; são eles (i) os links de *polissemia* descrevem os links semânticos entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões, ou seja, as especificações sintáticas são as mesmas, mas as especificações semânticas são diferentes. Como exemplo, Goldberg cita o caso da construção bitransitiva, que tem a sintaxe [SUJ V OBJ1 OBJ2] e a semântica central [X CAUSA Y para RECEBER Z]; (ii) os links de *extensão metafórica* são aqueles que envolvem um mapeamento metafórico particular. Como exemplo, podemos citar “O chocolate passou de líquido a sólido”, em que se verifica o elo metafórico entre movimento e mudança de estado; (iii) os links de *subparte* indicam a relação entre uma construção menor e uma construção maior que existe de forma independente e da qual ela pode fazer parte. O esquema de movimento intransitivo “A criança caminhou até a porta” é uma subparte do esquema de movimento causado “Ela caminhou/conduziu a criança até a porta”; (iv) Os links *particulares* ocorrem quando uma construção particular é um “caso especial” (Goldberg 1995: 79) de outra construção. Como exemplo, podemos citar o verbo “drive” (com um sentido particular), usado em uma construção resultativa, em que o argumento resultado-meta se restringe a um conjunto limitado de construções: construções do tipo “*to drive someone crazy/nuts/up the wall (louco/insano/nervoso)*” (deixar alguém louco/insano/nervoso) tendem a estar associadas a construções com semântica de negatividade, de modo que construções do tipo “*to drive someone happy/delighted (feliz/encantada)*” não são possíveis, pois afetam o sentido da emoção expresso por elas, ou seja, em construções do tipo “*to drive someone [X]*”, o *slot [X]* só pode ser preenchido por unidades de natureza negativa; (v) os links de *herança* ocorrem quando um “nó herda as propriedades de seus nós dominantes”. Desse modo, *John runs* (João corre) é um constructo

da construção intransitiva do inglês, que, por sua vez, é um membro da construção sujeito-predicado do inglês.

3) Grau de transparência semântica da construção intensificadora: verificar o grau de transparência em cada subesquema, se (i) transparente (quando é possível depreender o significado de cada subparte da construção), (ii) mais ou menos transparente (quando já se observa algum tipo de opacidade semântica no significado da construção, ou seja, o significado passa a ser gerido mais pelo todo da construção do que pela soma do significado de suas subpartes), e (iii) opaco (quando o significado da construção é decorrente do todo, isto é, é de natureza metafórica).

4) Possibilidade de a construção intensificadora ser flexionada em número ou em gênero: a expectativa é a de comprovar se os subesquemas de intensificação são formas já estabilizadas na língua, o que irá restringir a possibilidade de que eles possam ser flexionados em número e gênero.

5) Possibilidade de a construção intensificadora ser derivada em formas de grau diminutivo ou aumentativo por meio de sufixos: espera-se que as construções intensificadoras, por já indicarem intensificação exagerada acerca de algo, não permitam a expressão de grau superlativo (*mortíssimo* de fome, *podríssimo* de rico, etc), grau diminutivo (*podrinho* de cansado, *feito pra carambinha*, etc) ou aumentativo (*podrão* de rico, *podraço* de rico, *mortão* de fome, etc).

6) Tipo de modificação das construções intensificadoras: verificar se os subesquemas tendem a operar sobre o verbo, o adjetivo, o substantivo, o advérbio, ou sobre a oração como um todo (evento), além de apurar qual é a palavra que mais sofre modificação pelas construções e qual a é a palavra mais modificada dentro de cada grupo de construções.

7) Valor semântico-pragmático veiculado pelos subesquemas intensificadores: constatar se os subesquemas veiculam (a) sentido exagerado, positivo e apreciativo, ou (b) sentido exagerado, negativo e depreciativo, além de verificar qual o sentido-pragmático prevalente em cada subesquema.

8) **Gênero textual em que a construção se encontra:** a expectativa é verificar em quais gêneros os subesquemas de intensificação perifrásticos tendem a aparecer, se em gêneros mais ou menos formais (a saber: ficcional, oral, jornalístico ou acadêmico – gêneros textuais pertencentes ao *Corpus do Português*).

9) **Grau de consolidação e produtividade dos subesquemas de intensificação instanciadas pelos subesquemas construcionais [[X] + PREP + N] e [ADJ + PREP + [X]]:** quando o *slot* [X] pode ser preenchido por diferentes tipos de formas nominais, tal construção encontra-se devidamente consolidada na língua e é bastante produtiva; por outro lado, quando o *slot* [X] apresenta restrições quanto ao tipo de nome que pode figurar nessa posição, tal construção possui baixa capacidade de atração de novos membros para o subesquema construcional de intensificação, sendo, pois, pouco produtiva na língua. Assim, procuramos constatar qual o grau de consolidação e produtividade em cada subesquema, aqui arrolado.

A fim de garantir que todos os parâmetros sejam aplicados a todas as ocorrências de subesquemas intensificadores de forma equânime, utilizamos, apenas como ferramenta estatística e holística, o programa sociolinguístico *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), que permite apurar os números absolutos e relativos, e percentuais de todos os parâmetros de análise utilizados na pesquisa. Em outras palavras, estamos cientes de que este estudo não constitui uma pesquisa sociolinguística, no sentido estrito de envolver o controle de variáveis sociais e linguísticas.

No capítulo a seguir, discorreremos sobre a origem e os contextos possíveis de formação dos subesquemas intensificadores aqui analisados.

5. ORIGEM E CONTEXTOS DE FORMAÇÃO DOS SUBESQUEMAS INTENSIFICADORES PERIFRÁSTICOS

Como mencionado, discutimos neste capítulo a origem e os contextos de formação dos subesquemas intensificadores perifrásticos, com o objetivo de demonstrar como eles emergiram na história do português e de estabelecer uma taxonomia contextual para a averiguação do processo de mudança sofrida por essas construções ao longo do tempo.

5.1. Emergência dos subesquemas intensificadores perifrásticos [podre de [X]], [morto de [X]] e [[X] pra caramba] na história do português

O levantamento de dados realizado no *Corpus do Português* mostra que o subesquema de intensificação [podre de [X]] é o mais recente na história do português (emerge no século 21) em comparação aos outros dois subesquemas. O subesquema [[X] pra caramba] emerge no português a partir do século 20 e se torna extremamente produtivo no século 21, como se verifica na tabela 1. Já o subesquema [morto de [X]] é o mais antigo na língua; sua emergência no português se dá por volta do século 16, mantendo-se usual durante as demais sincronias, e sua frequência só aumenta no século 21. Esses dados¹⁹ evidenciam que os subesquemas intensificadores de natureza perifrástica são antigos na língua, em especial, aqueles subesquemas de intensificação instanciados pelo subesquema [ADJ + PREP + [X]].

Sincronias Subesquema	Séc. 13	Séc. 14	Séc. 15	Séc. 16	Séc. 17	Séc. 18	Séc. 19	Séc. 20	Séc. 21	TOTAL
[morto de [X]]	0	0	0	3 (3,8%)	1 (1%)	2 (2%)	6 (6,5%)	15 (16,4%)	64 (70,3%)	91
[[X] pra caramba]	0	0	0	0	0	0	0	14 (1,5%)	945 (98,5%)	959
[podre de [X]]	0	0	0	0	0	0	0	0	40 (100%)	40
SUBTOTAL %	0	0	0	0	0	0	0	29 (2,6%)	1049 (96,2%)	1090 100%

Tabela 1 – Emergência e frequência dos subesquemas intensificadores na história do português. Fonte: elaboração própria.

A tabela 1 mostra também que o subesquema intensificador mais antigo na história da língua, apesar de não ser o mais produtivo, serve de modelo para o desenvolvimento de outros

¹⁹ Esses dados contemplam somente os casos já em contextos isolados, conforme postula Diewald (2002; 2006).

subesquemas construcionais de intensificação. As ocorrências de (1) a (5) ilustram casos do subesquema intensificador de natureza perifrástico [morto de [X]] na história do português, desde o século 16. Intensificando, respectivamente, a paixão, o pavor, a fome e a sede.

- (1) Uos señor a quẽ nam sabem louuar vosso mereçer vos a quem por mays que gabẽ das vertudes quem vos cabẽ as mães fycam por dizer Cuydando já quera **morto de** payxam de desconforto quysestes naqueste feyto & a quem tem dereyto torto. (15:Resende:Cancioneiro) [Século 16]
- (2) E logo, voltando o majestoso semblante para os anjos, lhes mandou: Feri, não perdoeis ao fiador. Daniel, meio **morto de** pavor e assombro, pudera dizer de si o que o outro Daniel profeta, em outra visão espantosa: Non remansit in me fortitudo, sed et espécies mea immutata est in me, et emarcui, nec habui quidquam virium. (16:Bernardes:Floresta16) [Século 17]
- (3) A causa, o instrumento, o modo muitas vezes se põe em acusativo com preposição A, assim como Morto à sede, Jogar aos dados, Andar a bom passo. M. E estes acusativos podem-se mudar em outro caso? D. Alguns se podem mudar em ablativo com outra preposição, assim como **Morto de** fome. (17:Argote:Regras) [Século 18]
- (4) E vancê também está ferido? - Estou; mas é preciso deixar a casa, porque alguns demônios podem voltar e eu não aguento mais, nem você. - Eu estou é **morto de** sede. Acho que bebendo água, inda aguento varar um diabo no facão. (18:Rocha:Dusá) [Século 19]
- (5) De súbito, levantando-se, fizera-a em pedaços, com os pés. Como alguém **morto de** sede, Nestor fitava aquela veia grossa, a ponto de romper-se. (19:Fic:Br:Lins:Fiel) [Século 20]

Quanto ao subesquema [[X] pra caramba], o *Dicionário Online do Português* (2009) menciona que a palavra *caramba* é de origem espanhola²⁰ e é usada para expressar surpresa, espanto, ironia etc. No entanto, além de atuar como interjeição, expressando admiração, surpresa e espanto, tal expressão vem sendo usada no português para expressar intensidade de grau elevado, sendo, pois, bastante frequente na língua. Observemos os exemplos:

- (6) Não estou magoado, não. A galera tem que parar de fazer assunto com tudo porque, assim, eu vivo o trabalho, depois de ver o quão profissional ela é, eu me esforço **pra caramba** pra seguir os passos dela. Ela não me convidou pro aniversário dela, mas eu estava também pensando em trabalho", completou. (BR, 19-03-31. <https://www.ibahia.com/nem-te-conto/noticia/climao-mc-zaac-revela-que-nao-foi-convidado-para-festa-de-anitta>)

²⁰ *Caramba* no dicionário espanhol de María Moliner: (eufemismo “carajo”). Interj. Exclamación de sorpresa y, a veces, de *enfado, *protesta o *dígusto: ‘¡Caramba... si son y alas doce! Podías haber venido antes, ¡caramba!’.

- (7) O cantor Dudu Nobre foi a grande atração da festa de 111 anos de aniversário do Atlético, neste domingo, no estádio Mineirão [...] Em entrevista exclusiva a rádio Super, o cantor exaltou o clima [...] da torcida. "O negócio foi sério, foi maneiro **pra caramba**, uma torcida muito participativa, a gente fica feliz [...] (www.otempo.com.br/superfc/dudu-nobre-exalta-festa-de-111-anos-do-galo)

Na ocorrência (6), o subesquema [pra caramba] é usado para intensificar a ação expressa pelo verbo *esforçar-se*, exagerando a noção de intensificação. Nesse exemplo, o cantor Mc Zaac explica o fato de não ter sido convidado para o aniversário da cantora Anitta, fato que não o deixou chateado, uma vez que ele se esforça demasiadamente (*eu me esforço pra caramba*) para seguir os passos da funkeira. No exemplo (7), o subesquema [pra caramba] modifica, de forma intensificada, o valor expresso pelo adjetivo *maneiro*, que adquire uma avaliação hiperbólica. Nesse caso, o subesquema perifrástico de intensidade aparece em uma fala do cantor Dudu Nobre, que participou da festa de comemoração do 111º aniversário do time de futebol Atlético Mineiro, momento em que ele elogia não somente a festa (*foi maneiro pra caramba*) mas também a torcida do time.

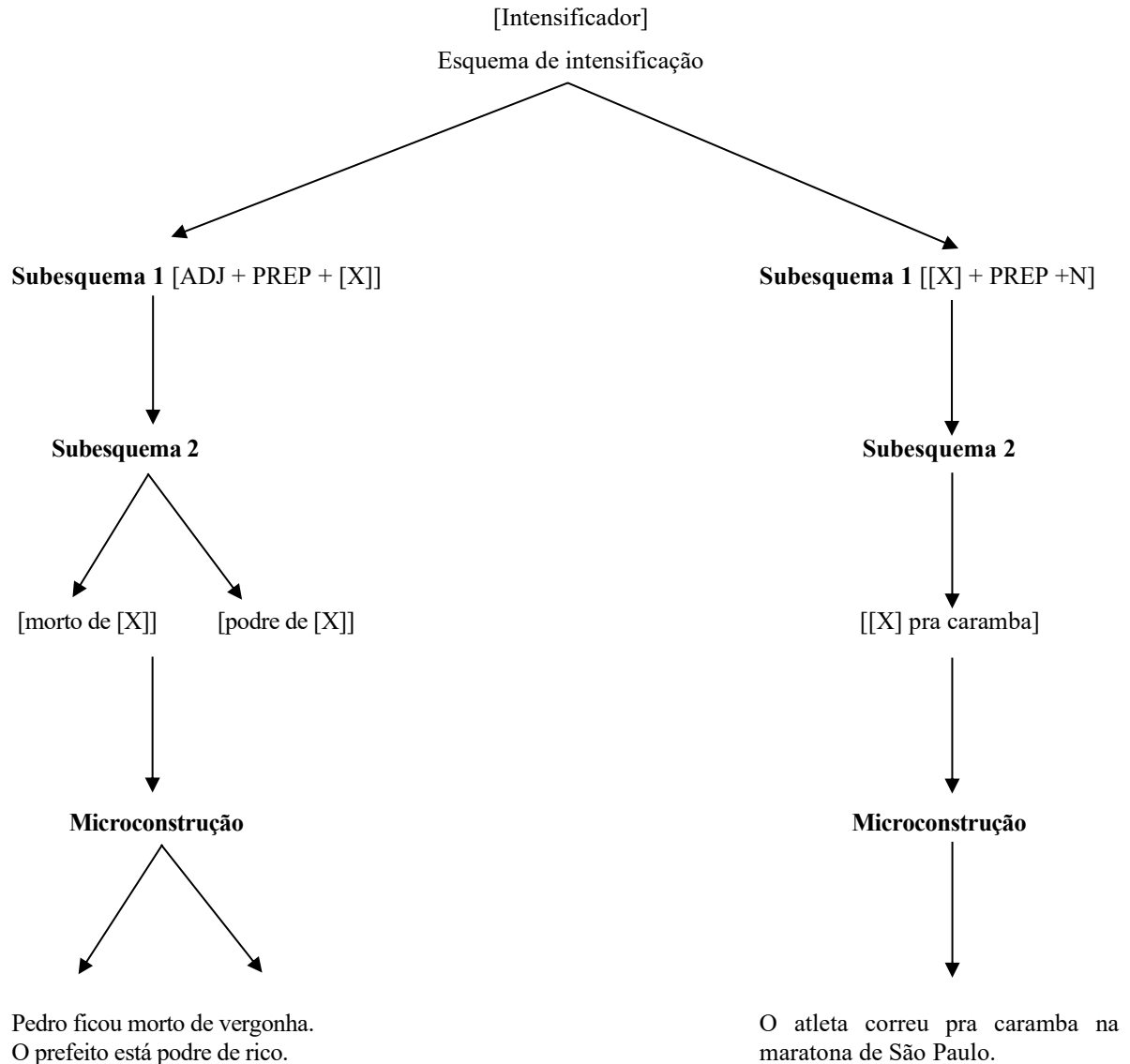
Outro caso de subesquema de intensificação que nasce da experiência do falante com diferentes circunstâncias e acontecimentos do dia a dia é dado abaixo:

- (8) "O ar fresco é cheio de íons negativos [que, apesar do nome, nos fazem sentir bem], o que pode aumentar o fluxo de oxigênio para o cérebro", diz Kathleen Hall, fundadora do Instituto Estresse em Atlanta (EUA). "Se puder, combine-o com o exercício, como uma caminhada rápida, pois atividade estimula endorfinas e dá energia", conclui. [CNN] 8 Comentários # Isso é coisa pra fresco! ... homem e mulher...que não tem o que fazer e já nasceu **podre de rico!** Aliás, se há alguém que presta atenção em esses conselhos e decide acatar- os e seguir- os, sem dúvida, é, possivelmente um futuro suicida, pois não tem nada em a cabeça e duvido muito que encontre com o que ocupar- a. (<http://hypescience.com/25-dicas-ser-saudavel/>)

Em nossa pesquisa através do *Corpus do Português*, o subesquema intensificador [podre de [X]] aparece somente no século XXI, entretanto, não descartamos a hipótese de seu surgimento ser datado desde o século XX, época em que já se ouvia com frequência tal construção; percebemos, portanto, que esse fato concretiza, provavelmente, uma idiosincrasia do *corpus* compulsado. Ele nasce de um contexto em que o estado máximo de putrefação de algo é transferido metaforicamente para o contexto de intensidade, que é mais abstrato. A diferença entre essa expressão e os demais subesquemas é que [podre de] parece estar se especializando na modificação de adjetivos, que variam em termos de estatuto: adjetivos de

características físicas (mais voltados para o domínio concreto) >> adjetivos de características internas (domínio abstrato).

O esquema abaixo explicita as relações hierárquicas de intensificação no tocante aos três subesquemas intensificadores analisados nesta dissertação:



No topo, encontra-se o esquema construcional mais abstrato [Intensificador], portanto, mais esquemático e genérico, que abarca diferentes subesquemas construcionais de intensificação. Em seguida, estão alocados os subesquemas construcionais de intensificação (1) sancionados pelo esquema mais geral: [ADJ + PREP + [X]] e [[X] + PREP + N]. No nosso caso, só representamos dois subesquemas de intensificação, mas poderíamos listar outros subesquemas a depender de sua configuração e especificidade.

A diferença entre esses dois níveis é que o subesquema é menos genérico e menos abstrato do ponto de vista de atração de exemplares construcionais. Mais abaixo estão os subesquemas intensificadores (2) instanciados pelos subesquemas construcionais (1). Eles são definidos como unidades particulares e instâncias (*types*) de subesquemas, tais como: [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba]. Por fim, são listados no esquema de representação os construtos, que são as ocorrências reais e efetivamente produzidas pelos falantes da língua.

Nos subcapítulos seguintes, tratamos das definições, das origens e dos valores semânticos de cada subesquema intensificador no português, a começar pelo subesquema [morto de [X]].

5.2. Formação do subesquema intensificador [morto de [X]]

De acordo com o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* (BECHARA, 2011), o termo *morrer*, que integra o subesquema intensificador [morto de [X]], apresenta várias acepções, que vão do domínio mais concreto ao domínio mais abstrato:

✓ **Morrer**

1. Deixar de viver; falecer, expirar, finar-se (qualquer ser vivo): *A única certeza da vida é que todos um dia irão morrer.*
2. Perder a vida sob determinada condição ou circunstância: *Os poetas românticos morriam jovens.*
3. *fig.* Acabar-se, extinguir-se, terminar: *A chama olímpica nunca morre.*
4. *fig.* Desaparecer aos poucos; sumir: *O sol morria atrás dos montes.*
5. Não chegar a concluir-se; interromper-se: *O grito morreu-lhe na garganta.*
6. *fig.* Experimentar alguma perda; perder inapelavelmente: *A paixão que os ligava foi morrendo pouco a pouco.*
7. *fig.* Cair no esquecimento; desaparecer da memória: *Os conselhos paternos jamais morrem.*
8. Parar de funcionar (mecanismo, motor, veículo): *Meu carro morreu em pleno trânsito caótico da cidade.*
9. *fig.* Experimentar (sensação ou sentimento) em grau muito intenso: *morrer de frio; morrer de inveja.*
10. *fig.* Sentir grande afeição por (alguém): *Ela morria de amores pelo colega.*
11. *fig.* Desejar com veemência; gostar muito: *Ela morre por chocolates e doces.*
12. Desaguar em; desembocar: *Os rios morrem no mar.*
13. *gír.* Despendar certa quantia em dinheiro para pagar ou quitar (dívida): *Todos tiveram que morrer em 50 reais para pagar o almoço de confraternização.*
14. Experimentar, sofrer, ter (morte): *Morreu morte gloriosa.*

✓ **Morte**

1. Cessação da vida do ser humano, animal ou vegetal; fim da vida: *“E se somos severinos / iguais em tudo na vida, / morremos de morte igual.”* (João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina*).
2. (*Jur.*) Situação determinada por lei em que o homem é tido como não tendo existência.

3. Cessação da luminosidade de um corpo celeste: morte das estrelas.
4. *fig.* Grande pesar; sofrimento, dor, angústia: *O exílio foi uma morte para muitos cidadãos brasileiros.*
5. Representação iconográfica da morte, geralmente a figura de um esqueleto humano armado de uma foice.
6. *Estar pela hora da morte: coloq.* Ter preço excessivo; custar muito caro: Os imóveis estão atualmente pela hora da morte.
7. *Pensar na morte da bezerra: coloq.* Estar pensativo, distraído ou absorto.
8. *Ver a morte de perto: fig.* Encontrar-se diante de um grande perigo; correr risco de vida.

Notamos que tanto na entrada do vocábulo *morrer* quanto na entrada do vocábulo *morte* há a presença de significados em sentido literal e figurado, ou seja, o vocábulo *morrer*, por exemplo, não significa mais somente o seu sentido literal: “deixar de viver, falecer”, mas também adquire um sentido conotativo como: “desaguar, desembocar”. A existência de outros sentidos que não literais demonstra que a língua sofre mudanças ao longo do tempo, se mostrando viva e passível de adaptações, buscando estar sempre próxima das vivências do falante. Fato que confirma, conforme apontou Silva (2006), baseado em Marmaridou (2000), que a forma linguística é a materialização da maneira como os falantes enxergam as experiências vividas, ou melhor, como eles conceitualizam a realidade ao seu redor.

Assim, no que diz respeito ao processo de formação e emergência dos subesquemas intensificadores perifrásticos no português, entendemos que é importante investigar a dimensão contextual, com o intuito de levantar evidências morfossintáticas e contextuais que apontem para a formação desses subesquemas de intensificação e que nos permitam estabelecer uma taxonomia contextual para a averiguação do processo de mudança sofrida por essas construções, utilizando a proposta de Diewald (2002, 2006), como discutido em Rosário e Oliveira (2016, p. 237). Tal proposta contempla desde os estágios iniciais de mudança até aqueles em que a mudança já se estabeleceu. Observemos o quadro abaixo, elaborado por Diewald, com os estágios e as tipologias dos contextos:

Estágios	Contextos
0	Uso normal: as formas são usadas com suas funções recorrentes (normais).
1	Contexto atípico: incidência de casos de ambiguidade funcional.
2	Contexto crítico: múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural.
3	Contexto isolado: gramaticalização: reorganização e diferenciação.

Quadro 1 – Tipologia de contextos. Fonte: DIEWALD (2002, 2006) apud ROSÁRIO e OLIVEIRA (2016, p. 237).

No estágio zero, o contexto é denominado de uso normal, pois os ambientes contextuais normais estão ligados aos modos de expressão convencionalizados na comunidade linguística; no estágio 1, os ambientes contextuais normais tornam-se ambíguos e a expressão

passa a ser reinterpretada por motivações de ordem pragmático-discursivas, denominando o contexto de atípico; no estágio 2, além da reinterpretação semântico-pragmático, ocorre também neanálises ao nível da estrutura rumo à mudança gramatical, o que configura essa fase como crítica; e por fim, no estágio 3, a expressão encontra-se fixa, convencionalizada na língua. Entretanto, entre os estágios iniciais e os já convencionalizados, verifica-se, muitas vezes, ambiguidade e falta de clareza nos contextos, já que o percurso de mudança pode nem sempre seguir uma única direção. Desse modo, com base em Diewald, propomos uma taxonomia contextual como forma de averiguarmos o processo de mudança linguística ocorrido por estas expressões ao longo do tempo até se tornarem subesquemas intensificadores. Primeiramente, apresentamos no quadro 2 as mudanças de ordem semântica, que, juntamente com as mudanças de natureza morfossintática, resultam na criação de uma nova construção.

Vejamos, inicialmente, o processo de abstratização semântica²¹ do termo *morrer*:

Estágios	Contextos
0	Valor 1: Deixar de viver; falecer, expirar, finar-se (qualquer ser vivo): <i>A única certeza da vida é que todos um dia irão morrer.</i>
1	Valor 2: Acabar-se, extinguir-se, terminar: <i>A chama olímpica nunca morre.</i>
2	Valor 3: Grande pesar; sofrimento, dor, angústia: <i>O exílio foi uma morte para muitos cidadãos brasileiros.</i>
3	Valor 4: Experimentar (sensação ou sentimento) em grau muito intenso: <i>morrer de frio; morrer de inveja. / Maria está morta de inveja com o meu novo carro.</i>

Quadro 2 – Tipologia de contextos de mudanças do subesquema *morrer de*. Fonte: elaboração própria.

No estágio zero, referente ao valor 1, a forma mantém sua função recorrente, que é a de um ser humano deixar de viver, falecer, isto é, essa forma ainda preserva a característica de algo ligado a um sujeito paciente. Já no estágio 1, tem o valor 2, pois nota-se um processo de abstratização, em que o sujeito deixa de ser paciente (o sujeito paciente, nesse caso, não é mais um ser humano que falece, mas sim, um objeto, uma chama olímpica que se extingue). Por sua vez, no estágio 2, o sentido de *morrer* torna-se metafórico, sendo reinterpretado semântico-pragmaticamente com valor de intensidade, uma vez que quando se diz que algo é uma morte, quer significar que se trata de algo doloroso, sofrido. Por fim, no estágio 3, o sentido original de *morrer* já aparece totalmente esmaecido, sendo usado unicamente como elemento de intensificação; nesse caso, o termo *morrer* passa, portanto, a experienciar uma sensação ou um sentimento em grau muito intenso. O quadro 3, a seguir, ilustra uma possível trajetória de

²¹ Os quadros 2, 4 e 6 têm o intuito de apresentar o processo de abstratização semântica da mudança de significado dos vocábulos *morrer*, *podre* e *caramba*, respectivamente; enquanto os quadros 3, 5 e 7 são responsáveis por exporem os traços formais que estruturam as construções *morto de*, *podre de* e *pra caramba*, na devida ordem.

mudança construcional de *morto de* com base nos contextos de uso propostos por Diewald (2002, 2006):

Contexto normal	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto de isolamento
<p>Passou-se um tempo enorme - não sei quanto. A tarde já tinha quebrado quando o automóvel do Dr. Fenelon encostou na calçada e ele entrou pela sala sem falar com ninguém: levantou a colcha, olhou o rosto morto de Laurindo, abriu-lhe a roupa, apalpou-lhe o peito, tirou os óculos do bolso e, com os óculos postos, examinou bem a ferida e o chamusco de pólvora no pano da camisa. (19:Fic:Br:Quirós:Dora)</p>	<p>- Que é que tem? São negros, eles que se entendam. - Tu não sabes mesmo de nada, Gonçalo.. - Mas por que.. - Bom, é melhor que continues na ignorância dos fatos. Assim, vais longe no engenho. Dona Nhanhá gosta de gente discreta. - Mas e Dom Lourenço? O homem matou-se ou foi morto de emboscada? - Tu és muito curioso. Assim, irás acabar como o negro Adão. A verdade é que Dom Lourenço se matou. Mentira que tenha sido emboscado. (19:Fic:Br:Gomes:Rios)</p>	<p>Como explicar a si mesmo a teia sutil de circunstâncias válidas e omissões, e principalmente adiamentos, que acabara por imobilizá-lo em Congonhas do Campo à espera de uma morte da qual se desinteressava por completo? Tantas vezes se tinha visto morto de sede, de febre, de flecha à beira de um grande rio, cercado da grande floresta, tantas vezes garantira a si mesmo que ia morrer de facão na cinta e crucifixo na mão, ou num grande naufrágio em rio grosso, ou até amarrado num poste e crivado de flechas, que a idéia de morrer nos lençóis de algodão lavados pela preta Malvina era-lhe menos que repugnante: indiferente. (19:Fic:Br:Callado:Madona)</p>	<p>Ouve vozes, pensa que são de Ribeiro e D.Glória. Mas, logo, recorda-se que a casa está deserta. Confunde o silêncio do presente com os ruídos do passado. Continua o relato, falando sobre o excelente coração de Madalena, pronta a dar esmolas, a pedir pelos desamparados. Descreve a bondade e paciência da esposa. Narra que ficou morto de raiva, quando ela diz que o salário do Ribeiro era pouco, bem ali diante do Padilha. (19:Fic:Br:Ramos:Bernardo)</p>
<p>Nesses casos, o termo <i>morto</i> passa a funcionar como modificador (adjetivo) de núcleo nominal em uma estrutura predicativa. A preposição <i>de</i> marca, muitas vezes, a relação de posse, de especificação ou caracterização do nome.</p>	<p>Nesse contexto, o termo <i>morto</i> passa a operar em estruturas aparentes de voz passiva como forma adjetiva (no participio passado). A preposição <i>de</i> marca a relação de causa e consequência entre os termos argumentais envolvidos na predicação.</p>	<p>O que se observa em contextos como esse é um certo grau de opacidade semântica, em que a estrutura aparente de voz passiva perde seus traços morfossintáticos e semânticos (de agente da passiva) e passa a operar mais proximamente do contexto de intensificação, indicando não mais uma causa eminente para algum evento, mas sim a intensidade de ocorrência de algum acontecimento, característica ou ação.</p>	<p>Nesse contexto, a ideia de <i>morrer</i> propriamente se perde e passa a funcionar no campo metafórico, sendo, pois, utilizado para expressar intensidade acerca de algo (que pode ser concreto ou abstrato), em tom de exagero, cujo papel muito se assemelha aos de advérbios de intensidade.</p>

Quadro 3 – Trajetória de mudança construcional do subesquema *morto de* com base em seus contextos de uso de Diewald (2002, 2006). Fonte: elaboração própria.

Dessa maneira, entendemos que o subesquema intensificador [morto de [X]] é resultado de um novo pareamento de forma-significado, que emerge na língua a partir da atuação de um conjunto de pequenas mudanças construcionais (que ora afetam a forma ora afetam o significado da construção), como vimos acima. As mudanças mostram um sentido metaforizado de morte; em outras palavras, a construção que se forma a partir do verbo *morrer* não serve apenas para indicar que alguém (+ humano) morre, mas também para servir de estratégia de intensificação a partir do processo de abstratização do sentido de *morrer*, que, no novo pareamento de forma-significado, passa a ser visto como um sentido metaforizado do evento *morrer* (como um último ato/gesto de um ser), resultado das diversas experiências do falante. O que prova que o subesquema intensificador perifrástico [morto de [X]] constitui um caso de construcionalização gramatical, portanto, um novo nó na rede construcional, é o fato de existirem construções que seguem o mesmo padrão construcional ou ordenação sintática no português, mas que são totalmente composicionais, isto é, a relação de causa e consequência estabelecida pela preposição mantém-se intacta.

Os exemplos (9) e (10) ilustram esses contextos de maior composicionalidade. No entanto, cabe destacar que esses contextos morfossintáticos muito provavelmente contribuíram para a formação e o processo de consolidação dos subesquemas intensificadores.

- (9) Sem o carisma ou a habilidade de Chávez – **morto de** câncer em 2013 -, Maduro se tornou o alvo de as críticas e revoltas populares. (<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/02/03/crise-na-venezuela-quem-sao-os-opositores-de-maduro-que-prometem-resistencia>)
- (10) Em 28 de junho de 1993, em um show em Nova York, G. G esmurrou um cara em a plateia e uma briga violenta degenerou por todo o clube. A polícia chegou e prendeu um monte de gente. Mesmo pelado, o cantor saiu por a porta de a frente e andou por quatro quarteirões até a casa de o líder de a banda Genocide, Jimmy Puke (Jimmy Vômito). Quatro horas depois, G. G., ou melhor, Kevin Michael Allin, estava **morto de** uma overdose de heroína. Tinha 36 anos de idade. (www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/06/documentario-mostra-luta-da-familia-para-manter-viva-a-memoria-de-gg-allin.sh)

Tanto em exemplo (9) quanto em (10), o que se verifica é que as construções com o verbo *morrer*, aparentemente semelhante ao nosso objeto de estudo, são plenamente composicionais, pois o sentido de cada um dos elementos que compõem a estrutura linguística está preservado de forma individual, incluindo a preposição *de*, que, nos exemplos em destaque, serve para indicar qual é causa da morte da pessoa, ou seja, a preposição mantém toda sua composicionalidade, já que ela é usada nesse contexto como elemento que estabelece a relação

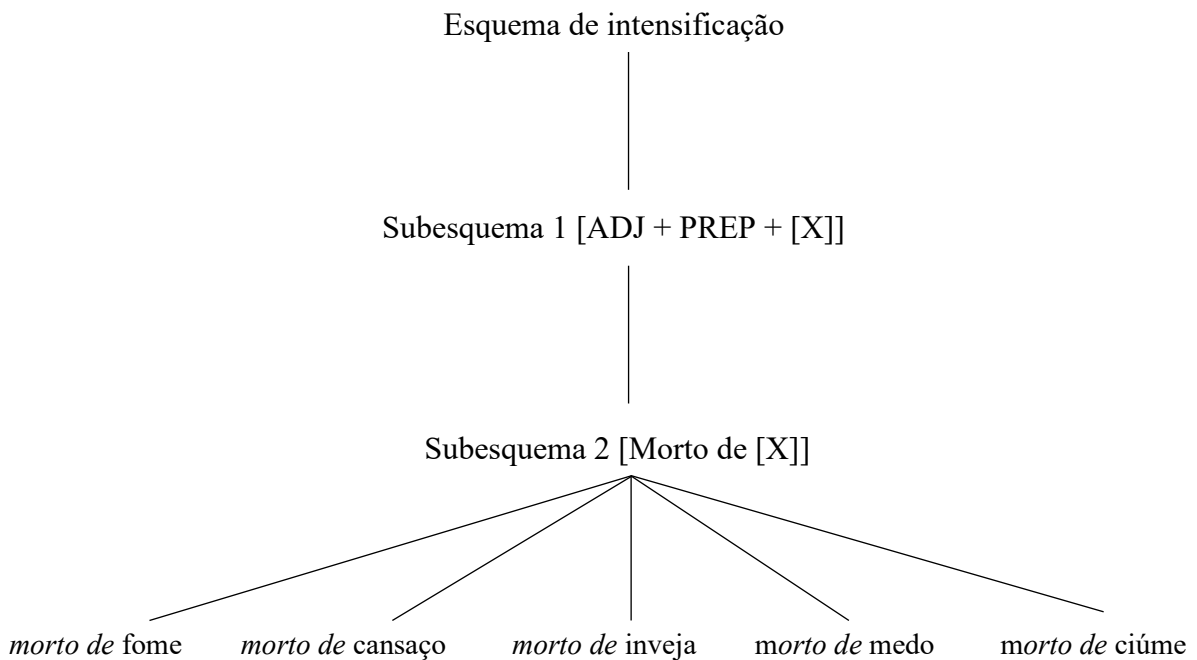
de causa e consequência: em (9), Hugo Chavez morreu porque teve câncer, e em (10), Kevin Michael Allin morreu em decorrência de uma overdose de heroína. Em outras palavras, tais expressões em negrito ainda apresentam um elevado grau de analisabilidade e composicionalidade (BYBEE, 2010; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010), aspectos que as definem como unidades independentes ou individuais na língua. Vemos, portanto, que tais construções, apesar de apresentarem um padrão construcional semelhante ao das construções intensificadoras aqui discutidas, são distintas em termos funcionais e são reconhecidas pelo falante como estruturas que não se sobrepõem, tendo outros papéis na língua.

Já nas três ocorrências seguintes, os falantes utilizaram o subesquema [morto de [X]] com o intuito de intensificar algo importante em suas falas. Em (11), o falante lançou mão da construção *morto de inveja* para exprimir a inveja que sente dos moradores de Alagoas por terem as praias mais belas do Brasil. Em (12), o falante usou a construção *morto de* para intensificar o tamanho da fome que passou durante os dias em que esteve perdido – é importante observar que ele repetiu a construção por duas vezes (na primeira: *matou a*; na segunda *morto de*), fato que deu mais destaque e reforço a sua fala. Em (13), a ideia de intensidade reforça o quanto o falante está cansado por causa do tratamento de hemodiálise que precisa fazer, já que é necessário viajar por um longo período frequentemente.

- (11) Como diz aquele ditado, viajar é bom, mas estar em roda de casa de chinelo de dedo e bermudas não tem dinheiro que pague hehehe. # leomix78a78 # Isso aí, sempre faço isso no FDS, mais não há nada melhor que passear, aqui não Bahia tenho varias opções no litoral norte ou sul, mais **morto de** inveja de quem mora em Alagoas, as praias mais bonitas do país pra mim, conheço o Nordeste todo e posso lhe dizer que Alagoas tem meu respeito, não conheço o centro oeste ainda, só Sul e Sudeste onde tenho parentes. (<https://www.noticiasautomotivas.com.br/hyundai-hb20-2019-tem-aumento-de-ate-r-1-400-em-todas-as-17-versoes/>)
- (12) “Morrer eu não ia não. Porque aonde eu passava tinha água. Eu tomava água feito doido. Ela **matou a** fome”, afirma. # Durante a caminhada, Eduardo conta que viu, mais de uma vez, o helicóptero de o Corpo de Bombeiros que apoiava a buscas por as vítimas. “Vi todos os dias. Eu abanava a mão, eu gritava. Mas não me viam”. #Ele conseguiu chegar a uma fazenda, onde morava um conhecido de a família. "Eu falei com ele assim: ' Eu estou **morto de** fome, você me arruma um arroz, um feijão e um ovo?'. Eu já estava ficando fraco, já estava assim sem resistência” (<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia>)
- (13) Isso obriga os pacientes a viajarem oito horas por dia, sendo três vezes por semana para fazer o tratamento. # Há dois meses dona Hilda participou de um protesto pedindo a conclusão de as obras e a abertura de o Centro de Hemodiálise em Pinheiro. Ela já demonstrava cansaço por conta de as viagens e de a

dificuldade em conseguir tratamento. # " Eu estou muito cansada demais (...) eu só vou porque sou obrigada, porque se não fosse eu não ia... e quando chega uma hora de essas a gente tá **morto de** cansado ", contou. # Dona Hilda participou de protesto pedindo a abertura de Centro de Hemodiálise em Pinheiro. (<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2018/09/21/sem-tratamento-de-hemodialise-em-pinheiro-idosa-morre-apos-passar-mal>)

Adiante, com o intuito de sabermos qual é o esquema que dá origem ao subesquema [morto de [X]], observemos a relação hierárquica de gradiência do subesquema, a qual é elaborada a partir de um esquema de intensificação, resultando em um subesquema 1 mais genérico [ADJ + PREP + [X]] e por fim, um subesquema 2 mais específico [morto de [X]] distribuída em cinco construtos, a saber *morto de fome*, *morto de cansaço*, *morto de inveja*, *morto de medo* e *morto de ciúme* (são os construtos mais frequentes que aparecem na pesquisa do *corpus*).



Esquema 2 – Esquemáticação e subesquemáticação do subesquema intensificador *morto de*. Fonte: elaboração própria.

Assim sendo, o falante quando deseja intensificar ou modificar o estatuto daquilo que experiencia, em especial adjetivos ou substantivos ligados à fisiologia humana ou a sentimentos, lança mão do subesquema intensificador perifrástico [morto de [X]] para transmitir ao seu interlocutor as suas reais necessidades. Na próxima subseção, verificamos, também a formação do subesquema intensificador [podre de [X]].

5.3. Formação do subesquema intensificador [podre de [X]]

Quanto à constituição do subesquema intensificador [podre de [X]], identificamos, com base no *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* (BECHARA, 2011), os seguintes sentidos para o adjetivo *podre* que integra o subesquema:

- ✓ **PODRE**
1. *adj.* Que está em decomposição; estragado.
 2. Que cheira muito mal, fétido.
 3. *fig. coloq.* Que está muito cansado, esgotado: *Depois daquela faxina, fiquei podre.*
 4. Diz-se da massa farinhenta e quebradiça usada para fazer empadas.
 5. *s.m.* Parte estragada de alguma coisa: *Cuidado para não comer o podre da maçã.*
 6. *podres s.m.pl.* Os defeitos, os fatos condenáveis da vida de alguém: *A imprensa mostrou todos os podres do candidato.*
 7. Podre de rico: muitíssimo rico: *Aquele empresário é podre de rico.*

Assim como no caso dos vocábulos *morrer* e *morte*, também se verifica na forma adjetival *podre* a presença de significados que vão do sentido denotativo ao conotativo. O vocábulo *podre* em seu sentido literal significa algo que “está em decomposição, estragado”, além de adquirir um sentido figurado como “que está muito cansado, esgotado”. A existência concomitante dos dois sentidos (literal e figurado) reafirma a instabilidade da língua perante ao seu uso por parte das necessidades comunicativas dos falantes. Por conseguinte, ainda concernente ao tratamento da dimensão contextual (morfofossintático e de uso) de Diewald, apresentamos, primeiramente, no quadro 4, os valores semânticos da forma adjetival *podre*, e, na sequência, no quadro 5, a possível trajetória de mudança do subesquema intensificador [podre de [X]] no português:

Estágios	Contextos
0	Valor 1: <i>adj.</i> Que está em decomposição; estragado.
1	Valor 2: <i>podres s.m.pl.</i> Os defeitos, os fatos condenáveis da vida de alguém: <i>A imprensa mostrou todos os podres do candidato.</i>
2	Valor 3: <i>fig. coloq.</i> Que está muito cansado, esgotado: <i>Depois daquela faxina, fiquei podre.</i>
3	Valor 4: Podre de rico: muitíssimo rico: <i>Aquele empresário é podre de rico.</i>

Quadro 4 – Tipologia de contextos de mudanças do subesquema *podre de*. Fonte: elaboração própria.

Contexto normal	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto de isolamento
<p>Monsenhor Filippo estava enrolado num cobertor imundo e se fazia passar por cocheiro. Dentro do caixão viajavam Francesco e a valise. O guarda suíço reconheceu a validade da autorização e seus soldados se posicionaram em torno da carroça a fim de revistá-la. ao se aproximarem do caixão um forte cheiro fermentado invadiu os narizes dos presentes. O odor era de carne podre de cadáver em decomposição. O alarmante sinal de que a morte que habitava aquele caixão tinha sido resultado de contagiosa e putrefata enfermidade. (19:Fic:Br:Comparato:Guerra)</p>	<p>- Ai que já lhe sinto o cheiro! - Cheiro de coisa podre de falta de asseio-voltou a vociferar Alfredo Deucalião aventurou, tentando fugir ao papel ridículo de mero espectador: - É preciso não esq.uecer, d. Alfreda, que, em cada região, existem as preferências. (19:Fic:Br:Holanda:Burro)</p>	<p>Estes demolidores que esguichavam facécias lugubres sobre os immortalóides que nas salas da Academia, á sombra copada dos arquivos, encalveciam a investigar da dentuça podre da rainha Catharina e dos bastardos de Sancho, elaborando memórias de estrutura cornea; que faziam troça nas procissões e paradas, das mumias de guerra que viam com pompa, cavalgando ginetes e distinguindo immorredoiramente ao som dos hymnos; (19:Fic:Pt:DA Almeida:Vicio)</p>	<p>Só um pedaço andado da manhã meu mestre se pôs a discorrer, ainda quando se não cansavam meus olhos de fabular com o que viam. Pois é verdade -referia ele, desfiando a crônica de meu tio Aleixo Custódio, de onzeneira alcunha Fonte-Negra-voltou do Pará com uns patacos, está podre de rico. Fartou-se de agiotar.. A indústria não é nobre, mas há pior.. há pior. (19:Fic:Pt:Ribeiro:Avia)</p>
<p>Em casos como esse, o vocábulo <i>podre</i> é usado, em geral, como modificador (adjetivo) de núcleo nominal em uma estrutura predicativa. A preposição <i>de</i> marca, muitas vezes, a relação de posse, de especificação ou qualificador do nome.</p>	<p>Nesse contexto, o termo <i>podre</i> passa a operar em estruturas que marcam aparentemente uma causa para o estado de putrefação. A preposição <i>de</i>, nesse caso, marca a relação de causa e consequência entre os termos argumentais envolvidos na predicação.</p>	<p>Esse tipo de contexto marca uma espécie de limite entre os casos de modificação e os casos de intensificação, pois ele indica de alguma forma que a relação de modificação/causa se dá em um contexto com algum tipo de avaliação por parte do falante.</p>	<p>Finalmente, nesse contexto, a ideia de modificação do adjetivo <i>podre</i> dá lugar à noção de intensificação de natureza hiperbólica, que é resultado de operação metafórica da experiência de morte (que representa um estágio final, máximo da vida de alguém) para a noção mais abstrata e também extremada de intensidade.</p>

Quadro 5 – Trajetória de mudança construcional do subesquema *podre de* com base em seus contextos de uso de Diewald (2002, 2006). Fonte: elaboração própria.

Como se verifica, no contexto normal ou típico, o vocábulo *podre* mantém sua função recorrente de adjetivo/modificador, que é a de indicar que algo está estragado ou em estágio avançado de decomposição de algo humano ou não-humano, como observamos no exemplo (14). Nesse exemplo, o termo *podre* indica uma qualificação ligada à origem da carne (de procedência de carne estragada). Ainda no mesmo sentido, o exemplo (15) relata algo sobre a possibilidade de ter existido na história do país um lote de ervilhas podres. Nesses contextos, *podre* ainda reserva o sentido de algo putrefato, estragado.

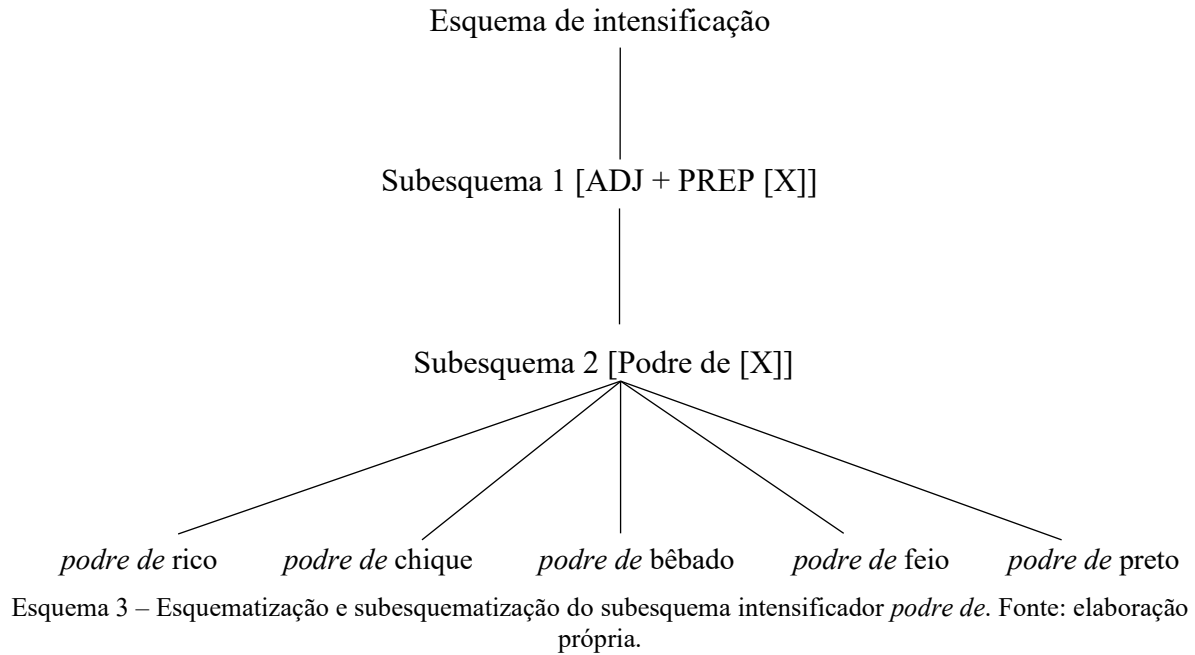
- (14) duas empresas brasileiras que foram acusadas por a Operação Carne Fraca de adulterar carnes para poder vender produtos vencidos ou não apropriados para o consumo. As empresas são as maiores exportadoras de carne para o país desde 2011. # " Gastaram 2, 1 bilhões de dólares comprando de a JBS e de a BRF, companhias que vendem comida vencida. Estão comprando carne e produtos podres para poder importar- los. Pagam 7 dólares por cada quilo de alimento (aproximadamente 21 reais). Com essa quantia nós podemos produzir 14 quilos mais e eles preferem comprar carne **podre do Brasil** ", disse o deputado. BR (17-03-22) <http://veja.abril.com.br/mundo/carne-fraca-venezuela-foi-2o-maior-importador-latino-de-carnes/>
- (15) o que não isenta a pasta de a Agricultura de restaurar, com novos dados e providências, a confiança abalada em o sistema federal de inspeção. Por dentro de os podres de a carne, por VINICIUS TORRES FREIRE # Pedro Ladeira/Folhapress O ministro de a Agricultura, Blairo Maggi, realiza visita técnica e vistoria em frigorífico # HÁ POUCA CARNE podre em o despacho de o juiz que autorizou a Operação Carne Fraca. Não está lá a história de a linguíça de papelão. Sim, há carne ruim, em frigorífico menor. Tem até lote **podre de** ervilhas em a história. # Mas fica evidente que a fiscalização de a comida em o Paraná, em Goiás e em Minas Gerais, por o menos, é um osso mole de roer, com subornos baratos. Um executivo de por o menos um grande frigorífico organizava a mutreta. # Para que subornar fiscais, de superintendentes de o ministério a o " zé mané ", se o objetivo não é passar comida ruim adiante? Também para isso, para que se faça vista grossa, supõe-se BR (17-03-22) <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/politica-economia/188817-editorial-da-folha-excessos-da-carne.html>

Os exemplos, abaixo, por sua vez, ilustram três ocorrências diferentes do subesquema [podre de [X]]. Em (16), *podre de* escopa o adjetivo *rico*: Clara, a personagem da telenovela *O outro Lado do Paraíso*, após um período de ausência, retorna ao enredo muitíssima rica. Na ocorrência (17), o falante especifica espécies de mandigas para serem feitas por pessoas que têm medo de andar de avião; um conselho dado pelo falante é entrar no avião *podre de bêbado*, assim o indivíduo poderá viajar mais tranquilo, já que estará sob o efeito do álcool. Por último,

no exemplo (18), o falante menciona que o teatro Glauce Rocha estava lotado e *podre de chique*, isto é, as pessoas estavam muito bem vestidas para a apresentação do show de Elis Regina. Em todos os casos, *podre de* tem a função de intensificar em grau elevado todos os adjetivos que escopa: *rico*, *bêbado* e *chique*. Essa leitura se deve a uma operação cognitiva do falante, responsável por transferir metaforicamente a ideia de podridão, que representa o estágio extremado de um processo de decomposição, para a ideia mais abstrata de intensidade.

- (16) Em retorno triunfal, Clara fica **podre de rica** e inicia grande vingança em O Outro Lado de o Paraíso # A protagonista de O Outro Lado do Paraíso ainda enfrentará muita dor e sofrimento nos próximos capítulos. (<http://www.otvfoco.com.br/em-retorno-triunfal-clara-fica-podre-de-rica-e-inicia-grande-vinganca-em-o-outro-lado-paraiso/>)
- (17) Existem pessoas que simplesmente morrem de medo de voar, mas que, por algum motivo, precisam entrar em um avião. Aí resta apelar para todo tipo possível de mandinga para não entrar em pânico: rezar, tomar remédio, ficar **podre de** bêbado ou, como aconteceu no último fim de semana, jogar moedas na turbina de um avião pedindo sorte. (www.tecmundo.com.br)
- (18) Era agosto, estava frio e como era raro um acontecimento de esses em a cidade, as mulheres se esmeraram em os figurinos. Tinha até casaco de pele na plateia. No camarim Elis não demonstrava interesse em se produzir. Perguntou de o público e falei que o Glauce Rocha estava lotado e **podre de** chique, mas ela resolveu entrar em o palco descalça, jeans e camiseta. (www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/a-passagem)

A seguir, observamos a relação hierárquica de gradiência do subesquema *podre de* elaborada, conforme já apresentado, a partir de um esquema de intensificação mais geral, resultando em um subesquema 1 [ADJ + PREP + [X]], também representado pelo subesquema [morto de [X]], e por fim, num subesquema 2 mais específico [podre de [X]] distribuído em cinco construtos *podre de rico*, *podre de chique*, *podre de bêbado*, *podre de feio* e *podre de preto* (os tipos que aparecem na pesquisa do *corpus*).



Foram catalogadas 40 ocorrências do subesquema [podre de [X]] no *Corpus do Português*, dos quais, todos têm como escopo formas adjetivais, tais como, *rico*, *chique*, *bêbado*, *feio* e *podre*. Dos adjetivos identificados no *corpus*, o mais frequente foi o adjetivo *rico* (com 34 ocorrências), seguido dos adjetivos *chique* e *bêbado*, com 2 ocorrências cada.

Como já analisamos a formação dos subesquemas intensificadores formados pelo subesquema mais genérico [ADJ + PREP + [X]], analisamos, a seguir, a formação do subesquema intensificador formado pelo subesquema [[X] + PREP + N].

5.4. Formação do subesquema intensificador [[X] pra caramba]

Dentre os três subesquemas de intensificação analisados, o que mais se destaca no *corpus* em termos de frequência é o subesquema [[X] pra caramba]. Apesar de haver uma inconsistência quanto à origem da palavra *caramba*, acredita-se que a versão mais consensual entre os dicionaristas e lexicógrafos é a de que a palavra *caramba* teve sua origem na língua espanhola, quando o termo *caramba* substituiu o termo *carajo*, considerado entre os usuários da língua como sendo muito estigmatizado. De acordo com o dicionário *Michaelis Online*, o vocábulo *caramba*, já em um contexto mais abstrato, “expressa admiração [demasiada], ironia ou desagrado; caraca”. No entanto, foi a partir do uso corriqueiro dessa interjeição em nossa língua que seus sentidos se ampliaram e hoje apresenta não só a função de interjeição, como também a de intensificador, conforme podemos ver nos quadros abaixo.

Comparando os subesquemas, podemos ver que o vocábulo *caramba* passou por um processo de mudança um pouco diferente daqueles instanciados pelo subesquema mais genérico [ADJ + PREP + [X]]. Essa diferença ocorreu porque, inicialmente, no contexto normal de uso, seu significado primário era uma referência indireta à genitália masculina, e a posteriori, avançou para o contexto atípico, sendo usado como interjeição para indicar surpresa, admiração e ironia. No contexto crítico, ao que tudo indica, tal vocábulo passou a figurar em contextos que oscilavam entre o uso como interjeição e como expressão intensificadora. Por fim, no contexto de isolamento, a expressão surge com a função de intensificação (ver o quadro 7). O exemplo (19) denota justamente o vocábulo atuando como uma interjeição:

- (19) Ora Raphael, se você ama zona de conforto, por que você queimou uma ponte e abandonou tudo, arriscou toda sua carreira, abriu mão de a sua estabilidade, sei não hein... esse discurso não está me convencendo. # Vou repetir: conforto é diferente de paralisia, estagnação, viver preso em aparelhos... vegetando... Quando eu abri mão de " tudo ", eu tinha a casa de mamãe e de papai, o aconchego de a vovó e R\$ 50 mil reais em a conta (fruto de planejamento financeiro) para durar 5 anos. **Caramba**, CINCO ANOS PARA PASSAR NUMA PROVA É MUITO TEMPO! # Dentro de o meu plano " perfeito " de ser aprovado como Auditor Fiscal, eu jamais poderia imaginar que justamente o concurso para o qual eu fui aprovado seria anulado.

O quadro 6, a seguir, ilustra de forma breve o processo de abstratização semântica do vocábulo *caramba* no português. O ponto chave para ser o uso como interjeição, que guarda de alguma forma a relação com a noção de quantificação de força do órgão genital masculino.

Estágios	Contextos
0	Valor 1: <i>adj.</i> Eufemismo de caralho (órgão genital masculino): <i>Trabalho escravo o caramba... quando voce faz a inscrição para soldado voluntario você ja sabe de tudo isso, ja sabe o salario que vai receber, ja sabe que é temporario e ja sabe suas funções [...]</i> http://abordagempolicial.com/2012/08/justica-determina-que-pmesp-torne-efetivos-todos-os-soldados-temporarios/
1	Valor 2: <i>interj.</i> Indica espanto, ironia, surpresa, admiração: <i>Caramba! Você veio.</i>
2	Valor 3: Situação ambígua, que oscila entre um valor interjetivo e uma expressão de intensificação: <i>eu tenho um sonho recorrente que estou mascando chiclete e que em a hora que eu tento tirar ele de a boca eu não consigo fica saindo um monte de chiclete de a minha boca como se fosse uma fita que eu estou puxando, gostaria de saber o que seria isso obrigada caramba!</i> http://blog.mafaldacrescida.com.br/?p=215
3	Valor 3: em grande quantidade, força ou intensidade: <i>Trabalhei pra caramba!</i>

Quadro 6 – Tipologia de contextos de mudanças do subesquema pra caramba. Fonte: elaboração própria.

Contexto normal	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto de isolamento
<p>CHEGA! Eu queria que o cavalo, o taxista e minha avó fossem pro caramba viverem juntos e felizes sem mim. (20: https://books.google.com.br)</p>	<p>Dá largas ao seu temperamento byroneano, é o que faz. Tem viajado por todo o universo, coleciona obras de arte, bateu-se como voluntário na Abissínia e em Marrocos, enfim vive, vive na grande, na forte, na heróica acepção da palavra. É necessário conhecer o Craft. Vais-te babar por ele.. Tens razão, caramba, está calor. Desembaraçou-se da opulenta peliça, e apareceu em peitilho de camisa. (18:Queirós:Maías)</p> <p>O tipógrafo, entusiasmado, berrou por "outra de tinto"! Encheu os copos com transporte, bebeu uma grande saúde a João Eduardo. - Caramba, quero ver isso! Quero mandá-lo à rapaziada em Lisboa.. E que efeito fez? - Um escândalo, mestre. - E os padrecas? - Em brasa! - Mas como souberam que eras tu? João Eduardo encolheu os ombros. (18:Queirós:Crim e)</p>	<p>Embarafustou pela escotilha, escadas abaixo, e sumiu-se na coberta. Que iria ele fazer? Algum crime? Alguma traição? - Nada: Bom-Crioulo tratava de se agasalhar como qualquer mortal, o mais comodamente possível - Lá cima fazia um arzinho de gelo, caramba! A coberta sempre era um pouco mais quente. O seguro morreu de velho.. (18:Caminha :Bom-crioulo)</p>	<p>Está mais latino, alguns elementos de música caribenha, que não tem nos outros, que a gente curtiu pra caramba, na viagem para o México, e pegou algumas influências. Tem muito menos guitarra, que o Guentando a Oia, e mais cavaquinho. Na verdade, o disco prolonga um pouco uma viagem que a gente começou na música Sob o Calçamento, do primeiro disco, Samba Esquema Noise. (19Or:Br:Intrv:Com)</p>
<p>Nesse contexto, o vocábulo faz referência a um lugar virtual, em alusão ao órgão genital masculino como sendo um lugar profano, não aceito pela sociedade como digno, um tabu. O vocábulo mantém nesses casos o valor substantivo, com poder de designação.</p>	<p>Em seu contexto atípico, o vocábulo <i>caramba</i> passa a ser usado como uma interjeição/vocativo ou como uma interjeição propriamente, que expressa surpresa, espanto, admiração com relação a algo de forma intensiva. Ou seja, o termo <i>caramba</i> já experimenta aqui um processo de abstratização semântica.</p>	<p>Esse tipo de contexto apresenta uma situação ambígua, que oscila entre um valor interjetivo e uma expressão de intensificação, tanto que a ocorrência poderia ser parafraseada por “fazia um arzinho gelado pra caramba”.</p>	<p>Por fim, nesse contexto, o que se tem é um uso intensificador da expressão <i>pra caramba</i>, que emerge na língua com uma nova funcionalidade. Novamente, o que está por trás desse processo tem a ver com a experiência do falante e com a operação de projeção metafórica, que projeta para um domínio mais abstrato a noção de força da virilidade masculina.</p>

Quadro 7 – Trajetória de mudança construcional do subesquema *pra caramba* com base em seus contextos de uso de Diewald (2002, 2006). Fonte: elaboração própria.

Vejamos alguns exemplos do subesquema intensificador [pra caramba], em estágio 2. No exemplo (20), em entrevista, o falante menciona que o Edu Falaschi, ex-cantor e compositor da banda Angra, compõe ótimas músicas porque sabe tocar piano, violão, conhece a teoria, e outras qualidades que auxiliam o trabalho da composição. Em (21), Tiago Leifert, apresentador do reality show *Big Brother Brasil*, da emissora Globo, conversa com um dos integrantes, o qual fala sobre suas expectativas, mas afirma estar “nervoso *pra caramba*”. Na ocorrência (22), França, ex-jogador do time de futebol *Palmeiras*, relata que teve bastante ajuda de algumas pessoas durante um momento específico de sua carreira, em especial a do jogador Thiago Silva. Ao organizarem suas interações, cada um dos personagens elencados acima, que se encontram em contextos distintos de comunicação, utiliza a mesma estratégia de intensificação (*pra caramba*) para codificar sua intenção comunicativa, que é a de realçar e explicitar claramente aquilo que pensam e sentem. É uma forma de impressionar o ouvinte ou de marcar a sua avaliação com relação a algo, com vistas a ganhar de alguma maneira a atenção do interlocutor.

- (20) O vocalista, teoricamente, também não vai saber música, ele vai só cantar e tem vários que são só intérpretes. Mas você pega o Edu [Falaschi, do Angra], por exemplo. Ele compõe bem **pra caramba** porque toca um pouco de piano, toca violão, conhece um pouco de teoria, explora bem o lado intuitivo.19Or:Br:Intrv:Web
- (21) Tiago Leifert entra em contato com a casa por a primeira vez em esta terça-feira, dia 19/3. O apresentador pede para que os emparedados comentem o que estão sentindo. Antes, ele conversa com Alberto e pergunta como o italiano está se sentindo. # O primeiro a falar é Danrley. " Tô confiante, mas com medo. Nervoso **pra caramba**. Mas, independente de o resultado, eu sou muito grato por ter tido essa oportunidade. BR (19-03-19)
<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb19/casa-bbb/noticia/carolina-danrley-e-paula-falam-da-ansiedade-em-noite-de-eliminacao.ghtml>
- (22) O frio foi um grande obstáculo para mim ", conta França, que recorda os companheiros que o ajudaram e até hoje não esquece de o apoio que recebeu de Thiago Silva, que também em o início de a carreira, em a Rússia, descobriu ter uma gravíssima tuberculose. # " O Felipe, que permanece em o clube ainda, o Léo Bitencourt, o zagueiro Marcelo, que hoje joga em o Lyon, o Felipe Santana, que em a época jogava em o Borussia, e o Thiago Silva, que me ligou e deu força **pra caramba** também. (<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2019/03/10/eu-bebia-demais-nao-tinha-limite-ex-palmeiras-busca>)

Sérgio Rodrigues, escritor e colunista da *Revista Veja Online* (2011), apresenta algumas considerações sobre as possíveis origens da palavra *caramba*:

O dicionário da Real Academia Espanhola nomeia dois outros sentimentos – “estranheza ou enfado” – e informa que *caramba* é um termo eufemístico, um palavrão disfarçado, substituto de *carajo*. O que o torna um membro da grande família dos tabuísmos atenuados, nomes chulos que a língua deforma para que eles possam transitar em ambientes familiares, como *cacilda*, *caraca* e o mais disfarçado de todos, o famoso *puxa*.

Como *caramba*, a interjeição *puxa*, às vezes empregada também na locução “*puxa vida*”, veio do espanhol *pucha*, com a troca do *t* pelo *ch* escondendo a prostituta que estava na origem da exclamação. (RODRIGUES, 2011).

Os dados diacrônicos evidenciam que a expressão intensificadora [[X] *pra caramba*] se tornou mais frequente no português pelo fato de ela funcionar como uma estratégia alternativa menos estigmatizada entre os usuários da língua para intensificar algo, já que “a construção [pra caralho/pra caraio/], que também se presta ao mesmo papel, é bastante marcada e é vista por muitos falantes como sendo uma forma proibida (tabu) na língua (de menção explícita ao órgão sexual masculino), o que faz com ela seja evitada em vários contextos de uso da língua” (SCALDELA SALLE e SOUZA, 2020). Parece que o subesquema [[X] *pra cacete*] é vista como menos estigmatizada do que a construção [[X] *pra caralho*], razão pela qual aquela parece ocupar uma posição intermediária entre [pra caralho] e [pra caramba].

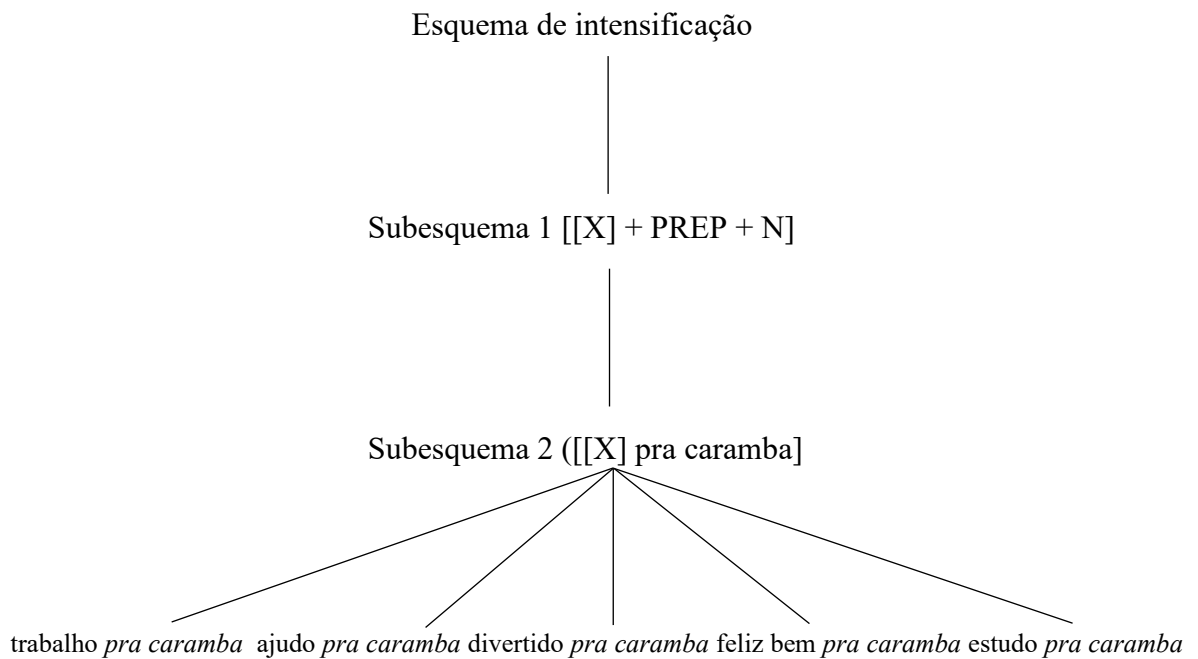
Sobre esse aspecto, Bybee (2016) destaca o seguinte:

Ao longo do tempo, é comum observar uma construção estender seu domínio de aplicação ou perder território para alguma outra construção mais produtiva. Assim, na morfossintaxe como na morfologia, observamos muitos exemplos de competição de construções e muitos esforços de linguistas para detectar diferenças sutis na função e na distribuição de construções que parecem muito semelhantes. (BYBEE, 2016, p. 117).

Por se tratar de uma construção de sentido eufemístico, *pra caramba* é muito mais utilizada em contextos diversos de interação social em comparação aos outros dois subesquemas intensificadores mencionados, uma vez que *caralho* e *cacete*²² são denominações mais vulgares, que fazem referência explícita à genitália masculina.

²² O estudo de análise diacrônica, nesta dissertação, se restringe apenas à observação da emergência dos três subesquemas construcionais intensificadores do português, dessa forma o intuito não foi o de analisar, neste estudo, a emergência das formas variantes.

O esquema a seguir, representa a relação hierárquica de gradiência do subesquema intensificador *pra caramba* elaborado a partir de um esquema de intensificação, resultando em um subesquema 1 mais geral $[[X] + \text{PREP} + N]$, e por fim, um subesquema 2 mais específico $[[X] \text{ pra caramba}]$ distribuído em cinco construtos: *trabalho pra caramba*, *ajudo pra caramba*, *divertido pra caramba*, *feliz pra caramba* e *estudo pra caramba* (alguns dos mais frequentes no *corpus* analisado).



Esquema 4 – Esquematisação e subesquematisação do subesquema intensificador *pra caramba*. Fonte: elaboração própria.

No capítulo a seguir, apresentamos a análise dos dados coletados no *Corpus do Português* a fim de checarmos algumas características e especificidades dos subesquemas.

6. ANÁLISE E RESULTADOS OBTIDOS

Apresentamos, neste capítulo, a análise dos três subesquemas intensificadores perifrásticos, [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba], no português. Os dois primeiros subesquemas são instanciados pelo subesquema abstrato [ADJ + PREP + [X]] e o último é instanciado pelo subesquema [[X] + PREP + N]. Esses subesquemas foram escolhidos, como explicitado, pelo fato de serem os mais utilizados em situações de comunicação de intensificação, o que nos faz pensar que tal fluidez de uso se deve a sua produtividade na língua. A análise das ocorrências está baseada em nove parâmetros de análise elencados no capítulo três. Sendo assim, cada subcapítulo será responsável por investigar um parâmetro. Iniciamos apresentando a frequência dos subesquemas intensificadores, adentrando a seguir no primeiro parâmetro: *grau de generalização esquemática dos subesquemas*.

6.1. A frequência dos três subesquemas intensificadores

Quanto à frequência em porcentagem dos três subesquemas intensificadores, o mais recorrente nas subamostras investigadas no *Corpus do Português* foi o [[X] pra caramba], com 88% do total de ocorrências, em segundo, [morto de [X]] com 8,3%, e em terceiro, [podre de [X]] com 3,7%. Convém ressaltar que cada subesquema cumpre um papel específico na língua devido às especificadas morfológicas e pragmáticas de seus subesquemas mais genéricos. Assim sendo, a comparação estabelecida nesta seção não se pauta em qual subesquema é mais ou menos produtivo, mas, sim, como forma de contabilizar a quantidade de ocorrências catalogadas.

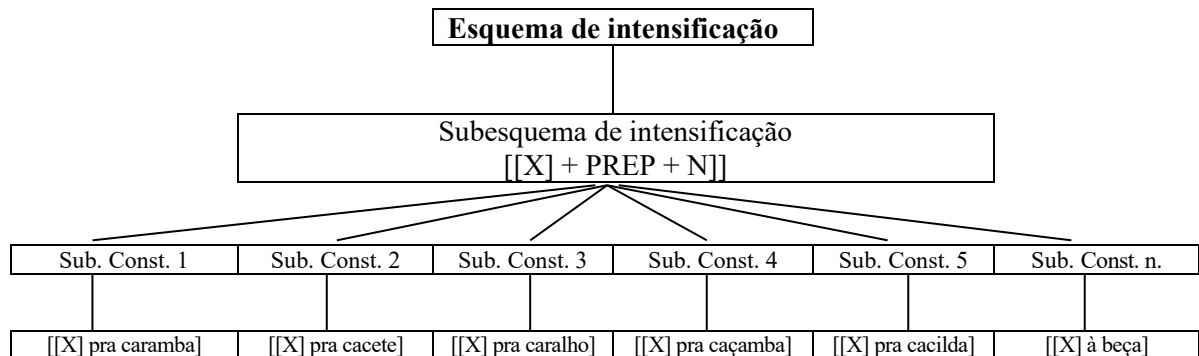
6.2. Grau de generalização esquemática do subesquema intensificador

O objetivo deste parâmetro é verificar o grau de generalização esquemática dos subesquemas intensificadores perifrásticos, a fim de identificar se eles são mais ou menos específicos em termos esquemáticos com relação aos respectivos subesquemas construcionais mais abstratos.

O subesquema [[X] pra caramba] apresenta uma natureza mais genérica, abstrata e inclusiva em relação ao subesquema [[X] + PREP + N], uma vez que, ele compõe, ao lado de

vários outros subesquemas de intensificação, instanciados pelo mesmo subesquema construcional, um rol bastante diversificado e produtivo de estratégias de intensificação no português²³. Já os subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]] apresentam ainda um grau médio de generalização esquemática na língua, visto que o subesquema construcional [ADJ + PREP + [X]] ao qual eles pertencem não é tão produtivo (em comparação ao outro subesquema), em termos de atração, quanto o primeiro.

No caso do subesquema construcional 1 [[X] + PREP + N], que instancia o subesquema 2 [[X] pra caramba] e muitos outros (como, [[X] pra caralho], [[X] pra cacete], [[X] pra caçamba], [[X] pra chuchu], [[X] pra burro], dentre outros), o que se verifica é que a presença deles no português está atrelada a um grau considerável de generalização esquemática, que permitiu, ao longo do tempo, expandir o esquema construcional para outros exemplares construcionais com função similar de intensificação. Em outros termos, quanto mais a construção se torna abstrata, esquemática e inclusiva na língua, maior será a capacidade de ela atrair novos membros (inclusive os menos prototípicos) para preencher os *slots* de um subesquema construcional de natureza intensificadora (SCALDELAI SALLES e SOUZA, 2020). Isso quer dizer que tanto o *slot* de PREP (preposição) quanto o *slot* de N (nome) do subesquema 1 [[X] + PREP + N] podem ser preenchidos por diferentes tipos de elementos linguísticos, conforme se verifica no esquema 1.



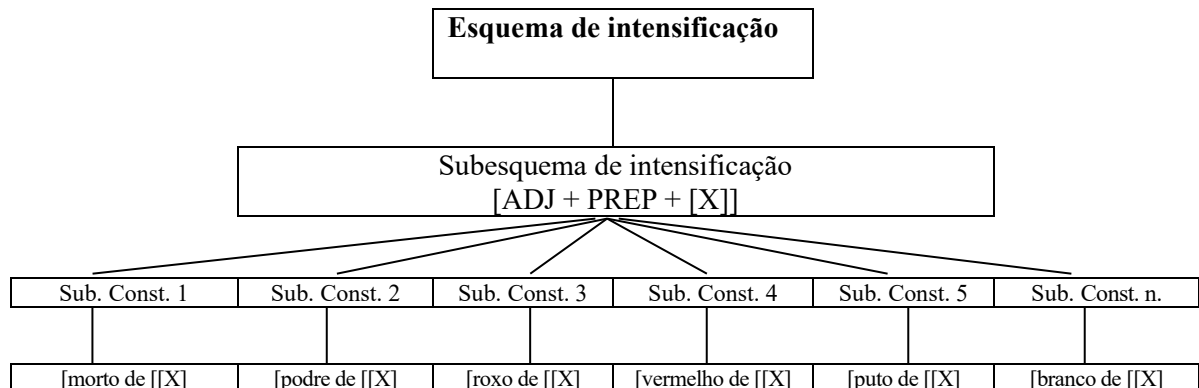
Esquema 1 – Relações hierárquicas de gradiência entre esquema, subesquemas mais genéricos e subesquemas intensificadores no português. Fonte: SCALDELAI SALLES e SOUZA, 2020.

Como se pode ver no esquema 1, o subesquema construcional mais abstrato, que instancia o subesquema [[X] pra caramba], apresenta um alto grau de generalização, uma vez que ele atrai várias outros subesquemas intensificadores que seguem um mesmo padrão de

²³ Para informações sobre subesquemas intensificadores perifrásticos, instanciadas pelo subesquema construcional [[X] + PREP + N] cf SCALDELAI SALLES; SOUZA. *Um estudo construcional da microconstrução intensificadora "[[X] pra caramba]" no português brasileiro*, no prelo.

organização e funcionamento. Olhando para os dados diacrônicos de nossa pesquisa, verificamos que o subesquema [[X] pra caramba] parece ter sido o primeiro a se consolidar no português, estabelecendo, portanto, a partir do início do século XX, um padrão construcional mais abstrato, com base no qual outros subesquemas intensificadores começaram a se formar na língua via processo de analogização.

O esquema 2 mostra as relações hierárquicas entre esquema, subesquemas mais genéricos e os subesquemas intensificadores perifrásticos [morto de [X]] e [podre de [X]]:



Esquema 2 – Relações hierárquicas de gradiência entre esquema, subesquemas mais genéricos e subesquemas intensificadores no português. Fonte: SCALDELA SALLEs e SOUZA, 2020.

As ocorrências de (1) a (3) exemplificam casos do subesquema intensificador [podre de [X]] e seus diferentes tipos de escopo:

- (1) “O ar fresco é cheio de íons negativos [que, apesar de o nome, em os fazem sentir bem], o que pode aumentar o fluxo de oxigênio para o cérebro ", diz Kathleen Hall, fundadora de o Instituto Estresse em Atlanta (EUA). " Se puder, combine-o com o exercício, como uma caminhada rápida, pois atividade estimula endorfinas e dá energia ", conclui. [CNN] 8 Comentários # Isso é coisa pra fresco! ... homem e mulher...que não tem o que fazer e já nasceu **podre de rico!** Aliás, se há alguém que presta atenção em esses conselhos e decide acatar- os e seguir- os, sem dúvida, é, possivelmente um futuro suicida, pois não tem nada em a cabeça e duvido muito que encontre com o que ocupar- a. (<http://hypescience.com/25-dicas-ser-saudavel/>)
- (2) A "Pimentinha" estava em sua fase rebelde, com o cabelo bem curtinho. # de o grupo de eles, me lembro de o Cesar Camargo Mariano e de o Chico Batera. Era agosto, estava frio e como era raro um acontecimento de esses em a cidade, as mulheres se esmeraram em os figurinos. Tinha até casaco de pele em a plateia. em o camarim Elis não demonstrava interesse em se produzir. Perguntou de o público e falei que o Glauce Rocha estava lotado e **podre de chique**, mas ela resolveu entrar em o palco descalça, jeans e camiseta. (www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/a-passagem-de-elis-regina-por-campo-grande-linda-descalca-de-jeans)

- (3) Vi as imagens em o blog Morri de Sunga Branca e eles afirmam ter recebidos as fotos, onde supostamente seria para um catálogo de sexshop. Mas, supostamente que nada, se não era para um catálogo era pra que então? Sunguinha de elefante cara, sério? A gente vê essas sunguinhas e não imagina uma pessoa usando isso, por que supostamente é **PODRE de feio**. Mas ele encarou o desafio e tirou as fotos, que barra, hein? (<http://jornalespalhafato.com/2013/02/marcello-do-bbb-13>)

Como se pode observar nos dados acima, o subesquema de intensificação [podre de] modifica, em sua maioria, formas adjetivais, ao passo que o subesquema [morto de] pode escopar tanto adjetivos quanto formas substantivas, como visto em (4) e (5):

- (4) Continua o relato, falando sobre o excelente coração de Madalena, pronta a dar esmolas, a pedir pelos desamparados. Descreve a bondade e paciência da esposa. Narra que ficou **morto de** raiva, quando ela diz que o salário do Ribeiro era pouco, bem ali diante do Padilha. (19:Fic:Br:Ramos:Bernardo)
- (5) "Ao ouvir o nome de o cineasta, Danilo entende menos ainda: " Alain... Quem é esse homem? Não entendo. Julia, por favor, olha pra mim! O que está acontecendo com você?! ". " Eu te amo mais que minha vida! Isso que importa. Nossa promessa de ficarmos juntos pra sempre. Estou **morto de** saudades de você, de a sua pele, de a sua boca ", acrescenta. Mas Júlia dá um fora em o mocinho. " Nunca mais toca em mim! ", sentencia. (http://www.purepeople.com.br/noticia/novela-espelho-da-vida-cris-volta-no-tempo-e-acusa-danilo-de-assassinato-matar-a-julia_a255090/1)

Esses dados mostram que a variedade de subesquemas intensificadores no português parece estar relacionada à especialização de certas funções, como o escopo. Vejamos a seguir os tipos de ligação do subesquema intensificador com os subesquemas mais gerais.

6.3. Tipos de ligação do subesquema intensificador perifrástico com os subesquemas mais gerais

O objetivo deste parâmetro é verificar que tipo de ligação (ou *link*) os subesquemas aqui investigados têm com seus respectivos subesquemas mais gerais.

O subesquema intensificador [[X] pra caramba] apresenta a ligação de extensão metafórica, isto é, seu significado é formado a partir de uma noção mais concreta para uma mais abstrata, assim a ideia de virilidade, potência ou força do órgão genital masculino (mais concreto) é projetado metaforicamente para a noção mais abstrata de intensidade, originando, portanto, o subesquema intensificador perifrástico em questão. Já os demais subesquemas

[morto de [X]] e [podre de [X]], apesar de também envolverem algum tipo de projeção metafórica, mantêm com o subesquema construcional 1 [ADJ + PREP + [X]] uma ligação de particularidade, em que uma construção específica constitui um “caso especial” (Goldberg 1995, p. 79) de outra construção. Em outros termos, os subesquemas em análise não se ligam a qualquer tipo de elemento indistintamente, pelo contrário, cada um deles apresenta restrições de composição.

O subesquema [morto de [X]], por exemplo, terá como escopo, preferencialmente, substantivos que carregam consigo sentidos negativos, como *cansaço*, *fome*, *sono*; conseqüentemente, tende a veicular, na grande maioria, valores semântico-pragmáticos negativos/depreciativos. Como observado no exemplo a seguir.

- (6) Depois de dois dias indo pra lá e pra cá, o ministro embarcou para Brasília, e eu fui para casa **morto de cansado**, 'hoje não atendo nem o bispo', pesei. Mas de repente vieram me chamar. (noticias.terra.com.br/brasil/golpe-de-1964)

Por sua vez, o subesquema intensificador [podre de [X]] tende a veicular valores semântico-pragmático positivos, pois escopa, majoritariamente, adjetivos veiculadores de sentidos valorativos, como *rico*, *chique*, visto no exemplo abaixo.

- (7) Um recado de Vinicius de Moraes: 'Olhe aqui, Mr. Buster'. Este poema é dedicado a um americano simpático, extrovertido e **podre de rico**, em cuja casa estive poucos dias antes de minha volta a o Brasil, depois de cinco anos de Los Angeles, EUA. (www.redebrasilatual.com.br/revistas/89/olhe-aqui-mr-buster)

Diferentemente, por se tratar de uma ligação de extensão metafórica, o subesquema [[X] pra caramba] consegue escopar uma variedade significativa de elementos, fato que não acontece com os outros dois subesquemas intensificadores, já que suas ligações (links particulares) ocorrem dentro de um contexto mais específico. No entanto, o subesquema [[X] pra caramba], assim como os outros dois, também apresenta certas restrições quanto a sua composição, logo os verbos e os substantivos são os elementos predominantes no *slot* [X].

- (8) Já o bloco Samba de a Mulher Bonita, que estreou em o Cruzeiro Velho, reuniu cerca de 3 mil pessoas em o mesmo dia. " Foi lindo, deu gente **pra caramba**. Até eu me surpreendi. Foi tudo perfeito ", disse a sambista e criadora de o bloco, Kika Ribeiro. BR (19-02-25) <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/carnaval/2019/noticia/2019/02/25/blocos-de-pre-carnaval-reunem-120-mil-folhoes-no-df-dizem-organizadores.ghtml>

- (9) Eu sei que você já assistiu a o filme de o Erasmo, e gostaria de saber se você gostou de o ator que representou você. # " Gostei. Gabriel [Leone] mandou muito bem, muito bem mesmo. O Chay Suede também mandou muito bem representando o Erasmo. O filme me emocionou muito principalmente em determinadas cenas. A cena de o amigo me fez chorar, estava de o lado de o Erasmo enquanto assistia, e chorei **pra caramba**, estou quase chorando agora de novo. BR (19-02-19)
<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/entrevista/2019/02/roberto-carlos-revela-planos-futuros-de-sua-carreira-e-fala-sobre-posse-de-arma-desculpe-se-eu-vou-decepcionar-alguns-de-voces>

É por meio da investigação desse parâmetro, que conseguimos chegar à conclusão de que por termos dois diferentes esquemas, [ADJ + PREP + [X]] e [[X] + PREP + N], os tipos de ligação dos subesquemas intensificadores perifrásticos com outros subesquemas mais gerais também serão diferentes, por conseguinte, os subesquemas mais específicos apresentam restrições quanto à composição e contextos de ocorrência. Sendo assim, o subesquema intensificador [[X] pra caramba], cujo esquema é formado por uma preposição mais um nome, [[X] + PREP + N], por se tratar de uma ligação de extensão metafórica, consegue escopar uma variedade significativa de elementos, como diversos verbos e substantivos, predominantes no *slot* [X], e veiculador de sentido semântico-pragmático positivo, em mais de 60% dos dados coletados.

Tal produtividade não acontece com os subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]], uma vez que a ligação com outros subesquemas construcionais ocorre através de links particulares, isto é, dentro de um contexto mais específico. Em razão dessa especificidade, os elementos que podem ocupar o *slot* [X] dos subesquemas formados pelo esquema [ADJ + PREP + [X]] são ínfimos, se comparados com o subesquema intensificador [pra caramba]. Portanto, notamos que a ligação do subesquema intensificador que acontece por meio de links de extensão metafórica parece contribuir de forma significativa para que o subesquema mais geral seja muito mais produtivo na língua ao modificar múltiplos elementos.

Vejamos, no próximo subcapítulo, a distribuição do grau de transparência semântica dos subesquemas intensificadores no português.

6.4. Grau de transparência semântica do subesquema intensificador

Ao aferirmos o grau de transparência semântica de cada subesquema intensificador perifrástico, constatamos que eles se dividem em dois grupos: (i) aqueles que são mais ou menos transparentes e (ii) aqueles que são de natureza opaca.

Através da análise do primeiro parâmetro (*grau de generalização esquemática dos subesquemas*, subcapítulo 5.2), dividimos os subesquemas em duas categorias a depender do seu esquema mais geral. Assim, [morto de [X]] e [podre de [X]] se configuram como uma construção de natureza genérica, específica e não-inclusiva, isto é, o subesquema 1 [ADJ + PREP + [X]] a qual eles pertencem não é tão produtivo; ao passo que [[X] pra caramba] se caracteriza como uma construção de natureza mais genérica, abstrata e inclusiva, uma vez que apresenta um rol bastante diversificado e produtivo de estratégias. O motivo de um subesquema ser mais ou menos produtivo na língua está relacionado ao seu grau de transparência semântica, em outras palavras, quanto mais uma construção gramatical for opaca, ou seja, quanto mais seu significado se distanciar do significado primário que originou a construção, apresentando, então, uma redução na composicionalidade, mais produtivo ele será.

O mesmo raciocínio ocorre com o inverso: quanto menos opaca for, menos produtiva será, já que a construção ainda carregará consigo significados primários que originaram a construção. Assim sendo, ambos os casos acontecem com os subesquemas aqui arrolados, uma vez que os subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]] por serem específicos, ainda não se distanciaram totalmente dos significados originais, ou seja, ainda apresentam resquícios de seus elementos constituintes *morto* e *podre*, portanto, se caracterizam como mais ou menos transparentes. Por sua vez, o subesquema [[X] pra caramba] por se desvincular do seu significado originado de *caramba*, tornou-se muito mais genérico e abstrato, graças às operações de projeção metafórica; logo, seu significado parte do todo da construção e não mais da soma das partes. Vejamos como essa questão funciona a partir dos exemplos.

- (10) Fagner Campos, enquanto você fala besteira e pensa que esta fazendo bonito, José Aldo esta **podre de** rico e você pobre lascado BR (17-05-21)
<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2017/05/cris-cyborg-e-angela-magana-brigam-em-encontro-de-lutadores-do-ufc.html>
- (11) Está bem, mas vamos andando. Estou **morto de** fome. Retomam a marcha. Floriano vai segurando o braço do amigo. 19:Fic:Br:Verissimo:Tempo
- (12) Concordo contigo processador ruim gpu de ele e fraca o celular trava **pra caramba** fica lerdo não tem como colocar o emulador dolpin é uma merda, tô fora prefiro o note 9 mesmo pra quem não joga e mais ou menos agora pra quem joga não presta. BR (19-02-10)
<https://www.tudocelular.com/samsung/noticias/n137874/variante-galaxy-s10-1tb-data-prateleiras.html>

Em (10), com o uso do subesquema intensificador [podre de [X]], o falante menciona que José Aldo, lutador de MMA, está riquíssimo; já em (11), o subesquema [morto de [X]] denota que o personagem está com muita fome. Nesses dois casos, o sentido resultante dos subesquemas ainda trazem consigo resíduos do significado primário de *podre* e *morte*, isto é, a noção de podre como algo putrefato transfere-se metaforicamente para exacerbar o valor financeiro do qual o lutador dispõe. O mesmo também acontece com o subesquema [morto de [X]], pois a noção de último estágio de um ser vivo também é transferida metaforicamente para compor o significado de o personagem estar com muita fome, ao passo que pode até vir a “desfalecer” caso não se alimente.

Já no exemplo (12), o falante explica como um *hardware* modesto pode dificultar o uso de um celular, e para expressar sua insatisfação utiliza a expressão [[X] pra caramba]. Diferentemente dos outros dois subesquemas, *caramba* não denota mais um eufemismo de *carajo* (órgão sexual masculino), oriundo da língua espanhola, mas sim uma construção para expressar admiração ou desagrado em elevada intensidade, nesse caso, claramente um desagrado. Dessa forma, conseguimos perceber como o grau de transparência semântica dos subesquemas pode interferir na produtividade, pois o esquema [ADJ + PREP + [X]], por ser mais ou menos transparente, não permitirá que uma grande quantidade de elementos seja modificados, já o esquema [[X] + PREP + N], por ser abstrato/opaco, assentirá que uma infinidade muito maior de elementos sejam modificados. Tal produtividade será mais detalhada no subcapítulo 5.9.

No subcapítulo seguinte, verificaremos a possibilidade de o subesquema intensificador ser flexionado em pessoa ou em gênero, de modo a caracterizá-lo morfossintaticamente.

6.5. Possibilidade de o subesquema intensificador ser flexionado em número ou em gênero

Este parâmetro nos mostra duas divisões: (i) a possibilidade de o subesquema ser flexionado em número e/ou em gênero, e (iii) a impossibilidade de o subesquema receber flexão. O subesquema [morto de [X]] instancia microconstruções que permitem a flexão tanto em número quanto em gênero, como disposto nos exemplos (13) a (15):

- (13) Patricia pareceu paralisada com minha firmeza. Sem reagir, deu o endereço. Memorizei a rua, o número - era uma casa. Eu era bom nessas coisas, às vezes guardava um número durante anos. Mas nem pelo nome da rua nem pelo prefixo

do telefone consegui localizar o bairro. Talvez Morumbi, delírios artísticos de meninas ricas **mortas de tédio**. Britadeiras vibravam no prédio em construção em frente ao Quênia' s Bar, ao lado da funerária. (19:Fic:Br:Abreu:Onde)

- (14) quando fugiu, nem uma caixa de doce, nem uma garrafa de vinho potável, nem gulosice de nenhuma espécie, das que eram de esperar naquele devoto aposento, e que bem contávamos achar nele os pobres estudantes, quando ali chegámos **mortos de sede e de cansaço**. (18:Garrett:Arco)
- (15) No vagão vazio, apenas eu sentado num canto, a mochila entre as pernas, **morto de sono** depois de mais uma daquelas viagens de ônibus ao Rio de Janeiro, ele podia ter sentado. (19:Fic:Br:Abreu:Onde)

O exemplo (13), através do subesquema flexionado em gênero (feminino) e em número (plural), explicita a sensação de tédio presente em meninas ricas, possivelmente moradoras do bairro Morumbi. Em (14), a flexão também acontece em gênero (masculino) e número (plural) quando discorre acerca da intensificação presente na sede e no cansaço dos personagens. No exemplo (15), o subesquema intensifica o sono do personagem. Assim, o subesquema pode ser flexionado em gênero – masculino (*mortos; morto*) e feminino (*mortas*) – e em número – singular (*morto*) e plural (*mortas; mortos*).

Já as microconstruções instanciadas pelo subesquema [podre de [X]] aceitam somente flexão em número (singular e plural), não sendo possível a flexão em gênero, pois o vocábulo *podre* é um adjetivo uniforme, isto é, nunca admite flexão de gênero. Em (16), o falante demonstra sua surpresa e indignação ao saber que o indivíduo pagou 2.500,00 reais de seguro de automóvel. O exemplo (17) fala sobre tomar alguma atitude e ficar *podre de rico*. Trata-se, pois, de um subesquema que apresenta um comportamento morfossintático e semântico um pouco diferente do subesquema [morto de [X]].

- (16) Caro amigo brasileiro, quando você me contou que pagou de R\$ 2.500,00 por o seguro de seu carro, aí sim eu confirmei a minha tese: vocês são **podres de rico**!!!! Nós nunca poderíamos pagar tudo isso por um simples seguro de automóvel. (valdecicontabilidade.cnt.br)
- (17) # Rodrigo Azevedo # 2017-01-10T19: 04: 14 # Quero ver quem é que não ia pra ficar **podre de rico**! Vamos deixar de falar besteira e deixa os caras ganharem a grane deles. BR (17-01-10) <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2017/01/hulk-diz-que-conselho-sobre-china-foi-decisivo-para-contratacao-de-oscar.html>

No entanto, quando analisamos as microconstruções instanciadas pelo subesquema [[X] pra caramba], verificamos que elas não aceitam nenhum tipo de flexão, nem de gênero nem de

número justamente porque a ausência de flexão é um traço inerente do nome *caramba* que instância a construção, logo, nunca irá se flexionar. Vejamos o exemplo abaixo:

- (18) Evandro comenta: " E o pessoal tá filmando, tá vendo? [aponta] Tudo que a gente faz é filmado e não pode mesmo. Então, de repente, se o cara for maior de idade e te entregar, você vai levar até a entrada de a sua casa e já vai entrar direto. " # O menor de idade então comenta: " Gostei mesmo, cara, de o brinde. Me interessei só por o brinde ". Solano concorda afirmando que o brinde " é legal **pra caramba**". BR (19-03-18) <https://www.terra.com.br/diversao/tv/fora-da-lei-relembre-os-demitidos-de-o-aprendiz-por-conta-de-atos-ilicitos,ec4b9ab3b2b99a0d26e414af14a723c5pwyjjvq0.html>

Esse parâmetro sustenta a comprovação de que quanto mais uma construção aceita marcas de flexão, menos estabilizada na língua ela está, em contrapartida, construções que não aceitam marcas de flexões, como o subesquema [[X] pra caramba], confirmam a tese de que esses subesquemas encontram-se consolidados na língua.

Na sequência, no subcapítulo 5.6, averiguamos a possibilidade de o subesquema intensificador ser derivado em formas de grau diminutivo ou aumentativo.

6.6. Possibilidade de o subesquema intensificador ser derivado em formas de grau diminutivo ou aumentativo por meio de sufixos

Ao analisarmos os três subesquemas intensificadores, percebemos que os únicos subesquemas que ainda permitem algum tipo de derivação são [morto de [X] e [podre de [X], ao passo que o subesquema [[X] pra caramba] não aceita nenhum tipo de derivação.

Os exemplos (19) e (22) ilustram casos de derivação que envolvem os sufixos aumentativos, enquanto os exemplos (20) e (21) representam casos de derivação sufixal com valor diminutivo.

- (19) Ainda meio **podrão de** cansado, mas feliz com o show de ontem! Agradecendo ao Bovary Snooker Pub - Joinville e Bovary Snooker Pub - Balneário Camboriú ([https://www.facebook.com/Band › Daddy'O](https://www.facebook.com/Band%20Daddy'O))
- (20) Morta de fome, tadinha! Mas tá que nem abre os olhos, essa história de não dormir depois do meio dia tá deixando ela **podrinha de** cansada! (<https://brasil.babycenter.com> ›)
- (21) Nós foi que soltemos os presos da cadeia. Para que o senhor não foi dar de comer àqueles pobres, Seu Vigário? Estava tudo **mortinho de** fome. - São criminosos - respondeu o padre. - Criminosos coisa nenhuma. (19:Fic:Br:Rego:Pedra)

- (22) Mano a terça-feira nem acabou e eu já to **mortão de** canseira.
(<https://twitter.com/heliojunior Melo>)

Esses dados mostram e reforçam que o comportamento do subesquema [[X] + PREP + N] vai ao encontro de nossa expectativa, uma vez que não se faz necessário outras marcas de intensificação, já que o subesquema por si só já expressa a ideia de intensidade elevada, ao passo que o subesquema [ADJ + PREP + [X]] ainda aceita marcas de derivação.

A seguir, analisamos os tipos de elementos linguísticos modificados por cada um dos tipos de subesquemas intensificadores.

6.7. Tipo de elemento modificado pelo subesquema intensificador

Este parâmetro permite observarmos quais são os elementos modificados pelos subesquemas perifrásticos (e os mais modificados) e se há algum tipo de especialização em termos de modificação atrelado a essas estratégias. Por meio da tabela, notamos que cada subesquema apresenta uma preferência em específico quanto à classe gramatical para funcionar como seu escopo. O subesquema [morto de [X]], em 91 ocorrências catalogadas no *Corpus do Português*, apresentou a seguinte distribuição quanto à natureza do elemento [X]: os substantivos ocorrem com maior frequência (81%), seguidos dos adjetivos (9%) e, por fim, o verbo (1%) – convém ressaltar que tal verbo encontra-se no infinitivo (forma não finita), apresentando, portanto, um comportamento de nome. Vejamos detalhadamente os números de cada subesquema na tabela a seguir.

Subesquemas intensificadores	Tipo de elemento modificado pelo subesquema intensificador perifrástico					TOTAL
	Verbo no infinitivo	Adjetivo	Advérbio	Substantivo	Oração	
[morto de [X]]	1 (1%)	9 (9%)	0	81 (81%)	0	91 (8,4%)
[podre de [X]]	0	38 (100%)	0	0	0	40 (3,6%)
[[X] pra caramba]	425 (44,3%)	391 (40,7%)	42 (4,3%)	79 (8,2%)	22 (2,5%)	959 (88%)
SUBTOTAL	450 (41,2%)	439 (40,2%)	43 (3,9%)	136 (12,4)	22 (2,3%)	1090 (100%)

Tabela 1 – Tipo de elemento modificado pelo subesquema intensificador. Fonte: elaboração própria.

Dentro dessa distribuição, podemos ainda separá-lo em três grupos semânticos ligados (i) à *fisiologia* do ser humano (sono, fome, cansaço, medo, frio, vontade, preguiça e riso); (ii) ao *sentimento* (saúde, tédio, inveja, satisfação, pena, felicidade, ciúme, vergonha, nojo, raiva, pavor, paixão, tristeza e prazer); e (iii) à *atividade* exercida (trabalhar). Vemos, a partir da análise e do gráfico 1, que o falante, ao usar tal subesquema busca intensificar, em primeiro lugar, questões ligadas às necessidades fisiológicas (65%), posteriormente ao sentimento (34%), e por último à atividade laboral exercida pelo ser humano (1%).

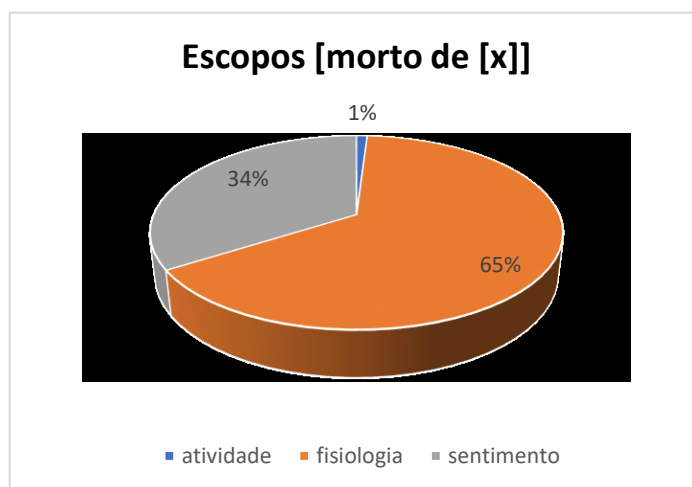


Gráfico 1 – Escopos do subesquema intensificador morto de separados por grupos. Fonte: elaboração própria.

Na tabela a seguir, visualizamos quantas vezes os elementos relacionados à fisiologia e ao sentimento foram modificados pelo subesquema [morto de [X]].

Fisiologia	Ocorrências	Sentimento	Ocorrências
Fome	29	Inveja	6
Cansaço	13	Vergonha	5
Sede / medo	5	Ciúme	4
Sono	4	Felicidade	3
Riso / preguiça / frio / vontade	1	Tédio / saudade	2
		Nojo / raiva / pavor / paixão / tristeza / prazer / satisfação / pena	1

Tabela 2 – Escopos dos grupos fisiologia e sentimento do subesquema intensificador morto de. Fonte: elaboração própria.

No campo fisiológico, o elemento mais modificado *fome* é catalogado 29 vezes, ao passo que, no campo sentimental, o tipo *inveja* ocorreu apenas seis vezes. Esses dados demonstram que o campo semântico ligado ao sentimento é responsável por escopar 13 elementos diferentes, mas com ocorrências pouco produtivas, como visto na quantidade de elementos escopados apenas uma única vez. Já o campo semântico relacionado à fisiologia escopa apenas oito diferentes elementos, porém muito mais produtivos, como o escopo *fome* (29 ocorrências) e o *cansaço* (13 ocorrências), por exemplo. O grupo semântico menos produtivo é a atividade laboral exercida pelo ser humano, uma vez que é responsável por apresentar somente um escopo (trabalhar) e uma ocorrência, como observamos no exemplo a seguir.

- (23) motoristas que passam por a via e moradores de as cidades próximas, o trecho está cheio de buracos há muito tempo. O espaço de 15 quilômetros leva até 30 minutos para ser percorrido por alguns veículos. # O motorista Justino de a Silva afirmou que passa cerca de três vezes por dia por o local e que chega exausto em casa. " Eu pego um plantão, a as vezes, de quatro dias. Passo quinta, sexta, sábado e domingo em essa buraqueira. Quando é segunda de manhã que eu vou terminar o plantão, eu estou **morto de tanto trabalhar**", contou. # O trabalhador rural Adriano Donizete de a Silva foi um de os voluntários que decidiu ir tapar os buracos de o trecho. Segundo ele, muitos motoristas já sofreram acidentes por causa de os buracos. BR (15-07-15)<http://g1.globo.com/goias/noticia/2015/07/casados-de-esperar-recapamento-moradores-tapam-buracos-de-rodovia.html>

Já com relação ao subesquema [podre de [X]], observamos o oposto, uma vez que o adjetivo é a única classe gramatical escopada (100%). Os elementos modificados por esse subesquema são: *bêbado* e *chique* com duas ocorrências cada, *feito* e *preto* apenas uma ocorrência para cada elemento e *rico* (e suas derivações de gênero e de número), com 34 ocorrências. O exemplo (24) escopa *rico*, demonstrando como os angolanos estariam se caso apresentassem certas condições melhores de vida; em (25) modifica o elemento *chique*, característica dada a uma das atitudes que acontecerão na câmara dos deputados; o exemplo (26) demonstra uma das ocorrências que tem como escopo o adjetivo *bêbado*, utilizado para intensificar a maneira que o passageiro deve ficar, caso tenha medo de andar de avião.

- (24) Com condições similares todos angolanos estariam **podres de rico** mas infelizmente em Angola nem todos são filhos de o Presidente. circuloangolano.com
- (25) Ela vende a seu " público ", como ela chama, o que nunca aconteceu e se apropria de o trabalho alheio para disparar sua metralhadora de boçalidades. # De resto,

não é segredo para ninguém que articula sua candidatura a deputada federal em 2018. # Esse seu destempero já é parte de a campanha eleitoral. # Com Bolsonaro para presidente, é claro! # Se conseguir, meus amigos, aquela Câmara entrará em uma nova fase. # Nunca mais um caso acabará em pizza por lá. # Só em champanhe francês. # Coisa **podre de** chique. BR (17-02-21) <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/como-joyce-a-apedeuta-descobriu-conspiracao-para-internar-lula/>

- (25) Existem pessoas que simplesmente morrem de medo de voar, mas que, por algum motivo, precisam entrar em um avião. Aí resta apelar para todo tipo possível de mandinga para não entrar em pânico: rezar, tomar remédio, ficar **podre de** bêbado ou, como aconteceu em o último fim de semana, jogar moedas em a turbina de um avião pedindo sorte. BR (17-06-29) <https://www.tecmundo.com.br/aviao/118513-idososa-joga-moedas-turbina-aviao-sorte-atrasa-voo-em-5-horas.htm>

Notamos que tanto o subesquema [podre de [X]], quanto o [morto de [X]] têm como escopo primordial os *nomes*, nesse subesquema os substantivos, em especial, e, posteriormente, os adjetivos, enquanto, naquela somente adjetivos; assim, a análise demonstra que tais subesquemas estão se cristalizando na língua como responsáveis por escoparem nomes. Esse fenômeno pode ocorrer pelo fato de os subesquemas serem formados por um esquema [ADJ + PREP + [X]] que contemple um nome, mais especificamente, um adjetivo, e por isso, modificarem somente adjetivos e/ou substantivos. Conseqüentemente, o subesquema [podre de [X]] é mais produtivo quando utilizado para intensificar o poder aquisitivo de uma pessoa, isto é, o quanto ela é rica; já o subesquema [morto de [X]] é empregado para realçar uma necessidade fisiológica do ser humano: a fome. Quanto aos elementos modificados, que ocorrem apenas uma única vez, como por exemplo [morto de preguiça/vontade], [podre de nojo/raiva] podem, talvez, configurar-se como formas inovadoras ou ser apenas uma restrição do próprio *corpus*.

Com relação ao subesquema [[X] pra caramba], observa-se que ele tem por finalidade escopar, principalmente, categorias de palavras representadas por verbos (425 ocorrências), como *gostar, falar, esforçar-se, trabalhar, ensaiar, ajudar, sofrer*, e adjetivos (391 ocorrências), por exemplo, *legal, chato, feliz, difícil, divertido, bom*. Analisando os números, comprovamos que não há uma hierarquia muito evidente entre os dois grupos, já que há entre eles quase um empate. No exemplo (27), o falante utiliza o subesquema para destacar o quanto sofreu na maternidade (o escopo, portanto, é o verbo *sofrer*). Já no exemplo (28), o subesquema intensifica como é bom se relacionar com os amigos, nesse caso o escopo é o adjetivo *bom*.

- (27) de perder o João, que em aquele momento registrar era guardar as memórias, já que eu não sabia quantas memórias eu ainda ia ter dele. Eu queria guardar

qualquer pedacinho que eu estava sentindo ", conta Laura. # O livro reúne mais de o que relatos de a experiência com a maternidade, conforme a autora. A obra fala " sobre dor e amor " e tenta desromantizar a mãe que sofre. # " Eu quero que seja uma história real. E que as pessoas se identifiquem justamente por a proximidade com ela. Eu sofri **pra caramba**. Mas não quero transformar isso em uma luta ou em algo bonito. BR (18-10-04). Fonte <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/10/04/mae-de-menino-com-doenca-rara-lanca-livro-sobre-71-dias-no-hospital-experiencia-intensa.ghtml>

- (28) Para os atores, um momento marcante de a série foi a gravação olhando para a câmera: # No segundo dia de conversa com os atores, e nesta terça-feira, 16/10, os intérpretes de Rui e Vani recordaram os episódios de a série que contaram com a participação de amigos. # "Teve um momento que nós dois queríamos em os relacionar com os amigos que a gente gostava, que é uma forma de a gente viver artisticamente e é bom **pra caramba** ", disse o ator, que lembrou que a série recebia um casal por semana. BR (18-10-15) Fonte <https://gshow.globo.com/programas/video-show/noticia/luiz-fernando-guimaraes-e-fernanda-torres-relembra-momentos-marcantes-de-os-normais.ghtml>

Em terceiro lugar, o escopo mais recorrente é o substantivo com 79 ocorrências, algumas palavras representantes dessa classe são *gente*, *voto*, *alegria*, *risada*, *tiro*; em seguida, o advérbio (42 ocorrências), disparadamente os advérbios *bem* e *mal*; e por último, a oração como um todo (22 ocorrências), como demonstram os exemplos a seguir, respectivamente. Em (29), o subesquema escopa o substantivo *alegria* para intensificar que o dia dos pais é alegre, em (30), o elemento modificado é o advérbio *bem*, utilizado para demonstrar que a pessoa tem um bom salário, e em (31) o escopo fica por conta da oração *gostar de ouvir rock*.

- (29) Com um pai assim, é difícil comemorar o Dia de os Pais apenas uma vez em o ano. " A família sempre unida, né? Graças a Deus, meu pai nunca desistiu de a gente. Todo dia é assim: tem briga, tem discussão, toda família tem, mas tem alegria **pra caramba**. O pai toda vida deu amor pra nós muito bem ", conta o filho Caio Vitor. # " Pra mim, meu pai é como se fosse um herói, um herói sem capa ", declara Alex Silva, de 10 anos. # " Ser pai é tudo para mim ", finaliza Galego. BR (18-08-12) Fonte <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2018/08/12/cabeleireiro-deixa-mg-e-monta-salao-nos-fundos-de-casa-para-cuidar-dos-seis-filhos-em-limeira.ghtml>
- (30) futebol ficou muito egoísta. Cada um é um. É um esporte coletivo porque tem onze em o mesmo time, mas não é coletivo – de forma nenhuma – em o modo de pensar. São onze pessoas vestindo uma mesma camisa, mas não necessariamente essas onze pessoas são um time. Eles jogam para um mesmo clube, em aqueles 90 minutos eles trabalham juntos. Fora aquilo, é o que o mundo é. Um mundo muito egoísta pensando em si mesmo. Os jogadores hoje

preferem ficar quietos, porque... " pô, já tô ganhando bem **pra caramba**, moro bem, tenho contrato. Pra que eu vou abrir a boca pra falar alguma coisa sobre política? Talvez crie um problema pra mim " BR (18-09-26). Fonte <https://brasil.estadao.com.br/blogs/inconsciente-coletivo/a-democracia-de-casagrande/>

- (31) Sandy revelou que o menino de 4 anos aprovou o novo trabalho de a mãe. # " Ele amou, porque ele é muito metaleiro, ele é fã de o Sepultura e agora tá virando fã de o Angra também ", contou a artista. " Ele amou. Ele falou: 'mamãe, mostra de novo esse vídeo que você está de bruxa. Eu quero ver a mamãe de bruxa' ". # " Ele amou, ele achou que eu estava linda. Ele gosta de ouvir rock **pra caramba**. Desde bebezinho ele já era metaleiro ", completou Sandy. BR (18-07-12) Fonte <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/12/filho-de-sandy-curtiu-mae-gotica-em-video-do-angra-ele-e-metaleiro.htm>

Como se vê, o subesquema [[X] pra caramba] possui diferentes tipos de escopo, mais de cem elementos são modificados, diferentemente do que ocorre com os subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]] que escopam um pouco mais dez elementos cada. Esse fato pode explicar o porquê o subesquema [[X] pra caramba] ser bastante frequente na língua. Assim sendo, o subesquema [morto de [X]] realça, na sua grande maioria, substantivos; já [podre de [X]] os adjetivos; e [[X] pra caramba] os verbos e os adjetivos, em específico os verbos. Vemos, portanto, que apesar de os subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]] possuírem o mesmo esquema [ADJ + PREP + [X]], eles não escopam, majoritariamente, a mesma classe gramatical. Por sua vez, verificamos que os elementos modificadores elegidos pelos subesquemas intensificadores não possuem uma grande variação, isto é, tais subesquemas perifrásticos são utilizados para intensificar preferencialmente dois grupos: os *nomes* (substantivos e adjetivos) e os *verbos*.

A seguir, analisamos o tipo de valor semântico-pragmático que é veiculado pelo subesquema intensificador (se positivo ou negativo).

6.8. Valor semântico-pragmático veiculado pelo subesquema intensificador

Este parâmetro proporciona uma clara visualização acerca da intenção semântico-pragmática veiculada em cada subesquema, o qual pode ser negativo (sentido depreciativo) ou positivo (sentido valorativo). Observemos a tabela 3.

Subesquemas intensificadores	Valor semântico-pragmático do subesquema		TOTAL
	Valor negativo/pejorativo	Valor positivo/valorativo	
[morto de [X]]	79 (86,8%)	12 (13,2%)	91 (8,4%)
[podre de [X]]	4 (10%)	36 (90%)	40 (3,6%)
[[X] pra caramba]	359 (37,5)	600 (62,5)	959 (88%)
SUBTOTAL	442 (40,6%)	648 (59,4%)	1090 (100%)

Tabela 3 – Valor semântico-pragmático veiculado pelo subesquema intensificador. Fonte: elaboração própria.

Nessa esteira, constatamos que o subesquema [morto de [X]] veicula sentido negativo em grande escala (86,8%), isto é, de 91 ocorrências, 79 são de sentido negativo e apenas 12 de positivo (13,2%). Vejamos os seguintes exemplos.

- (32) quando fugiu, nem uma caixa de doce, nem uma garrafa de vinho potável, nem gulosice de nenhuma espécie, das que eram de esperar naquele devoto aposento, e que bem contávamos achar nele os pobres estudantes, quando ali chegamos **mortos de** sede e de cansaço. 18:Garrett:Arco
- (33) No vagão vazio, apenas eu sentado num canto, a mochila entre as pernas, **morto de** sono depois de mais uma daquelas viagens de ônibus ao Rio de Janeiro, ele podia ter sentado. 19:Fic:Br:Abreu:Onde
- (34) Continua o relato, falando sobre o excelente coração de Madalena, pronta a dar esmolas, a pedir pelos desamparados. Descreve a bondade e paciência da esposa. Narra que ficou, **morto de** raiva, quando ela diz que o salário do Ribeiro era pouco, bem ali diante do Padilha. 19:Fic:Br:Ramos:Bernardo

Os três exemplos listados demonstram que os falantes utilizaram o subesquema [morto de [X]] com a função de intensificar em (32) a sede e o cansaço, em (33) o sono e em (34) a raiva. Todos os vocábulos são pertencentes a campos semânticos que relembram algo ruim, desfavorável, uma vez que sede, cansaço e sono são necessidades fisiológicas que o corpo humano necessita eliminar para seu próprio bem-estar, e a raiva é um sentimento de insegurança, frustração que em excesso faz mal para qualquer indivíduo. A predileção pelo sentido negativo está, provavelmente, ligada ao campo semântico *morte*, como já detalhado no capítulo anterior, responsável pela composição do subesquema [morto de [X]].

A morte, para muitos, é considerada como o fim da vida, um momento muito triste e doloroso para os sobreviventes, logo, a carga semântica que a palavra carrega é muito forte. Assim, seu significado é transferido metaforicamente para o subesquema de intensidade, o qual ainda não passou completamente pelo processo de abstratização. No entanto, apesar de o subesquema [morto de [X]] veicular, na grande maioria, sentido negativo, há a possibilidade de o sentido ser positivo, como vemos abaixo. Nesses exemplos, os escopos são palavras que carregam consigo uma carga semântica agradável; em (35) o riso de um casal enamorado e em (36) a felicidade em ver o amor permear a festa de carnaval.

Assim, nessas e em outras ocorrências (cujos escopos são *prazer, vontade, satisfação*), o sentido semântico-pragmático veiculado pelo subesquema intensificador é positivo porque a carga semântica dos vocábulos é positiva.

- (35) Eu rolei por cima, pelo lado, por baixo dele, **morto de** riso. Ele tirou minha roupa, lambeu todo meu corpo 19:Fic:Br:Abreu:Onde
- (36) A paquera rolava em qualquer rua. Muitos muitos muitos beijos. Bandeiras de o arco-íris usadas por todos, inclusive héteros. Me lembrou o movimento em a época de a aprovação de o casamento igualitário em os EUA, em que uma leva de gente saiu colocando filtros coloridos em os seus avatares. # Se tivessem me dito que um dia o Carnaval seria assim, eu não acreditaria! E se me falassem que este Carnaval seria assim, eu teria apostado uma grade de cerveja e perdido. **Morto de** feliz em perder, mas teria sido derrotado. BR (19-03-12) <https://www.metropoles.com/colunas-blogs/vozes-lgbt/este-carnaval-foi-de-luta-e-resistencia-ao-contrario-do-que-dizem>

Notamos, portanto, que a carga semântica do escopo contribui para que o valor semântico-pragmático do subesquema seja positivo ou negativo, porém, por causa de o subesquema [morto de [X]] trazer em sua estrutura um vocábulo sobrecarregado de sentidos ruins ligados a *morrer/morte*, e por ainda não se abstratizar completamente, isto é, por ainda trazer consigo tais sentidos, o falante fará uso do subesquema, na maior parte, em contextos negativos.

Por sua vez, o subesquema [podre de [X]] já se encontra em um processo de abstratização maior, uma vez que não apresenta mais o sentido pejorativo oriundo do vocábulo *podre* (que significa algo estragado, putrefato), pois a sua predileção consiste em veicular sentidos valorativos. Por consequência, em 40 ocorrências, 36 (90%) apresentaram sentido positivo, enquanto apenas quatro (10%) representaram sentidos depreciativos. Observemos o exemplo abaixo em que o subesquema intensificador tem a função de realçar a riqueza de uma pessoa.

- (37) Um recado de Vinicius de Moraes: ' Olhe aqui, Mr. Buster' # Este poema é dedicado a um americano simpático, extrovertido e **podre de rico**, em cuja casa estive poucos dias antes de minha volta a o Brasil, depois de cinco anos de Los Angeles, EUA. BR (13-11-09)
<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/89/olhe-aqui-mr-buster-2154.html>

É válido ressaltar que das 36 ocorrências que apresentam sentido apreciativo, 34 têm como escopo o adjetivo *rico* e apenas duas ocorrências escopam o adjetivo *chique* (ambos os vocábulos cujos significados são valorativos). Por outro lado, as demais ocorrências escopam os adjetivos *preto*, *feio* e *bêbado* e, portanto, apresentam sentido semântico-pragmático depreciativo. Nesse ponto, notamos que o responsável por qualificar os subesquemas de intensidade em sentido positivo/negativo é o escopo, como já observado no subesquema [morto de [X]], uma vez que há uma certa opacidade no subesquema [podre de [X]]. Vejamos como esses subesquemas modificam tais elementos negativamente.

Em (38), o subesquema serve para realçar que o homem está muito bêbado; em (39), certos tipos de sunga são satirizadas e intensificadas negativamente não só através do subesquema [podre de], mas também pelo uso das letras maiúsculas em *podre*; e, por fim, o exemplo (40) intensifica como o céu de São Paulo está escuro por causa da chuva.

- (38) Como mostra o vídeo de o " TMZ ", Bronson está **podre de** bêbado e mal consegue seguir as instruções de o segurança. em a verdade, ele já havia sido expulso pouco tempo antes de um voo justamente por estar em este estado. BR (13-01-04)
<http://www.tribunahoje.com/noticia/50926/entretenimento/2013/01/04/bronson-pelletier-lobo-da-saga-crepusculo-faz-xixi-em-aeroporto.html>
- (39) Vi as imagens em o blog Morri de Sunga Branca e eles afirmam ter recebidos as fotos, onde supostamente seria para um catálogo de sexshop. Mas, supostamente que nada, se não era para um catálogo era pra que então? Sunguinha de elefante cara, sério? A gente vê essas sunguinhas e não imagina uma pessoa usando isso, por que supostamente é **PODRE de** feio. Mas ele encarou o desafio e tirou as fotos, que barra, hein? BR (13-02-28)
<http://jornalespalhafato.com/2013/02/marcello-do-bbb-13-ja-foi-modelo-de-sexshop-veja-as-fotos/>
- (40) A noite chegou mais cedo em esta quarta-feira em BH. Nuvens carregadas deixaram o céu muito escuro antes de as 18h30. Porém, antes de a chuva, quem olhou para o céu se espantou com os vários tons de rosa que cobriram a cidade. em as redes sociais, várias fotos foram publicadas registrando o degradê púrpura. " Enquanto em SP o céu fica **podre de** preto, em BH ele fica rosa. Quem é top agora? ", brincou a jovem Mayra em o Twitter. BR (13-03-13)
http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/03/13/interna_gerais,356806/chuva-forte-acompanhada-de-ventania-ameniza-calor-em-bh.shtml

Diferentemente dos dois subesquemas especificados anteriormente, o subesquema [[X] pra caramba] apresenta um total de 959 ocorrências catalogadas, das quais 359 (37,5%) veiculam um sentido semântico-pragmático negativo e 600 (62,5%) sentido positivo. Os dados demonstram que o subesquema formado por [PREP + N] favorece a intensificação de situações comunicativas positivas, no entanto, também é responsável por realçar contextos depreciativos. Vejamos os exemplos a seguir.

Em (41) o subesquema intensificador enfatiza o inchaço no tornozelo do jogador (algo ruim, pois causa dor e incômodo) e em (42) o subesquema escopa o verbo estudar (algo positivo, já que demonstra empenho e dedicação por parte do falante).

- (41) Carleto em ação por o Valencia, em 2009 # " Ele não fala uma palavra, mas o que faz com a bola é brincadeira! ", elogia o ala, antes de lembrar um episódio marcante de o amigo. # " Teve um jogo contra o Sporting Gijón que ele levou uma pancada em o tornozelo e inchou **pra caramba**, isso com só 10 minutos de o primeiro tempo. Mesmo assim, ele ficou quieto, em a dele, jogou o tempo todo em o sacrificio e acabou com o jogo ", recorda o ala, que estava em o banco de reservas em a partida válida por a 30ª rodada de La Liga 2008/09. http://espn.uol.com.br/noticia/748568_conheca-o-mago-de-r-115-milhoes-do-city-que-entra-mudo-sai-calado-e-resolve-sozinho-nao-fala-uma-palavra-mas-o-que-faz-com-a-bola-e-brincadeira
- (42) Falar sobre HIV é meu dia. Era algo que podia ser muito ruim que eu consegui fazer com que fosse muito bom. Eu consigo ajudar muita gente. Eu estudo **pra caramba**, preparo palestras. Além disso, consigo trabalhar com arte, e isso é um privilégio. Ser um artista assumidamente gay é difícil, quem dirá falando sobre HIV, falando sobre sexo. OP - Quais os novos desafios? Eles são antigos ou são novos mesmo? # Gabriel - A gente vence muita coisa, mas a gente ainda carrega muita coisa. O nosso desafio hoje tem muito a ver, de o ponto de vista estrutural, com o desmanche de a saúde. BR (17-11-30) <https://www.terra.com.br/esportes/lance/reforc-os-titulos-priorizar-libertar-carille-planeja-corinthians-para-2018,e540f26bdf22dc6c9894f15560bdaa47du2jdvu4.html>

A partir das observações, podemos concluir que o fato de os subesquemas veicularem sentido semântico-pragmático positivo ou negativo está relacionado a dois fatores: (i) ao grau de opacidade dos subesquemas e (ii) ao escopo. No caso do subesquema [morto de [X]], sua predileção está em veicular sentido negativo, uma vez que um de seus componentes é responsável por carregar uma carga semântica muito negativa, fato que demonstra que o subesquema ainda não se abstratizou completamente. Por consequência, seu escopo ainda é, na grande maioria, vocábulos que também veiculam sentidos negativos.

Quanto ao subesquema [podre de [X]], tem por finalidade escopar, majoritariamente, palavras veiculadoras de significados positivos, visto que a sua composicionalidade é bem menor comparada ao subesquema [morto de [X]] e sua abstratização está mais avançada, ou seja, o vocábulo *podre* não carrega mais a noção de algo estragado. Já o subesquema [pra caramba [X]], por se tratar de um subesquema intensificador que já foi reorganizado na língua e agora totalmente abstratizado, (seu significado não é mais literal) pode funcionar tanto para enfatizar uma situação comunicativa positiva ou negativa, já que seus escopos perpassam entre um sentido ou outro, entretanto, seu favoritismo é veicular sentidos positivos.

No próximo subcapítulo, analisamos em qual contexto (formal ou informal), ou gênero textual, os subesquemas intensificadores tendem a ocorrer.

6.9. Gênero textual em que o subesquema intensificador ocorre

É significativo investigarmos quais são os gêneros textuais em que os subesquemas intensificadores são mais frequentes, uma vez que, como aponta Marcuschi (2005), fundamentado em Bakhtin (1979), “os gêneros organizam a nossa fala e escrita assim como a gramática organiza as formas linguísticas”. Através do *corpus* utilizado na pesquisa, constatamos que os subesquemas intensificadores perifrásticos aparecem com frequência em quatro categorias de gêneros textuais: (i) textos ficcionais; (ii) textos orais; (iii) notícias ou matérias de jornal, blogues ou fóruns; (iv) textos acadêmicos. Atentemo-nos à tabela 4.

Subesquemas intensificadores	Gênero textual				TOTAL
	Textos ficcionais	Textos orais	Notícia ou matéria de jornal, blogues ou fóruns	Textos acadêmicos	
[morto de [X]]	31 (34%)	5 (5,4%)	53 (58,2%)	2 (2,4%)	91 (8,4%)
[podre de [X]]	3 (7,5%)	3 (7,5%)	31 (77,5%)	3 (7,5%)	40 (3,6%)
[[X] pra caramba]	37 (3,8%)	71 (7,4%)	828 (86,3%)	23 (2,5%)	959 (88%)
SUBTOTAL	71 (6,5%)	79 (7,2%)	912 (83,6%)	28 (2,7%)	1090 (100%)

Tabela 4 – Tipo de gênero textual em que o subesquema ocorre. Fonte: elaboração própria.

O subesquema perifrástico [morto de [X]] apresentou em primeiro lugar 53 ocorrências na categoria notícias ou matérias de jornal, blogues ou fóruns; posteriormente, 31 na categoria textos ficcionais; em terceiro, cinco ocorrências em textos orais; e por último, apenas duas ocorrências em textos acadêmicos. Já o subesquema [podre de [X]] apresentou a maior parte (31 ocorrências) na categoria notícias ou matérias de jornal, blogues ou fóruns, e três ocorrências nas demais categorias (textos ficcionais, textos orais e textos acadêmicos). Por sua vez, o subesquema perifrástico [[X] pra caramba] apresentou em primeiro lugar, 828 ocorrências) na categoria notícias ou matérias de jornal, blogues ou fóruns; em seguida, 71 ocorrências em textos orais; posteriormente, 37 em textos ficcionais; e por fim, 23 ocorrências em textos acadêmicos.²⁴

Com base nesses números, podemos tecer algumas considerações. A primeira delas diz respeito à alta frequência do subesquema [morto de [X]] em textos ficcionais, comparada com a baixa incidência dos demais subesquemas no mesmo tipo de gênero textual: 7,5% (3/40) em [podre de [X]] e 3,8% (37/959) em [[X] pra caramba]. Notamos que autores renomados, como Alberto Figueiredo Pimentel, Almeida Garrett, Casimiro de Abreu e José Lins do Rego, por exemplo, recorriam a tal construção para dar mais destaque e reforço a seus enredos, assim como caracterizarem seus personagens. No seguinte exemplo, o personagem se vale do subesquema para intensificar uma necessidade fisiológica dos outros personagens.

- (43) Nós foi que soltemos os presos da cadeia. Para que o senhor não foi dar de comer àqueles pobres, Seu Vigário? Estava tudo **mortinho de fome**. - São criminosos - respondeu o padre. - Criminosos coisa nenhuma. (19:Fic:Br:Rego:Pedra)

Num segundo momento, é possível ver que o gênero oral é o segundo tipo mais frequente no tocante à ocorrência do subesquema perifrástico [[X] pra caramba], como mostra o exemplo (44), somando 7,4% (71/959 ocorrências) do total de dados levantados.

- (44) Como será o novo disco? Fred 04 - Ele está mais balançado que os outros em termos de suingue. Está mais latino, alguns elementos de música caribenha, que não tem nos outros, que a gente curtiu pra caramba, na viagem para o México, e pegou algumas influências. 19Or:Br:Intrv:Com

²⁴ É importante destacar que não houve equilíbrio ou controle do corpus em relação aos gêneros, assim é natural que haja mais ocorrências nos textos “notícia ou matéria de jornal, blogues ou fóruns”. Todavia, esse déficit aconteceu porque no *corpus* há uma incidência maior de gêneros textuais escritos ao invés de falados.

Apesar de ser o subesquema mais frequente nesse gênero textual, seu número ainda é muito pequeno se comparado com o seu total (959 ocorrências), uma vez que o subesquema [[X] pra caramba] por já ter passado por um processo de abstratização, tornando-se mais opaco, é o mais frequente e produtivo nos contextos de interação do que os demais subesquemas. Ademais, outro tópico muito importante e que confirma que os subesquemas intensificadores estão consolidados na língua é o fato de eles estarem presentes não só em gêneros menos formais, como blogues e fóruns, texto oral e ficcional, mas também em gênero textual acadêmico, ou seja, um gênero mais rigoroso e formal, como podemos observar nos exemplos de (45) a (47).

- (45) Na longínqua quarta-feira santa de o ano de 1969, o jornalista carioca Zózimo Barrozo de o Amaral foi preso e levado para o Batalhão de a Polícia de o Exército, em a Tijuca. # No segundo dia em que estava em o local, sua esposa, Marcia Barrozo de o Amaral, conseguiu visitar- lo e levou uma cesta de a Lidador, fina loja de importados. A cestinha estava repleta de queijos camembert, brie, roquefort e outras estrelas de a fromagerie francesa. Zózimo, **morto de** vergonha com a ostentação em pleno território de os que brigavam por a ascensão de o proletariado faminto, colocou as iguarias em o mesão socialista. Depois, cochichando, deu um toque em Marcia: " da próxima vez traz catupiry". <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/cacau-menezes/a-esquerda-brasileira-continua-a-mesma-de-47-anos-atras>
- (45) Não passarão! A revolta já foi marcada por José Dirceu — solto, **podre de** rico e sambando em o pé — para o dia 24 de janeiro. O fabuloso caixa de a revolução, montado a o longo de 13 anos com o suor de o seu rosto, caro leitor, será derramado em a já lendária resistência democrática de a porrada. BR (17-12-16) <http://noblat.oglobo.globo.com/geral/noticia/2017/12/lula-la.html>
- (46) O vídeo, embora já antigo, acabou fazendo muita gente especular se o presidente eleito estaria ainda hesitante em o que diz respeito a a decisão. Bolsonaro, em o entanto, em o mesmo vídeo diz que nada tem contra palestinos e que um país deve ter o direito de decidir esse tipo de questão sem que a coisa seja vista como ofensa. # À pergunta feita por jornalista: " E se o BOLSONARO recuar " o pastor respondeu: " Ele vai perder crédito **pra caramba**. Porque ninguém pediu para ele prometer nada. Ninguém colocou faca em a garganta de ele para isso. Então, agora é melhor ele cumprir, porque vai ficar muito ruim para ele, em o meio de a comunidade evangélica. Vai perder muita coisa " BR (18-12-30) <https://www.sociedademilitar.com.br/wp/2018/12/so-os-generais-e-que-vaio-nomear-pergunta-silas-malafaia-no-evento-com-benjamin-netanyahunesse-domingo.html>

Ainda que o *Corpus do Português* apresente alguns problemas de composição, ele nos auxiliou na comprovação de nossa hipótese inicial: a de que o contexto propício para a ocorrência e propagação dos subesquemas intensificadores perifrásticos são os gêneros textuais menos formais, pois eles são construções cujo intuito é expressar níveis de intensificação excessivamente elevados acerca de algo, funcionalidade que emerge inicialmente em contextos de comunicação menos formais e vai aos poucos se expandindo para outros tipos de texto, conforme se vê na tabela 4. Diante disso, é por essa razão que a categoria (iii), composta por notícias ou matérias de jornal, blogues ou fóruns, foi a responsável por conter, majoritariamente, o número de ocorrências dos três subesquemas.

6.10. Grau de consolidação e produtividade dos subesquemas construcionais de intensificação [ADJ + PREP + [X]] e [[X] + PREP + N]

O único subesquema que permite o preenchimento do *slot* [N] por diferentes formas nominais, é o subesquema [[X] pra caramba], enquanto os outros dois subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]] são menos produtivos nesse sentido, por apresentarem mais restrições morfossintáticas de seleção. Logo, o subesquema intensificador [[X] pra caramba] é muito mais produtivo nos contextos de interação, em comparação com os outros dois, porque pode escopar um número significativo de elementos. No entanto, a produtividade não está relacionada à convencionalização na língua; dessa maneira, a repetição dos três subesquemas, por parte dos falantes, gerou habituação e, conseqüentemente, rotinização e automatização.

Todos os parâmetros analisados neste capítulo corroboraram para que respondêssemos a seguinte pergunta: *os subesquemas intensificadores, aqui analisados, já se consolidaram na língua portuguesa?* A nossa conclusão é a de que, sim, os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] já se cristalizaram. A convencionalização dos três subesquemas intensificadores acontece porque eles já formaram *nós* na língua, isto é, já fazem parte do repertório linguístico dos falantes e são utilizados no momento de interação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar três subesquemas intensificadores perifrásticos do português, a saber [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba], cujo intuito foi o de verificar o processo de construcionalização dessas construções rumo a construções intensificadoras no português, à luz dos pressupostos teóricos dos Modelos Baseados no Uso, aqui representados pelas propostas de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010). A nossa pesquisa se pautou pela seguinte pergunta: como se deu o processo de mudança linguística envolvendo tais construções que culminou na emergência de construções com função intensificadora no português? Assim, para respondermos a esse questionamento, buscamos investigar o percurso histórico desses subesquemas intensificadores ao longo das sincronias do português, a fim de levantar evidências morfossintáticas e semânticas que nos permitissem elencar os possíveis contextos que propiciaram a sua formação.

Fundamentados na abordagem construcional da linguagem (TRAUGOTT e TROUDALE, 2013) e na perspectiva teórica de Bybee (2010), tomamos como alicerce a definição de língua não só como um sistema dinâmico e adaptativo (que envolve variação e gradiência), mas também como um sistema de construções que estão interligadas em redes. Consequentemente, ver a língua em funcionamento, significa vê-la a serviço da comunidade de fala, a qual por sua vez funciona como um espaço onde os falantes podem compartilhar traços linguísticos que os diferenciem de outros grupos, comunicar-se mais entre em si do que com os outros grupos e compartilhar normas e atitudes linguísticas diante do uso da língua. Logo, é natural que a língua se adapte às necessidades dos falantes e sofra mudanças fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas ou pragmáticas ao longo do tempo; é natural, portanto, que novas formas linguísticas apareçam, entrem em contato com novos falantes e, caso cumpram as necessidades comunicativas, solidifiquem-se na língua.

Uma das maneiras que o falante tem para interagir com seu interlocutor é intensificando eventos, vontades, experiências e afins, que pode variar em conformidade com sua intenção comunicativa. Logo, para que essa intensificação ocorra, ele tem ao seu dispor um leque de possibilidades, como, por exemplo, o uso das expressões intensificadoras prototípicas ou simples, frequentemente citadas em gramáticas normativas, formadas por advérbios intensificadores como *muito* e *demais*, por exemplo. Tais construções revelam-se como muito produtivas e desempenham um papel importantíssimo na língua portuguesa; entretanto, tais

intensificadores, juntamente com prefixos e sufixos superlativos, tornam-se desbotados, gradualmente, porque, na prática, há um desgaste da força semântica por serem frequentemente utilizados e por estarem habituados entre os falantes.

Dessa maneira, por haver a necessidade de formas mais expressivas na língua, em que o falante consiga externar um valor superelevado acerca de alguma característica, pessoa, evento, entre outros, é que os subesquemas intensificadores perifrásticos emergem durante o processo de interação social. Através de uma reorganização de estruturas já existentes, novas estruturas linguísticas emergem na língua, isto é, o falante se pauta por estruturas já existentes (estruturas esquemáticas e composicionais) para criar novas estruturas (menos esquemáticas e menos composicionais) que servirão de intensificadores. Por conseguinte, os subesquemas intensificadores [morto de [X]], [podre de [X]] e [[X] pra caramba] estruturam-se a partir de um novo pareamento entre forma e significado, configurando-se como uma construção (encadeamento) de natureza autônoma e rotinizada, que pode incluir posições fixas e abertas.

Em razão dos dados levantados e da análise realizada, parece ser possível dizer que a formação desses subesquemas intensificadores perifrásticos se deu a partir de contextos que envolviam, no caso dos subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]], algum tipo de modificação/qualificação/caracterização, operação tipicamente ligada a formas adjetivais, e, no caso do subesquema [[X] pra caramba], de contextos que envolviam as categorias cognitivas de força e/ou medida/quantificação de força ligadas ao órgão genital masculino.

Nesse ponto, nossa pergunta inicial de como se deu o processo de mudança linguística já fora respondida, no entanto, outra pergunta se mostrou relevante: *por serem formados por diferentes subesquemas [ADJ + PREP + [X]] e [[X] + PREP + N], os subesquemas de intensidade terão também características diferentes e estarão, todos, consolidados na língua?* Para respondermos a esse questionamento elencamos nove parâmetros de análise baseados na teoria construcional da linguagem e analisamos as 1090 ocorrências extraídas do *Corpus do Português*, e constatamos que sim, cada esquema tem propriedades distintas e já estão consolidados na língua. Observemos a tabela abaixo com as características de cada um dos subesquemas intensificadores.

Parâmetros	[[X] pra caramba]	[podre de [X]]	[morto de [X]]
Generalização esquemática	Mais genérico, abstrato e inclusivo.	Genérico, específico e não-inclusivo.	Genérico, específico e não-inclusivo.
Tipos de ligação	Ligação de extensão metafórica (+ concreto para + abstrato).	Ligação de particularidade (apresenta restrições de composição).	Ligação de particularidade (apresenta restrições de composição).
Transparência semântica	opaco (desvincilhou-se do sentido primário).	mais ou menos transparente (ainda não se distanciou totalmente do sentido primário).	mais ou menos transparente (ainda não se distanciou totalmente do sentido primário).
Flexão	Não aceita nenhum tipo de flexão	Aceita flexão em número	Aceita flexão em número e em gênero
Derivação	Não permite derivação aumentativo/diminutivo	Permite derivação aumentativo/diminutivo	Permite derivação aumentativo/diminutivo
Tipo de modificação	Escopa, na grande maioria, verbos (44%) e adjetivos (40%)	Escopa somente adjetivos (100%)	Escopa, principalmente, substantivos (81%)
Valor semântico-pragmático	Veicula sentido positivo (62%)	Veicula sentido positivo (90%)	Veicula sentido negativo (87%)
Gênero textual	1º notícia ou matéria de jornal, blogues e fóruns; 2º textos orais	1º notícia ou matéria de jornal, blogues e fóruns	1º notícia ou matéria de jornal, blogues e fóruns; 2º textos ficcionais
Consolidação e produtividade	O slot [X] pode ser preenchido por diferentes elementos	O slot [X] apresenta restrições quanto ao preenchimento	O slot [X] apresenta restrições quanto ao preenchimento

Quadro 1 – Características dos subesquemas intensificadores. Fonte: elaboração própria.

Dessa maneira, os subesquemas [morto de [X]] e [podre de [X]], pertencentes ao subesquema [ADJ + PREP + [X]], por serem semiabertos (genéricos, específicos e não-inclusivos), mais ou menos transparentes, formados por ligação particular, permitirem derivação e flexão de número e de gênero, e apresentarem restrição quanto ao elemento modificado, são menos produtivos no português, no entanto já se consolidaram na língua.

Em contrapartida, o subesquema [[X] pra caramba], pertencente ao subesquema mais geral [[X] + PREP + N], é totalmente aberto (mais genérico, abstrato e inclusivo), opaco, sua ligação é de extensão metafórica, não permite derivação e flexão nem de número nem de gênero e seu *slot* [N] pode ser preenchido por diferentes elementos, o que se lhe confere um grau maior de produtividade, tornando-se, também, consolidado na língua. Assim, em razão da análise

realizada, os subesquemas de intensidade formados pelos subesquemas mais gerais [[X] + PREP + N] e [ADJ + PREP + [X]] já estão consolidados na língua portuguesa. Porém, mesmo um subesquema sendo mais produtivo que outro, concluímos que os subesquemas intensificadores perifrásticos, estudados nesta dissertação, com surgimento datado desde o século 16 e ampliado no século 21, configuram-se como um recurso de intensificação muito efetivo e produtivo no português, uma vez que emergiram com a função de sanar lacunas existentes durante a interação entre os falantes.

Nesse contexto, quando o falante necessita de exprimir níveis superelevados de intensificação acerca de algo ou de alguém, a fim de modificar a intenção pragmática de seu interlocutor, ele, provavelmente, lançará mão desses subesquemas intensificadores. Isso porque é através da noção hiperbólica presente em *morto de*, *podre de* e *pra caramba*, que o falante consegue exprimir exagero, o que ocorre, respectivamente, em razão das operações de projeção metafórica envolvendo as experiências do falante com os processos atinentes à morte, à podridão e à virilidade/força do órgão genital masculino. Assim, a noção de morte é transferida metaforicamente para expressar intensidade; a ideia de algo putrefato, de estágio máximo de esfacelamento da matéria, é transferida para a noção hiperbólica de intensidade, e a ideia de virilidade do órgão genital masculino também passa pelo mesmo processo, ainda que se comportem na gramática de formas distintas, como vimos no capítulo anterior. Ademais, é notório que, gradativamente, os subesquemas intensificadores perifrásticos consigam se fazer presentes em novos espaços de comunicação, conquistando não só novos adeptos, como também permeando novos contextos, uma vez que apesar de serem usados, frequentemente, em contextos menos formais, eles estão sendo utilizados até mesmo em contextos mais formais, como os textos acadêmicos, por exemplo, fato que comprova o processo de consolidação dos subesquemas de intensificação na língua.

Por fim, por se tratar de um assunto ainda pouco estudado, a contribuição desta pesquisa não busca esgotar a discussão sobre o tema, mas sim apresentar um mapeamento inicial acerca do comportamento morfossintático, semântico e pragmático de três subesquemas intensificadores no português. Como pesquisadores da linguagem, sabemos que o trabalho de pesquisa nunca se finda em uma única discussão, e a nossa conclusão aqui não é um ponto final, mas sim um ponto de partida para que novas pesquisas possam ser realizadas a partir dos questionamentos formulados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. (Org.) *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECHARA, E. Para quem se faz uma gramática? In: NEVES, M. H. M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.) *Gramáticas contemporâneas do Português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.
- BYBEE, J. Lexical diffusion in regular sound change. In: RESTLE, D., ZAEFFERER, D. (Eds.), *Sounds and systems*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002, p. 59-74.
- BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticization. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (Eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 602-623.
- CASTILHO, A. T. Linguística Cognitiva e tradição funcionalista. *Estudos Linguísticos XXXII*, São Paulo, 2002. Disponível em:
<<http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/amesa.htm>> Acesso em: 10 de maio de 2017.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012. Acesso em: jun. 2011. CEZARIO, M. M., PINTO, D. C. M. P., ALONSO, K. S. B. Uma resenha de "Language, usage and cognition". *Revista Linguística*. v. 8, n. 1, 2012.
- CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (Orgs.). *Introdução à Linguística – I. objetos teóricos*. 6ª ed. São Paulo, Contexto, 2015, p. 141-163.
- CORREIA, M. O léxico na economia da língua. *Ciência da informação*, v. 24, n. 3, 1995.
- COSTA, I. O. A construção superlativa de expressão corporal: uma abordagem construcionista. *Dissertação de mestrado (Linguística)*. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- CROFT, W. *Radical Construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. RJ: Fronteira, 1985.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: News on the Web (NOW) e Web e Dialectos*. Disponível online em <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em 20 jul 2019.
- DIK, S. *The Theory of Functional Gramma*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

DUCROT, O. *Princípios de Semântica Linguística (dizer e não dizer)*. Tradução de VOGT, C.; ILARI, R.; FIGUEIRA, R. A. São Paulo: Cultrix, 1977.

FERRARI, L. V. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, 64, 3, 1988, p. 501–538.

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. A. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. São Paulo: *Alfa*, v. 60, n. 2, p.319-340, 2016

FURTADO DA CUNHA, M. A., TAVARES, M. A. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. Campina Grande: *Ariús*, v. 1, n.2, p. 156-162, 2007.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism and nonarbitrary coding in syntax. In Jon Haiman (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, p. 187-219, 1985.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDVARB X. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVEZ, S. C.; SOUZA, E. R. F. Material preparado para a disciplina de *Tópicos especiais em análise linguística: modelos baseados no uso*, ministrada no Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2018.

HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In. Pagliuca, W. (Ed.), *Perspectives on grammaticalization*, 3–28. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.

HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (Ed.). *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1994, p. 255-87.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

LACERDA, P. F. A. C.; OLIVEIRA, N. F. Abordagem construcionista na gramaticalização. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014, p. 51-62.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 1980. *Metaphors We Live By*. Chicago, University of Chicago Press.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*, vol. I. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LIMA-HERNANDES, M. C. *Perífrases elativas de função intensificadora: rotas de Gramaticalização no Português*. Apresentação de trabalho, 2009.

MARTELOTTA, M. E. Dupla articulação. In.: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 37-41.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, Karen. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson Rosa (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas* (Vol. 1). São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CESÁRIO, M. M. Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

MONNERAT, R. S. M. A intensificação como estratégia argumentativa no discurso da publicidade. *Cadernos Neolotinos*, UFF, Niterói, n. 6, p. 1-6, 2010.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo, Parábola, 2012.

NEVES, M. H. As relações entre ciência linguística, uso linguístico e as noções de “certo” e “errado”. In.: _____. *Que gramática estudar na escola?* São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 49-63.

NEVES, M. H. H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. *Linguística Centrada no uso: teoria e método*. RJ: Lamparina, Faperj, 2015, p. 22-34.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. *DELTA*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 291-313, mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502017000100291&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2019.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, a sair.

RBRUL. Disponível em: <<http://cran.r-project.org/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa: curso médio*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da linguagem. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SACKS, S. (Org.). *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SCALDELAI, A. L. Um estudo cognitivo-funcional das construções intensificadoras no português brasileiro. *Relatório Parcial de Iniciação Científica*. São José do Rio Preto: Fapesp, 2017.

SCALDELAI SALLES, A. L.; SOUZA, E. R. F. Um estudo construcional da microconstrução intensificadora “[X] pra caramba” no português brasileiro. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 22, n.1, 2020.

SILVA, A. S. *A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. Disponível em: <<http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/Linguística%20Cognitiva.pdf>> Acesso em: 06 de jul. 2018.

SILVA, A. S. Evolucionismo e mudança linguística: relevância do modelo evolucionista e integração sociocognitiva. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 2012, p. 37-54.

SILVA, B. C., SOUZA, F. F. F., ANDRADE, W. C. Intensificação no Português Falado. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, n. 1, p. 1-11, 2009.

SILVA, J. R. A intensificação numa perspectiva funcional. *Odisseia*, n. 1, UFRN, Natal, 2008.

SILVA, J. R. Aspectos mórficos e semântico-pragmáticos do grau. In.: MARTINS, M. A. *Gramática e ensino*. Natal: EDUFRN, 2013, p. 117-144.

SILVA, J. R. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 201-218, 2º sem., 2006.

SILVA, M. D. Um estudo de “um belo dia” na perspectiva da gramática de construções. *Dissertação de Mestrado* (Estudos Linguísticos). Goiânia, UFG, 2017.

SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

THUROW, A. C; PRESTES-RODRIGUES, L. S. Metáforas conceptuais sobre o corpo: um estudo do discurso de universitários. *Caleidoscópio*, Unisinos, v. 14, n. 3, p. 509-518, set/dez 2016.

TRAUOGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUOGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VIEIRA, M. S. M. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 99- 125, jul/dez, 2014.

VIEIRA, S. R.; VIEIRA, M. S. M. Expressão de grau: para além da morfologia. *Cadernos de Letras da UFF – Literatura, língua e identidade*, 34, p. 63-83, 2008.